

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

VALLERIA ARAUJO DE OLIVEIRA

**PERIGUETES, SAPATÕES E MULHERZINHAS: (DES) CONSTRUINDO O
QUE É “SER MULHER” NO CAMPO DE FUTEBOL**

GOIÂNIA

2014

VALLERIA ARAUJO DE OLIVEIRA

**PERIGUETES, SAPATÕES E MULHERZINHAS: (DES) CONSTRUINDO O
QUE É “SER MULHER” NO CAMPO DE FUTEBOL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, para fins de obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Telma Camargo da Silva

GOIÂNIA

2014

VALLERIA ARAUJO DE OLIVEIRA

**PERIGUETES, SAPATÕES E MULHERZINHAS: (DES) CONSTRUINDO O
QUE É “SER MULHER” NO CAMPO DE FUTEBOL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, para fins de obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Aprovado pela Banca Examinadora em _____ de 2014.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Telma Camargo da Silva – PPGAS/UFG
Orientadora

Profa. Dra. Carmem Rial – PPGAS/UFSC
Leitora

Prof. Dr. Camilo Braz de Albuquerque – FCS/UFG
Leitor

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer àqueles e àquelas que, nesses últimos dois anos, foram imprescindíveis para que eu pudesse materializar aquilo que eu tinha como sonho e meta desde quando conheci o mundo da pesquisa – o mestrado.

Agradeço a minha mãe e aos meus irmãos pelo apoio, carinho, paciência e compreensão durante esse período, especialmente ao meu sobrinho Guilherme e minha sobrinha Luana por tornarem os meus dias mais felizes e plenos.

Às minhas grandes amigas, Cruvinel, Elis, Herika, Dennia, Amandinha e Tati. Aos meus/minhas colegas de turma do mestrado – Jorge, Alessandra, Cris e Mayara por dividerem momentos de felicidade e também os momentos de angústia.

Um agradecimento especial às interlocutoras/jogadoras desta pesquisa por me proporcionarem momentos de descontração, alegria e muito futebol, bem como a possibilidade de materializar esta pesquisa, especialmente à *Fabiana* que não mediu esforços para que os jogos acontecessem. Ao *Fábio*, proprietário do *Brazil Escola de Futebol*, por nos receber tão bem neste espaço e por partilhar do momento de diversão conosco – o jogo.

Ao professor Camilo Braz e à professora Eliane Gonçalves por contribuírem de forma direta com o meu processo de formação, tanto nas disciplinas, nas conversas de corredor e na participação da banca na qualificação e defesa.

Agradeço à Carmem Rial por se disponibilizar em ler a dissertação e participar da arguição mesmo em momento dos inúmeros compromissos.

À Telma Camargo – obrigada pela prontidão e pela orientação impecável. Meu sincero carinho e admiração.

“Você pode descobrir mais sobre uma pessoa em uma hora de brincadeira do que em um ano de conversa”.

(Platão)

RESUMO

Este trabalho situa-se no âmbito da pesquisa social e apresenta-se como uma etnografia. Esta pesquisa investigou como as identidades de gênero das jogadoras de futebol que praticam essa modalidade como lazer em dois espaços na cidade de Goiânia, Goiás, são vivenciadas e percebidas nesses lugares. Como instrumento de coleta de dados, foi utilizada a observação participante, bem como a aplicação de questionários socioeconômicos e entrevistas semiestruturadas. A análise e a descrição dos dados possibilitaram compreender como as identificações de gênero dessas mulheres são percebidas e como essas jogadoras atuam em espaços/lugares socialmente eleitos pelo senso comum como predominantemente masculinos, especificamente o campo de futebol.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol praticado por mulheres; Lazer; Subjetividades; Identidades de gênero.

ABSTRACT

The scope of this study is a social research and presents itself as ethnography. This research investigates how gender identities of the female soccer players who practice this sport as leisure in two spaces in the city of Goiânia, Goiás are experienced and perceived in these locations. As an instrument for data collection it was used the observations of participants as well as the implementation of socio-economic questionnaires and semi-structured interviews. The analysis and description of the data enabled us to understand how gender identifications of these women are perceived and how these female players act in spaces/places socially elected by common sense as predominantly male, specifically the soccer field.

KEYWORDS: Soccer practiced by women, Leisure, Subjectivities, Gender identities.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

FEF – Faculdade de Educação Física

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

FGTS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço

INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social

JUB'S – Jogos Universitários Brasileiros

PUC – Pontifícia Universidade Católica

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa das regiões da cidade de Goiânia-Goiás	17
Figura 2 – Quadra de futebol <i>Society</i>	18
Figura 03 – Quadra de futsal	19
Figura 04 – “Uma noite de muito futebol e diversão.....	29
Figura 05 – “Homens de um lado e mulheres do outro.....	32
Figura 06 – “Homens e mulheres dividindo o mesmo jogo.....	33
Figura 07 – Imagem da quadra <i>society</i> que objetiva ilustrar as posições das jogadoras em quadra	38
Figura 08 – Espaço <i>Brazil Escola de Futebol</i>	46
Figura 09 – Imagem da lanchonete ao fundo, dos frequentadores e das jogadoras sentadas próximas ao campo aguardando horário do jogo.....	47
Figura 10 – Espaço <i>Bar do Waldo</i>	48
Figura 11 – Mapa da localização geográfica e trajeto entre os grupos de jogadoras de futebol. Distância de 3,5 km entre os locais. Ambos localizados na região sudoeste de Goiânia-GO.....	48
Figura 12 – “Mulherzinhas.....	119
Figura 13 – “Periquete”.....	119
Figura 14 – “Sapatão”.....	120
Figura 15 – “Apenas homens”	123
Figura 16 – “Apenas uma mulher”	124
Figura 17 – Homens e mulheres dividindo o mesmo espaço.....	145
Figura 18 – “Uso do colete para diferenciar os times”.....	147
Figura 19 – “Me sinto feminina”.....	151
Figura 20 – “Me sinto masculina”.....	151
Figura 21 – Pirâmide	158

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Gráfico referente ao estado civil das jogadoras	51
Gráfico 02 – Gráfico referente à escolaridade das jogadoras	51
Gráfico 03 – Gráfico referente à identificação de gênero das jogadoras	54
Gráfico 04 – Gráfico referente à orientação sexual das jogadoras	57
Gráfico 05 – Gráfico referente à religião das jogadoras	57
Gráfico 06 – Gráfico referente à prática de lazer preferida das jogadoras	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Tabela referente à idade das jogadoras.....	49
Tabela 02 – Tabela referente aos cursos de graduação das jogadoras	52
Tabela 03 – Tabela referente à renda mensal das jogadoras	52
Tabela 04 – Tabela referente ao imóvel que as jogadoras residem	52
Tabela 05 – Tabela referente ao meio de locomoção das jogadoras	52
Tabela 06 – Escala do Ato performativo de gênero.....	104

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	21
JOGADORA ANTROPÓLOGA OU ANTROPÓLOGA JOGADORA?	21
1.1 CAMINHOS QUE ME LEVARAM A ESTE ESTUDO.....	22
1.2 NOTAS DE UMA JOGADORA/ ANTROPÓLOGA.....	27
CAPÍTULO II	41
DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: COMPREENDENDO UM LUGAR DE DIVERSÕES PARA MULHERES CHAMADO CAMPO DE FUTEBOL	41
2.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	41
2.2 CAMPO DE FUTEBOL: UM LUGAR DE DIVERSÃO PARA MULHERES	44
2.3 PERFIL DAS JOGADORAS.....	49
2.4 QUEM SÃO ELAS?.....	59
2.4 VOZES: MULTIPLICIDADES EM QUESTÃO	78
2.5 PRODUÇÃO ANTROPOLÓGICA E O FUTEBOL JOGADO POR MULHERES	84
CAPÍTULO III	86
COMPREENDENDO ESPORTE E LAZER PRATICADO POR MULHERES	86
3.1 AS TRÊS DIMENSÕES DO ESPORTE	86
3.2 LAZER COMO DIREITO DE TODOS E TODAS.....	88
3.3 CONFLITOS E ESTIGMAS NO FUTEBOL PRATICADO POR MULHERES	98

3.4 PERSPECTIVAS E ESTUDOS DO ESPORTE PRATICADO POR MULHERES	108
.....	116
CAPÍTULO IV	116
CORPORALIDADE, REPRESENTAÇÃO E SUBJETIVIDADE: O “SER MULHER” NO CAMPO DE FUTEBOL	116
4.1 AUTORREFERÊNCIAS: PERIGUETES, MULHERZINHAS E SAPATÕES	116
4.2 VIRILIDADES E MULHERES.....	121
4.3 O FUTEBOL NOS UNE, MAS A CLASSE NOS SEPARA.....	138
4.4 DE COMPANHEIRAS DE JOGO A CORPOS DESEJÁVEIS: HOMENS E MULHERES QUE DIVIDEM O MESMO ESPAÇO.....	142
4.4 “NÃO É A ROUPA QUE EU USO QUE VAI DEFINIR A MINHA SEXUALIDADE”: GÊNERO E PERFORMANCES SOCIAIS	148
.....	162
CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
GLOSSÁRIO	169
REFERÊNCIAS	171
APÊNDICE I	176
APÊNDICE II	178
APÊNDICE III	180
APÊNDICE IV	182

INTRODUÇÃO

“Subjetividade” sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre “quem nós somos”. [...] Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual adotamos uma identidade. (KATHRYN WOODWARD, 2000, p. 55)

Esta pesquisa abordou como as identidades de gênero das mulheres jogadoras de futebol como lazer são percebidas nos espaços *Brazil Escola de Futebol* e no *Bar do Waldo*, na cidade de Goiânia-Goiás. Buscou-se compreender como se dá a identificação dessas praticantes e como o olhar do outro interferiu/interfere na construção do “eu” – da identidade dessas jogadoras.

O futebol praticado por mulheres foi proibido no Brasil entre os anos de 1940 a 1970 e, durante esse período, era permitido apenas para os homens, sendo a arquibancada o único lugar permitido a elas.

No *Brazil Escola de Futebol*¹, foi possível perceber resquícios desses 30 anos de proibição somados a séculos da dominação masculina. Nesse local, o único grupo de mulheres que pratica o futebol é o das interlocutoras desta pesquisa, de modo que a presença de demais mulheres neste espaço se restringe apenas à “arquibancada” e a funcionárias – “*Vocês são as únicas mulheres que jogam aqui (as únicas?) Sim, nunca apareceu mais nenhum outro grupo procurando quadra pra alugar*” (Fábio – proprietário do *Brazil Escola de Futebol*).

Ao abordar sobre mulheres que praticam esportes, a mídia “naturaliza” o que é “norma” e vincula a construção social do “ser mulher” ao “ser feminina”, na qual a vaidade e a feminilidade não podem cair no esquecimento das esportistas. Isto é, uma mulher pode praticar esportes, mas não pode deixar de “ser feminina”.

¹ Refiro-me neste momento apenas ao espaço *Brazil Escola de Futebol*, pois as atividades no *Bar do Waldo* tiveram seus encontros para o futebol como lazer encerrados pelas jogadoras – ver capítulo II.

Os constructos sociais e culturais heteronormativos relacionam o sexo biológico do sujeito ao gênero, ou seja, pessoas que nascem com uma vagina estão fadadas a serem femininas, e pessoas que nascem com um pênis estão destinadas a serem masculinas. Ao fugir dessa norma social, o deslocamento de um determinado gênero a outro sexo biológico é tido como desvio – penalizando assim aqueles/ aquelas que reelaboram/ reinventam ou migram para o gênero “inverso” ao sexo que lhe foi determinado.

Quando jogo futebol com alguns grupos de mulheres, sempre vejo a relação entre o “ser feminina” ou “ser masculina” nos jogos, assim como a maneira e os modos com os quais as jogadoras se autorreferenciam e marcam suas companheiras de jogo, e como os homens ou mulheres que frequentam esses espaços observam essas mulheres.

Ser delicada, frágil, usar roupas que delineiam o corpo, ser uma boa esposa e uma boa mãe – essas são algumas das características destinadas às mulheres por esses constructos sociais que as marcam como “mulheres de verdade”, isto é, para “ser mulher” é também preciso “ser feminina”. Em contrapartida, ser viril, forte, destemido, pai de família, responsável pelo sustento da casa – são características destinadas aos homens – “sinônimo” de masculinidade.

Se fizermos um apanhado histórico das relações homem/mulher dentro do esporte, será possível perceber disparidades das modalidades esportivas influenciadas pelas construções socioculturais que designam os homens como sujeitos fortes e viris, e as mulheres como frágeis.

Modalidades que não exigem muito contato e impacto entre os/as praticantes, como a dança, voleibol, patinação e ginástica rítmica, dentro da sociedade brasileira, são consideradas pelo senso comum como práticas corporais femininas – destinadas às mulheres. Já o futebol, as lutas, *rugby* dentre outras modalidades esportivas que exigem contato e uso demasiado da força são consideradas masculinas – para homens.

As regras das modalidades esportivas de alto rendimento² dividem homens e mulheres nessas práticas, intitulado-as como masculinas e femininas, respectivamente. Entretanto, no esporte praticado como lazer, não há

² Ver capítulo II – 2.1 As três dimensões do esporte.

uma normatização dessa separação entre homens e mulheres/ masculino e feminino, mas há a herança sociocultural que reforça e reproduz marcadores sociais de gênero.

Portanto, neste trabalho, questões referentes a conceitos ligados às três dimensões do esporte³ e à prática do lazer fazem-se presentes devido à importância de situar o leitor com relação às diferenças e aos determinantes sociais que envolvem as temáticas: esporte e lazer.

Lazer é, pois, uma prática executada em um momento de não obrigação, livre, e de forma espontânea (MARCASSA, 2003), em que determinantes sociais como classe estão relacionados às “formas disponíveis de lazer” (MIGUEL; RIAL, 2012).

O lazer praticado pelas jogadoras do *Brazil Escola de Futebol* é realizado nas quintas-feiras, às 22 horas, devido aos horários de trabalho dessas mulheres. Algumas trabalham nos turnos matutino, vespertino e/ou noturno, de modo que a prática desse lazer em outro horário seria inviável para algumas dessas jogadoras.

Assim, problematizo também, nesta pesquisa, a relação do lazer com o trabalho, analisando-o como uma possibilidade de acesso em que os marcadores sociais de classe, idade e gênero fazem-se presentes. E isso pensado segundo o conceito de trabalho apontado por Marx, cuja essência humana, a natureza humana e a realidade humana estão fundamentadas no trabalho – o qual o ser humano age sobre a natureza adaptando-a a si.

Outro ponto que ainda problematizo são as políticas públicas, pois o lazer, conforme a Constituição Federal do Brasil, é um direito de todos e todas, porém a aplicabilidade dessa lei não fica a cargo do Estado e sim do indivíduo e suas possibilidades.

Ex-atleta, praticante de futebol como lazer, professora de Educação Física, especialista em Políticas Públicas e antropóloga, é assim que me coloco neste trabalho. A minha formação acadêmica e pessoal estão presentes nesta pesquisa, juntamente com um olhar atento e disciplinado para o campo de pesquisa, que se reflete a partir dos referenciais teóricos que tangem as

³ Esporte educacional, esporte de alto rendimento, esporte de participação ou de lazer.

categorias trabalhadas: subjetividades, identidade de gênero, sexualidade, sociabilidade, lugar, lazer e futebol praticado por mulheres.

A pesquisa, a princípio, foi delineada para ser realizada em dois locais: *Brazil Escola de Futebol*⁴, onde há um grupo com cerca de 15 jogadoras que se reúnem para a prática do futebol *society*; e o *Bar do Waldo*⁵, onde há um grupo de mais ou menos 12 jogadoras que se reúnem para jogar futsal. Esses dois espaços estão localizados na região sudoeste da cidade de Goiânia-Go e permitem a prática do futebol como lazer.

No futebol como lazer realizado nesses espaços, a quantidade de jogadoras que frequenta esses grupos não é fixa, pois não são grupos fechados, permitindo assim levar outras jogadoras que não fazem parte do grupo inicial e fundador.

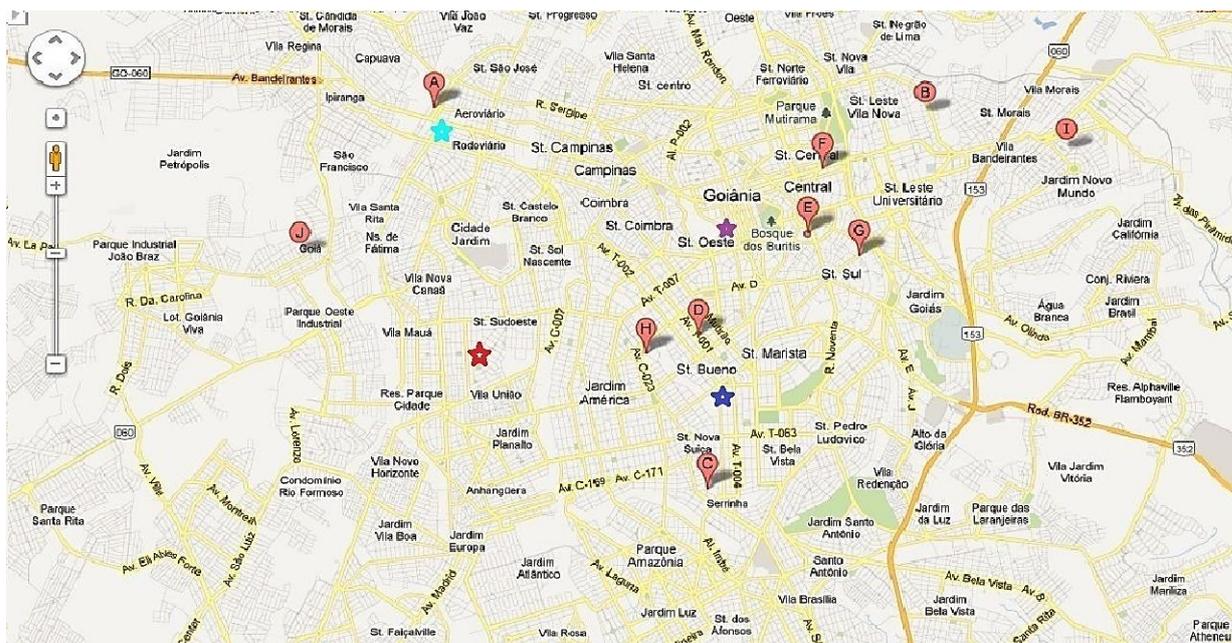


Figura 01 – Mapa das regiões da cidade de Goiânia-Go. Segue legenda para as regiões em destaque: região norte ; região central ; região sul ; região sudoeste  (região onde foi realizada a etnografia).

⁴ Localizado no Bairro Sudoeste em Goiânia - Goiás.

⁵ Localizado no Bairro Cidade Jardim em Goiânia - Goiás.

Considero importante apontar as diferenças entre o futebol *society* e o futsal porque, embora ambos façam parte da mesma modalidade – o futebol, há uma ligeira mudança nas regras, na quantidade de jogadores/ jogadoras, bem como há diferença no tipo de piso e no tamanho do campo *society* e da quadra de futsal. Outro ponto importante também é a diferença de preço no aluguel desses espaços, tendo o campo *society* o aluguel de maior valor, pois necessita de uma manutenção periódica.

No futebol *society*, joga-se com sete jogadoras/jogadores de cada lado e o campo se constitui por um gramado natural ou sintético e tem como medidas oficiais: comprimento (mínimo:40 m / máximo: 60 m); largura (mínima: 20 m/ máxima: 40 m), a bola tem de 68 a 69 cm de circunferência cuja referência é o “quique” no campo, ou seja, é uma bola mais leve:

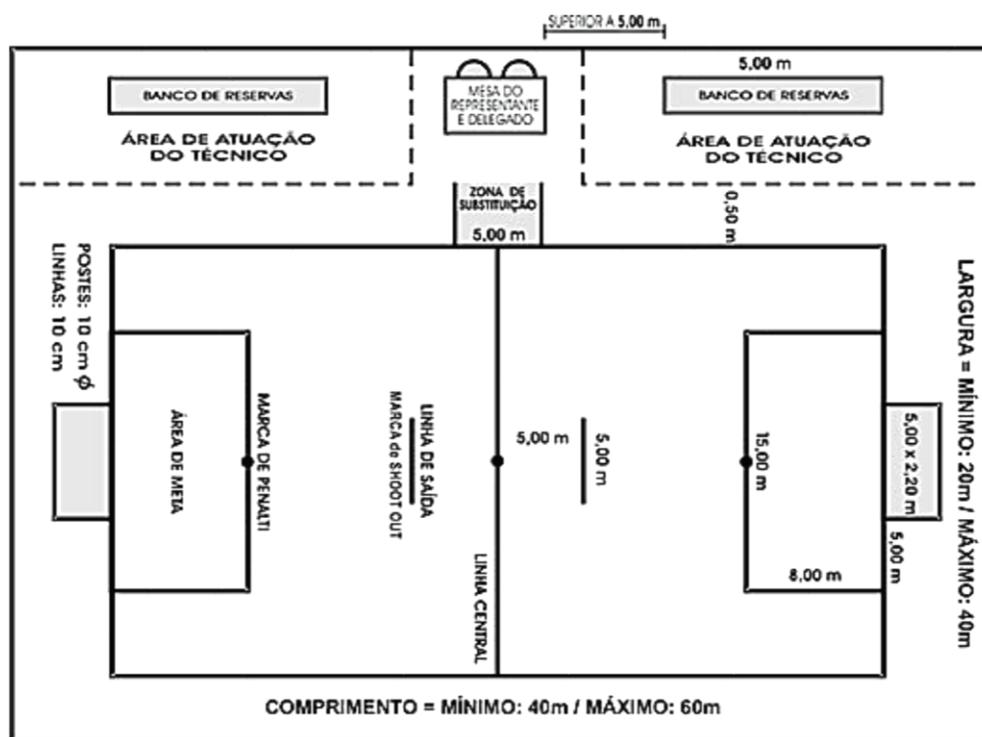


Figura 02 – Quadra de futebol *Society*.

Já no futsal, joga-se em quadra regular de piso rígido cujas medidas oficiais são: comprimento (mínimo: 38,00 m/ máximo: 42,00 m); largura (mínima: 18,00 m/ máxima: 25,00 m) com cinco jogadores (as) de cada lado – a bola tem de 62 a 64 cm de circunferência e permite um jogo mais rasteiro, ou seja, a bola é mais pesada que a utilizada no campo/*society*, permitindo poucos “quiques” em quadra:

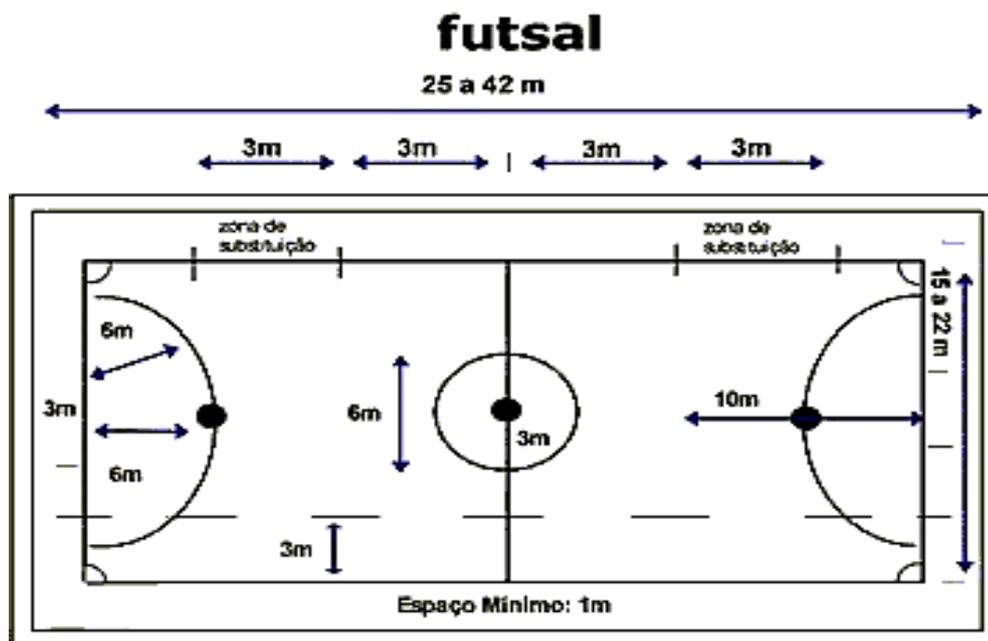


Figura 03 – Quadra de futsal.

No meu projeto inicial de pesquisa, apontei o grupo de mulheres que se encontrava no *Brazil Escola de Futebol* e no *Bar do Waldo* como possibilidade de interlocutoras da pesquisa, entretanto o grupo de jogadoras do *Bar do Waldo* encerrou suas atividades após o primeiro encontro, fazendo parte dessa pesquisa apenas como observação preliminar.

Quando percebi que o *Bar do Waldo* seria um campo interessante para pesquisa, procurei a *Jéssica* via *facebook*, jogadora que me apresentou a esse grupo, para darmos continuidade aos encontros. Ao lhe perguntar quando seria o próximo jogo, *Jéssica* me contou que esse grupo não iria se reunir novamente devido às agressividades e discussões ocorridas no último jogo o qual participei.

[...] é um grupo que não tem como firmar não. Uma foi chamando a outra por acaso. Não é um grupo permanente e de amigas, aí fica difícil de continuar, ainda mais depois do último jogo. Só pancadaria e briga. (Jéssica)

Embora esse grupo não tenha continuado, destinarei um espaço deste trabalho⁶ para falar o que vi, ouvi e vivenciei em campo naquele dia.

Quando me propus compreender como são percebidas as identidades de gênero das jogadoras de futebol do *Bar do Waldo* e do *Brazil Escola de Futebol*, na cidade de Goiânia-Goiás, meu objetivo foi compreender como se dava o processo de identificação/ construção de gênero dessas mulheres frente ao gênero imposto, reproduzido ou reinventado.

Desse modo, este trabalho teve como objetivo compreender como se dá e qual a percepção das jogadoras de futebol e dos frequentadores (as) com relação à identidade de gênero dessas mulheres que praticam o futebol como lazer nesse espaço – isto é – como as jogadoras se percebem e percebem suas companheiras de jogo, e ainda como são percebidas pelos frequentadores (as) com relação às identidades de gênero. Assim, utilizei pseudônimos para identificar minhas interlocutoras e interlocutores ao longo do trabalho.

Fui então em busca da relação estabelecida entre a subjetividade e o socialmente aceito/imposto, do modo como se percebiam e como os outros/as as percebiam.

Para isso, este trabalho, de característica essencialmente etnográfica, foi desenvolvido em quatro capítulos: Capítulo I – Jogadora antropóloga ou Antropóloga jogadora?; Capítulo II – Dos procedimentos metodológicos: compreendendo um lugar de diversão para mulheres chamado campo de futebol; Capítulo III – Compreendendo esporte e lazer praticados por mulheres; Capítulo IV – Corporalidade, representação e subjetividades: “ser mulher” no campo de futebol.

O primeiro capítulo apresenta como se deu a minha “participação-observante” (WACQUANT, 2002) nesta pesquisa em que relato as questões que me levaram a estudar as temáticas gênero e mulheres que praticam o futebol, bem como se deu a minha construção de jogadora de futebol antropóloga.

⁶ Ver capítulo IV – 4.2 Virilidades e Mulheres.

Já no segundo capítulo, discorro sobre os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa na qual faço a contextualização empírica dos campos de pesquisa *Brazil Escola de Futebol e Bar do Waldo*, mapeando também o perfil das jogadoras através da análise dos questionários socioeconômicos e das multiplicidades de vozes presentes nesse campo. Neste capítulo, apresento também como a Antropologia tem abordado a temática “futebol e mulheres”.

O terceiro capítulo consiste na análise dos conceitos ligados ao esporte e suas manifestações, objetivando também compreender como o lazer se configura dentro das políticas públicas, compreendendo como se dão as problemáticas ligadas à prática do lazer por mulheres, especificamente o futebol.

Já no quarto capítulo, abordo questões centrais que apareceram em campo: autorreferências; masculinidades, virilidades e feminilidades; cultura material – vestuário e acessórios.

Durante a escrita deste trabalho, percebi também a necessidade da construção de um glossário devido ao vocabulário nativo utilizado pelas jogadoras.

CAPÍTULO I

JOGADORA ANTROPÓLOGA OU ANTROPÓLOGA JOGADORA?

1.1 CAMINHOS QUE ME LEVARAM A ESTE ESTUDO

Inicialmente, para a seleção do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, apresentei o projeto *Papéis e estigmas da cultura corporal: construções e as representações de gênero e sexualidade na disciplina desportiva de futebol do curso de Educação Física da Universidade Federal de Goiás*, que objetivava compreender como se davam as construções de gênero nas aulas da disciplina de futebol da Educação Física.

Entretanto, devido ao meu primeiro ano de formação no mestrado em Antropologia Social, no ano de 2012, ter sido desenvolvido juntamente com a minha especialização em Políticas Públicas, ambas na Faculdade de Ciências Sociais - UFG, houve modificações no projeto inicial do mestrado devido a questões contempladas no meu trabalho de conclusão de curso em Políticas Públicas *A construção do kit anti-homofobia: controvérsias acerca das políticas públicas sobre sexualidade e educação escolar*, orientada pela professora Dra. Telma Camargo da Silva.

A proposta desse trabalho de conclusão de curso foi investigar em que medida os interesses políticos e as demandas sociais dialogam na construção e implementação de políticas públicas, tendo o kit anti-homofobia como foco do estudo. Nesse trabalho, além da análise de políticas públicas que abordam essas temáticas, tive como interlocutores políticos membros da bancada religiosa – um deputado federal e outro estadual, professores universitários que dialogam sobre as temáticas gênero e sexualidade, bem como ativistas do movimento LGBTQTS.

Para Wedel et al. (2005, p. 31), a antropologia das políticas públicas investiga o processo – analisa e critica o processo, examinando os pressupostos e quadros de debates políticos. Assim, os autores apontam dimensões de investigação das políticas na antropologia: “investigar como os decisores políticos estão autorizados a agir em nome do Estado; como as políticas de

Estado e processos de governo são interpretados e vivenciados pela população local”.

Desse modo, a formação em Antropologia Social auxiliou-me na construção da monografia final do curso de especialização em Políticas Públicas.

Assim que retomamos ao projeto do mestrado, minha orientadora Telma Camargo da Silva e eu percebemos algumas lacunas no projeto inicial do mestrado, bem como algumas problematizações que eu já havia contemplado na monografia da especialização. Desde modo, foi preciso que o trabalho fosse reelaborado. E, para pensar nesse novo projeto, busquei as minhas experiências e vivências com relação à temática gênero e sexualidade.

Comecei a estudar as temáticas gênero e sexualidade no ano de 2009 como Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC no curso de Educação Física da Universidade Federal com o projeto intitulado *Corpo, Gênero e Sexualidade: para além de educar meninas e meninos*⁷.

Como gostava muito de estudar políticas públicas, paixão esta construída no meu primeiro projeto de Iniciação Científica em 2008, intitulado como *Sistema Nacional de Esporte: Um estudo sobre o tema do financiamento*⁸, durante a minha formação dentro do grupo de pesquisa *Labphysics* (Laboratório de Pesquisa em Educação Física e Natureza), comuniquei a minha orientadora dessa época (Dra. Ana Márcia Silva) a minha vontade de levar as políticas públicas para dentro da pesquisa. O resultado foi a minha monografia da graduação concluída em 2010, intitulada *Políticas públicas, gênero e sexualidade: conflitos e estigmas vivenciados no Sistema Regular de Ensino*⁹.

Esse trabalho monográfico teve como objetivo verificar se os professores de Educação Física estavam preparados para lidar com as problemáticas de gênero e sexualidade em sua prática pedagógica, bem como analisar os

⁷ Pesquisa coordenada pela Professora Dra. Ana Márcia Silva, da Faculdade de Educação Física, com a participação de outra aluna, Dennia Pasquali Cabral, vinculada ao PIVIC (Voluntários de Iniciação Científica).

⁸ Esta pesquisa contou com a participação de outras alunas da Instituição: Ananda Azevedo, Alessandra Matos Terra e Fernanda Cruvinel. Pesquisa orientada pelo professor Dr. Fernando Mascarenhas e financiada pela REDE CEDES (Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer) do Ministério do Esporte no período de 2008-2009.

⁹ Pesquisa realizada com 21 professores e professoras das redes municipais e estaduais de ensino na cidade de Goiânia/GO. Nesta pesquisa, verificou-se que 85% dos professores e professoras não se sentiam preparados para lidar com as temáticas gênero e sexualidade em suas aulas, bem como estes também não conheciam as políticas que davam suporte às problemáticas geradas em torno dessas temáticas.

documentos no âmbito do legislativo e do executivo que contemplavam essas temáticas na educação.

O interesse em estudar as temáticas gênero e sexualidade partiram então da minha vivência e aproximação com práticas corporais socialmente consideradas como inapropriadas para uma mulher.

Durante a infância, sempre me identifiquei com práticas corporais designadas socialmente como “masculinas” – futebol, bete, patins, bicicleta. Em grande parte desse tempo de brincadeira, houve vários momentos em que sofri alguma forma de preconceito nas falas de familiares e amigas pelo fato de eu gostar de jogar futebol e outras atividades ligadas aos meninos. Sempre escutava: *“jogar bola é brincadeira de meninos, você tem que brincar com coisas de meninas”*.

Embora tenha sido rotulada tantas vezes pelas brincadeiras que gostava – o que gerava certo desconforto, pois afinal eu era apenas uma menina, sentia-me como tal, e não deixaria de ser pelo simples fato de gostar de jogar futebol, bete e etc., isso não me afetou de forma que atrapalhasse a continuidade de tais atividades.

Quando eu era criança, meu pai jogava futebol toda quinta-feira à noite e me levava com ele. Lá, eu jogava futebol com os filhos de amigos dele. Os pais alugavam uma quadra para eles jogarem futebol e outra ao lado para os filhos jogarem. Isso mesmo, os filhos, pois eu era a única menina, mas isso nunca foi problema para mim. A partir daí, apaixonei-me pelo futebol e não parei de jogar mais. Fiz escolhinha de futsal na adolescência e mesmo depois que entrei na faculdade continuei jogando.

Particpei dos Jogos Universitários Brasileiros nos anos de 2008, em Maceió, e 2009 em Fortaleza, jogando pela UFG. Éramos o time de futsal feminino representante do estado de Goiás. O futebol me proporcionou vários momentos de diversão, viagens, amizades, treinamentos, e hoje é o meu objeto de estudo do mestrado.

A partir dessa identificação, foi uma grande motivação direcionar meus estudos com relação às temáticas de gênero e sexualidade dentro do futebol. Estavam presentes em mim os questionamentos sobre a existência dos preconceitos ligados a esta temática – que perduram até hoje – e de que forma

as políticas sociais poderiam auxiliar no enfrentamento da persistente discriminação de gênero no esporte.

Em uma conversa informal com a minha orientadora, comentei com ela que jogava futebol todas as quintas-feiras, às 22h30, com um grupo de mulheres em um espaço destinado para o aluguel de quadras de futebol. Após essa conversa, ela me chamou atenção para o fato de que uma etnografia sobre esse grupo poderia ser uma proposta interessante de estudo para o mestrado.

A princípio resisti, pois “eu esperava ansiosamente *pra* chegar quinta-feira” para jogar futebol e não queria que nada nesse mundo estragasse o ambiente em que eu me divertia e que o trabalho e os estudos não interferiam. Mas as minhas vivências acabaram me levando a estudar o grupo de jogadoras de futebol como lazer do espaço *Brazil Escola de Futebol*, grupo a que pertencço, e o *Bar Waldo*. E hoje percebi que Confúcio disse uma grande verdade: “Escolha um trabalho de que gostes, e não terás que trabalhar nem um dia na tua vida”¹⁰.

Cabe aqui uma observação: quando vou a campo, a princípio, vou pensando no jogar futebol, no prazer de jogar. Só então, depois, quando chego em campo e/ou quando por vezes não estou a fim de jogar, que me lembro do fazer etnográfico. Ou seja, naquele momento não cabe mais apenas jogar bola – mas também não deixou de ser.

Após pensar nas relações que o futebol trazia durante os jogos, o que mais me chamava atenção eram questões relativas à sociabilidade, brincadeiras entre as jogadoras com relação ao vestuário e à forma de jogar.

A construção deste novo projeto permitiu que eu pudesse trabalhar questões que estão sempre presentes na mídia e dentro dos próprios grupos do esporte praticado por mulheres, especificamente o futebol, tais como a relação entre praticar esporte e ser feminina.

Relacionadas ao padrão de feminilidade, a mídia reforça e reproduz a mulher como sujeito do gênero feminino independente do espaço e do lugar que essas mulheres ocupam. Isto é, há uma perspectiva essencialista de gênero – na qual se vinculam a natureza, a cultura e a história para padronizar e normatizar os comportamentos sociais e as práticas sexuais.

¹⁰ Confúcio – pensador e filósofo Chinês. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/autor/confucio>>. Acesso em: 20 de outubro de 2013.

E é através do corpo e representações corporais das jogadoras de futebol como lazer dos espaços *Brazil Escola de Futebol* e do *Bar do Waldo* que este trabalho objetivou compreender como as identificações de gênero das praticantes se manifestam no campo de futebol.

Algumas questões ainda se fizeram presentes como a inserção em campo como antropóloga, visto que me apresentaria às mulheres desses grupos não só como jogadora, mas também como pesquisadora, trabalhando com a temática gênero e sexualidade.

Durante a construção do projeto, não comuniquei às jogadoras que elas seriam as possíveis interlocutoras da minha dissertação, mas, nesse período, eu tomava nota e já estava presente ali como uma jogadora antropóloga.

Na escrita do projeto, eu me preocupava se as jogadoras concordariam ou não em fazer parte da pesquisa, pois, como eu já disse, o jogo é um momento de lazer em que eu e essas mulheres vamos para nos desvincular de preocupações, cobranças, do estresse do dia a dia e nos divertirmos.

Outra preocupação também se devia à temática abordada: identidade de gênero. Poderia ser algo intimidador por ser considerado, pelo senso comum, algo pessoal, íntimo, isto é, uma temática cerceada por estereótipos e preconceitos. Seria trabalhar com as subjetividades – como o que elas sentem, como elas se sentem diante do olhar do outro.

Após finalizar o projeto e depositá-lo no PPGAs, comuniquei às jogadoras do *Brazil Escola de Futebol* a necessidade que tive de reelaborar o meu projeto do mestrado, pois todas ali sabiam que eu era mestranda, e que eu havia construído um projeto que trabalharia com mulheres praticantes de futebol como lazer. Com um tom de brincadeira, comuniquei-lhes que seriam elas.

Todas concordaram em participar e isso gerou muita brincadeira no começo: “*Vall, sua safada, você estava nos observando*”, bem como curiosidade a respeito de como eu as observava ou o que eu escrevia sobre elas.

Deixei claro às minhas companheiras de jogo/interlocutoras que teriam total acesso ao trabalho e que poderiam se retirar da pesquisa quando quisessem. Outro ponto que coloquei foi que retirar-se da pesquisa não significaria retirar-se do jogo, pois aquele era um espaço de distração construído por todas nós, e que apenas não colocaria informações da jogadora no trabalho caso ela quisesse se retirar da pesquisa.

Essas brincadeiras e curiosidades se deram apenas no momento em que contei. Durante os jogos seguintes, notei que nada havia mudado, que as brincadeiras e falas durante os jogos continuaram sem pudor, tudo como era antes, tanto que, durante as entrevistas, as interlocutoras faziam brincadeiras e logo em seguida perguntavam: “*podia falar isso aqui né?*”. Acredito que não tive problemas de “inserção” em campo devido ao grau de proximidade, amizade com as jogadoras, bem como por eu pertencer ao grupo.

Inspirado na etnografia indicada pelo professor Camilo Braz: *Corpo e Alma: Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe*, escrita por Loic Wacquant no ano 2000, este capítulo pretende/pretendeu retratar como se deu a observação participante e/ou “participação observante” de uma jogadora de futebol fazendo antropologia.

As amizades e minha experiência com a prática do futebol permitiram que eu pudesse me unir às jogadoras desta pesquisa e vivenciar/observar como estes grupos são constituídos, percebidos e representados. Não tive problemas quanto à minha inserção no campo de pesquisa, pelo contrário, sempre fiz parte dos grupos como uma das organizadoras dos jogos.

Notas tomadas após os jogos ou nos dias seguintes em meu diário de campo ajudaram-me a deixar de olhar para o jogo de futebol apenas como jogadora, mas agora também como antropóloga, objetivando afastar os estereótipos que carrego como jogadora pertencente a determinados grupos e passar a observar o que o campo etnográfico mostra sem avaliações, análises e ideias pré-concebidas que construí durante todos esses anos como jogadora de futebol.

Durante a pesquisa de campo, senti/vivi o futebol unido à antropologia.

1.2 NOTAS DE UMA JOGADORA/ ANTROPÓLOGA

Durante as leituras e apropriação do referencial teórico sobre as temáticas que permeiam este trabalho, encontrei um texto escrito pela atriz Maitê Proença que retrata a sua frustração por não partilhar da prática do futebol e a descoberta das possibilidades que essa modalidade pode proporcionar na vida de uma pessoa. Quando li o texto, logo me solidarizei com o seu sentimento de

indignação e fiquei pensando o quão “vazia” pode ser a vida de uma mulher sem o futebol, o texto chama-se *Era Inveja*¹¹.

Então, sou ex-atleta de natação e futsal, professora de Educação Física especialista em Políticas Públicas e mestranda em Antropologia Social de 28 anos que ama jogar futebol. Não costumo fazer uso demasiado da força (apenas no tecido acrobático¹², mas com leveza), não uso roupas largas e nem boné, não ando jogando os braços e com as pernas abertas.

Depois dessa descrição, não preciso falar com qual grupo de mulheres que jogam futebol que me identifico, não é? Sim, daquelas que usam bermudas coladas e que não perde a feminilidade no campo de futebol, mas sem muita frescura, pois não sou uma *periguete*¹³. Estou mais para uma *mulherzinha* e às vezes chamada à atenção para me recompor quando mando as meninas pararem de “frescura” durante o jogo: *pára de Sapatonice*¹⁴, Vall¹⁵.

Entretanto, ser feminina perante a sociedade aponta que o sujeito deva corresponder a uma série de expectativas e padrões sociais que, provavelmente, não me encaixo em todos. Seria eu mais ou menos feminina então?

“*Espero a semana toda pela quinta-feira. Acredito que seja um dos melhores dias da semana*” – Às 22 horas visto um short colado de comprimento médio e uma blusa cavada, sem manga. Não gosto de correr e/ou jogar futebol de calça que cubra os meus joelhos ou blusas que cubram os meus ombros. Sinto-me mais livre e leve para me movimentar assim.

Coloco na mochila: chuteira, o meião (não mais a caneleira¹⁶, pois é apenas um jogo, uma brincadeira, não há necessidade de tanta proteção) e minha carteira certificando que há dinheiro nela para pagar a hora da quadra

¹¹ Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR69996-5991,00.html>>. Acesso em: 03 de janeiro de 2014.

¹² Faço parte do corpo circense da escola de circo do Centro de Educação Profissional em Artes Basileu França. Entretanto, parei com as atividades no mês de agosto de 2013 devido às atividades do mestrado, as quais pretendo retomar no segundo semestre de 2014.

¹³ Periguete designa mulheres que fazem uso demasiado da sensualidade, de maquiagem, roupas e acessórios que exalam feminilidade, o qual tem um caráter pejorativo para definir aquelas que fazem uso do vestuário e do modo de agir para a sedução. Trabalharei com essa categoria no Capítulo IV.

¹⁴ Sapatão designa uma mulher homossexual masculina. *Sapatonice* foi um termo utilizado por uma das jogadoras ao se referir a um comportamento meu dito como masculino. Trabalharei com essa categoria no Capítulo IV.

¹⁵ É assim que os meus/minhas amigas geralmente me chamam, e consequentemente quem mais esteja interagindo ali comigo.

¹⁶ Caneleira é um artigo esportivo usado por jogadores/ jogadoras de futebol para proteger a região da canela.

alugada. Vou me encontrar com o grupo de mulheres que se reúne para jogar futebol como lazer no *Brazil Escola de Futebol* assim, vestida com roupas que são usadas geralmente para malhação e de chinelo.

Chegando ao lugar onde me encontro com o grupo, espero dar o horário e a quantidade de pessoas suficiente para me certificar que haverá jogo e só assim coloco a minha chuteira e o meu meião. Sempre fiz assim, não costumo andar na rua vestida com acessórios utilizados durante o jogo de futebol. Motivo? Talvez seja a reprodução de um padrão feminino do qual eu compartilho e que eu chamaria de “ vaidade”.



Figura 04 – “Uma noite de muito futebol e diversão”. Autoria: Diana.

A fotografia acima foi tirada por uma das jogadoras para postar na rede social *facebook* com o objetivo de partilhar com seus amigos e amigas “uma noite de muito futebol e diversão”.

Já andei nas ruas com indumentárias que caracterizam a prática do futebol– uniforme do time, meião, caneleira e chuteira. Mas esses foram eventos

isolados quando eu participava de torneios e campeonatos de futsal feminino e não dava tempo de me trocar dentro dos ginásios.

Para trabalhar e analisar como se dão as identidades de gênero das jogadoras de futebol nos lugares onde esta pesquisa foi realizada, parti da noção de lugar apontada por Rogério Proença Leite. Segundo o autor, a noção de lugar é tida como “uma determinada demarcação física e/ou simbólica no espaço”, construído através das práticas sociais e “[...] representações, cuja singularidade é construída pela territorialidade subjetivada” (LEITE, 2004, p. 284).

O campo de futebol, para além de sua constituição como espaço físico, socialmente ele é construído como um lugar onde atores sociais detentores de força e destreza se encontram para praticar uma modalidade que “exige” essas características dos praticantes. Ou seja, é um lugar cuja identificação está relacionada ao masculino, à virilidade¹⁷ e aos homens.

Em contrapartida, esse lugar, cerceado por estereótipos, também abriga mulheres cujas identificações de gênero não são dadas previamente, mas sim representadas à medida em que elas se colocam/ ocupam esse lugar.

É muito relativa a preparação das jogadoras desta pesquisa com relação ao lugar, visto que algumas trocam de roupa no vestiário que esses espaços disponibilizam, outras chegam prontas para jogar e há as demais que vão semiprontas como eu, deixando para calçar depois o principal item do vestuário que demarca uma jogadora de futebol independente da roupa que ela use – a chuteira. Ainda há aquelas jogadoras que usam outros tipos de calçado que lhes permitem jogar e por vezes até descalças.

A chuteira é o principal traje, porque é um acessório criado para a prática do futebol e utilizada nos pés. Embora se utilize todo o corpo para a prática, é nos pés das jogadoras que a bola passa a maior parte do tempo durante o jogo.

Woodward (2000, p. 30) aponta que as representações estão relacionadas de acordo com cada contexto social/ocasião e/ou lugar nos quais atuamos. Para a autora, “podemos nos sentir, literalmente, como sendo a mesma pessoa, mas nós somos, na verdade, diferentemente posicionados pelas diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma dessas diferentes situações”.

¹⁷ Ver Capítulo IV – 4.2 – Virilidades e Mulheres.

No espaço *Brazil Escola de Futebol*, foi possível perceber que o vestuário das jogadoras no cotidiano, em grande maioria, não corresponde àquele que elas utilizam durante o jogo, isto é, depende da situação e do lugar que essas mulheres estão presentes.

No dia a dia não uso ou transito com roupas ou acessórios de jogadora de futebol; meu vestuário, minha postura e meu modo de agir/falar estão relacionados ao lugar por onde ando. Seja no trabalho, em reunião de família ou na universidade, as normas e expectativas em torno de um comportamento em sociedade configuram-se de diferentes formas.

No campo de futebol, acredito que, por ser somado a um espaço destinado ao lazer e à sociabilidade, este lugar é constituído por “regras” e “normas” mais maleáveis, onde me sinto à vontade para “ser”, agir, conversar e me vestir da forma que me identifico.

Segundo Woodward (2000), cada contexto social em que nos inserimos: familiar, trabalho, lazer etc, reflete as diferentes “identidades” que envolvem as diferentes ocasiões.

Esse jogar descalça que me refiro poderia ser um marcador social de classe, mas nesse grupo de jogadoras está relacionado ao não ir preparada para jogar e chegando lá resolveram ou foram convencidas a jogar.

Durante um dos jogos no *Brazil Escola de Futebol*, assim como algumas jogadoras do grupo do *Bar do Waldo*¹⁸, foi possível perceber que essas jogadoras descalças não foram com intenção de jogar, apenas assistir, mas acabaram se rendendo ao jogo e jogaram com as roupas que já estavam usando e ainda descalças.

Já joguei descalça porque esqueci minha chuteira no carro da *Mariana* durante um jogo em Brasília¹⁹. Afinal, não deixaria de jogar só porque eu não tinha calçado adequado. A jogadora *Diana* (amiga próxima) levou uma chuteira para me emprestar²⁰. Como a chuteira ficou grande, eu teria que usar duas

¹⁸ Campo de pesquisa se deu como observação preliminar, pois tivera apenas um encontro e depois se desfez devido às desavenças entre as jogadoras. Problematizarei sobre o encerramento dos encontros neste campo no Capítulo II.

¹⁹ Jogo realizado em Brasília na confraternização entre professores e ex-orientandas (os) após a defesa da dissertação de mestrado em Educação Física da Universidade de Brasília de uma grande amiga e meu primeiro orientador de iniciação científica – Fernando Mascarenhas.

²⁰ Anunciei no grupo *futebol* do facebook que eu não tinha chuteira para jogar. Logo, Diana se prontificou a levar chuteira que não servia mais nela.

meias, assim joguei descalça mesmo e acabei ganhando a chuteira. Tentei comprá-la, mas a *Diana* não aceitou, dizendo que não ia cobrar por algo que ela não usava mais.

O fato de ter ganhado essa chuteira dentre os fatos que relatarei ao longo deste trabalho permitiu-me observar o processo de sociabilidade e amizade entre as jogadoras do espaço *Brazil Escola de Futebol*. Segundo Alcântara Júnior (2005, p. 33), a sociabilidade é resultante das mais diversas combinações interacionais entre indivíduos ou em grupos sociais.

Durante os jogos do grupo do *Brazil Escola de Futebol*, essa relação de sociabilidade se dá também entre homens e mulheres e não apenas entre as jogadoras. Durante os jogos, os frequentadores que ficam ali nas mediações do campo onde estamos jogando representam torcedores que incentivam, criticam, que comemoram e fazem comentários que expressam brincadeiras e também dividem o mesmo espaço (outras quadras), mas, às vezes, dividem o mesmo jogo:



Figura 05 – “Homens de um lado e mulheres do outro”. Autoria: Valleria Oliveira.

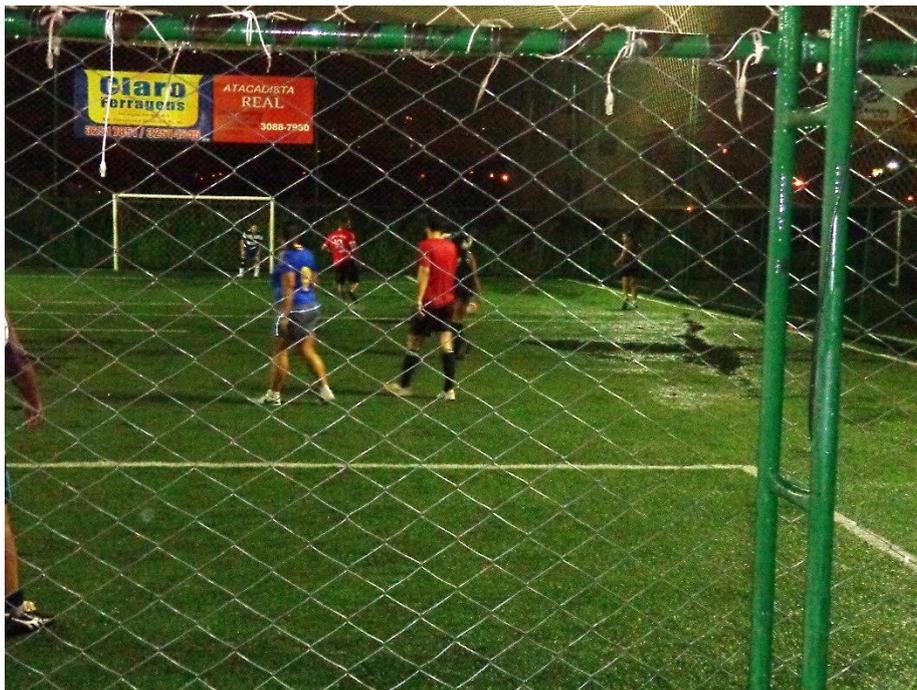


Figura 06 – “Homens e mulheres dividindo o mesmo jogo”. Autoria: Valleria Oliveira.

Segundo Alcântara Júnior (2005, p. 36), “a sociabilidade é uma forma de se juntar às ações humanas e o resultado é a formação das próprias relações sociáveis, são os arquétipos sociais, que produzem as estruturas, que são alimentados pelos conteúdos sociais”.

Já para Sposito (1994, p. 1), a socialização utiliza-se de maneira diferenciada os espaços e “espelham os ritmos desiguais” que caracterizam as relações entre e para com os marcadores sociais. A socialização dentro dos grupos de futebol possibilitou-me observar como os marcadores sociais de classe e de identidades de gênero são separados e colocados em um patamar de desigualdade. Ou seja, há atribuição de valores aos grupos.

Durante esta pesquisa, para além do conhecimento como pesquisadora, descobri em mim um “eu” que por vezes deixei velado, disfarçado, pois seria no mínimo muito estranho uma pessoa que estuda a temática gênero e sexualidade reproduzir tantos estereótipos sociais relacionados ao feminino e masculino – às mulheres e aos homens, como, por exemplo, a relação e comparação da força física entre homens e mulheres.

Para além de jogadora, tenho algumas questões relativas à minha formação como professora de Educação Física.

Dentro do esporte de rendimento, e tão só, somente dentro dele, essas comparações biologicistas deixam-me bastante inquieta. Venho de um curso de graduação em Educação Física que, por mais que esteja vinculado à área de humanas, possui duas disciplinas básicas e anuais: Anatomia e Fisiologia Humana. Nessas disciplinas, demarcam-se bem as diferenças (e não desigualdade) entre homens e mulheres. Lembrando que as diferenças passam a ser olhadas como desigualdades a partir do momento em que se atribui valores negativos e positivos a uma delas.

Homens e mulheres são moldados pela sociedade desde seu nascimento ou até mesmo antes dele através das novas tecnologias quando se descobre qual o sexo biológico do sujeito. Assim, esses sujeitos passam a ter destino entregue às imposições históricas e culturais de cada sociedade. Mas, ao se tratar de diferenças, não podemos negar que homens e mulheres possuem estruturas e composições corporais distintas.

Ao nascer, a estrutura vigente que difere meninos e meninas se aplica aos órgãos sexuais dos mesmos e, a partir desse ponto, é que a sociedade designará qual o papel destas crianças na sociedade. Já na adolescência, as diferenças no desenvolvimento corporal voltam a demarcá-los.

Segundo as ciências biológicas, nos meninos, o hormônio responsável por essas mudanças é a testosterona e nas meninas, a progesterona. Embora ambos carreguem consigo os dois hormônios, cada um deles é responsável por intensificar essas diferenças. E é a partir desse desenvolvimento diferenciado causado pelo biológico de cada indivíduo que a sociedade aponta caminhos distintos para esses sujeitos, confundindo diferença com desigualdade.

O esporte de rendimento, como um instrumento que trabalha uma cultura construída a partir do movimento corporal – esporte que exige técnicas, treinos e aprimoramento do movimento com maior eficiência e um menor gasto de energia - separa aqueles e aquelas que são intitulados como capazes ou incapazes, sendo uma cultura em que o corpo materializa o desempenho de resultados e performances que representam tal construção.

A separação entre homens e mulheres no esporte de rendimento é apontada socialmente como uma separação para garantir a oportunidade de igualdade dentro de uma competição. Se compararmos os recordes dentro do esporte de rendimento entre homens e mulheres, os índices apontam que os

homens apresentam uma maior eficiência dentro de um menor tempo em relação às mulheres.

Na natação, o atual recorde na prova dos 50 metros nado livre é de 20 segundos e 91 centésimos – recorde pertencente a um homem. Já as mulheres aparecem com o tempo de 23 segundos e 73 centésimos. Ou seja, quase três segundos de diferença, tempo este bastante significativo na natação. E mesmo que a tecnologia tenha avançado e proporcionado melhorias no desempenho de atletas, essa diferença de três segundos na natação entre homens e mulheres perdura desde a década de 70.

Embora a separação entre os sexos nas ciências humanas seja denominada de construção social, dentro do esporte de rendimento essa separação se dá pela composição e diferença corporal entre homens e mulheres.

Sabe-se que a produção do hormônio testosterona no homem é de 20 a 30 vezes maior que na mulher – hormônio esse que é um dos grandes responsáveis pelo aumento de massa muscular e aumento de força.

Esses dados mexem muito comigo, pois já fui atleta de natação e sei o quanto o fator biológico pode dificultar a vida de uma atleta que não altera e nem tenta modificar o seu rendimento, o seu corpo, com o uso de composições bioquímicas. O fator biológico a que me refiro é o ciclo menstrual. Antes e durante a menstruação, alguns fatores, como cólica (dor na região abdominal), dor de cabeça, mal-estar etc, podem fazer diferença no quantitativo de treinos e podem repercutir nos resultados durante as competições.

Alguns estudos mencionam que a falta de gordura corporal na mulher pode causar amenorreia – falta de menstruação, podendo afetar mulheres com menos de 5% de gordura no corpo. O grande quantitativo de exercícios físicos somado a uma alimentação sem gorduras animais e vegetais são os responsáveis pela eliminação da gordura corporal.

Fica então um questionamento: Seria apenas a sociedade a responsável por não proporcionar às mulheres as mesmas oportunidades de competição com os homens dentro dessa perspectiva (não podemos negar, pois ela existe), ou podemos pensar também na anatomia humana a responsável e sendo, portanto, necessária essa separação?

Acredito na constituição do ser humano a partir da definição de “homem²¹ total” apontada por Marcel Mauss – social, biológico e psicológico. Esse foi apenas um exemplo de como é uma *pesquisa distributiva*, mas também compartilhando com vocês uma das minhas inquietações, embora pretenda saná-las em uma próxima oportunidade.

Quero falar também das descobertas de um “eu” reprodutor de estereótipos e preconceitos. Quero falar de uma jogadora de futebol que, mesmo praticando desde a infância um esporte considerado predominantemente masculino, seu ciclo de amizade com jogadoras de futebol sempre foi com mulheres, cujo vestuário e ações refletem os estereótipos ligados ao modelo feminino, sejam essas jogadoras heterossexuais, bissexuais ou homossexuais.

Ao ser convidada para um jogo em um bairro chamado Cidade Jardim²², troquei de roupa, me arrumei, peguei a minha chuteira e me dirigi ao local sem perguntar quem iria, se eu conhecia as jogadoras ou coisa do tipo, eu queria apenas jogar. Entretanto, quando cheguei ao local, já estranhei por ser uma quadra de futsal dentro de um bar.

Ao sentar em uma das mesas do lado de fora com mais duas amigas (*Regina* – jogadora que me convidou; e *Amanda* que eu havia conhecido no campo do *Brazil Escola de Futebol*), ficamos ali conversando e esperando as demais jogadoras chegarem. À medida que elas foram chegando, nós (eu e minhas amigas) começamos a nos olhar devido a um inicial estranhamento.

As mulheres que chegavam ali iam se cumprimentando batendo as mãos de maneira estalada²³ (nada de beijinhos no rosto), com roupas largas, algumas de boné e pochete, outras de bermudão e chinelo e sempre conversando de maneira despojada, com gírias do tipo: *véi, mano, cara*.

Nesse jogo ocorrido no dia 5 de fevereiro de 2013, eu conhecia apenas duas jogadoras, dentre elas a *Regina* que me convidou.

Ao iniciar a partida, uma das jogadoras do grupo do *Bar do Waldo* sugeriu que jogássemos apostado e o time que perdesse pagaria o valor do aluguel da quadra. Essa sugestão não foi aceita pela maioria. Como jogadora, votei por não

²¹ Não julguemos Marcel Mauss por um machismo. Esse conceito é fruto da época e visão do homem como sendo centro do universo – androcentrismo.

²² Bairro que fica na região Sudoeste da cidade de Goiânia-Goiás.

²³ Maneira de cumprimento, batendo uma mão na outra de forma rígida e forte.

jogar apostado, pois um jogo apostado deixaria de ser por diversão e partiria para agressões e brigas na tentativa de ganhar a todo preço.

Mas como jogadora, vou relatar o maior motivo dessa minha negação de jogar apostado com essas mulheres: Além de não conhecê-las, a maneira como elas se cumprimentavam, conversavam e se vestiam gerou-me estranhamentos e um certo medo de jogar com elas. Contra elas na verdade, pois a *Regina* que conhecia as demais jogadoras havia chamado mais três mulheres, o que na hora do jogo acabou sendo um jogo do “nosso time” – as forasteiras que não pertenciam ao grupo delas *versus* o “time delas”.

Embora eu não conhecesse todas as mulheres do “meu time”, juntamos a princípio, pois éramos as “novatas”. Acredito que essa junção se deu também devido à identificação do “meu time” ser de mulheres que se vestiam com roupas femininas. Isso gerou até um comentário com o tom de chacota de uma das jogadoras do “nosso time”: *“time masculino contra o time feminino? (Risos) Nossa, que medo!”*

A princípio me senti culpada por ter sorrido desse comentário e pelo meu estranhamento com relação a essas mulheres, pois, em um primeiro momento, deparei-me com um “eu” que reproduzia os estereótipos e com preconceito com aquelas mulheres que não correspondiam ao modelo de feminilidade devido à vestimenta e ao comportamento masculinizado.

Durante o jogo, inúmeras vezes levei trombadas, empurrões, boladas, e vi o uso demasiado da força dessas mulheres nas jogadas e tomadas de bola – parecendo não se importarem se era a bola ou as nossas pernas que elas chutavam. Ora, não que seja proibido usar a força, agilidade e destreza, mas quando o futebol é por lazer, uma brincadeira, o ato de cometer muitas faltas e de machucar os/as adversárias não é visto com bons olhos pelos/pelas amantes do futebol por diversão.

Fiquei atônita ao me deparar com o pensamento e juízo de valores que fiz dessas mulheres. Tentando me acalmar e entender esse novo “eu” que achava não conhecer, comecei a pensar: *são apenas mulheres, Valleria. Diferente daquelas que você costuma jogar, mas são apenas mulheres.* Perdida nesses pensamentos, assustei-me quando, em determinado momento do jogo, ouvi um comentário de uma das jogadoras do time adversário que reforçaria esses meus pensamentos reprodutores de preconceitos.

Quando fui entregar a bola para o time adversário no meio da quadra para solta-lá após meu time ter feito um gol, escutei uma jogadora dizer: “*não aguento mais levar gol, agora vou sair quebrando, vou descer a perna*”.

Logo pensei: *vão nos quebrar mais? Putz, fazer etnografia pode gerar riscos à minha integridade física*. Nesse jogo, eu já estava com mais hematomas nas pernas do que de costume.

Embora esse pensamento tenha sido mais uma brincadeira que fiz comigo ali naquele momento, o meu “eu” jogadora permaneceria nesse campo exclusivamente pelo meu “eu” antropóloga, pois a antropóloga ficou encantada com a diferença desse grupo com relação aos demais onde eu já havia jogado.

Ao mesmo tempo que elas (jogadoras) nos “quebravam”, algumas mulheres que assistiam ao jogo – amigas ou companheiras das jogadoras do “time delas” - vibravam com as jogadas, com os dribles, faltas e gols. Diversas vezes escutava uma voz que vinha do lado de fora todas as vezes que eu pegava na bola: “*vai lá moreninha*”, de modo que durante uma lateral que fui cobrar próximo a elas, escutei-a dizer: “*aí bate um bolão hein? (Risos)*”.

Segue abaixo um esboço da quadra de futebol *society* para compreensão das demarcações e posições dentro de quadra, especificando a linha lateral mencionada acima, pois a cobrança de lateral se dá pelo time adversário daquele que deixou a bola sair pela linha lateral.



Figura 07 – Imagem da quadra *society* cujo objetivo é ilustrar as posições das jogadoras em quadra.

Se havia intencionalidade/duplicidade nesse comentário eu não sei, nem olhei. Só sei que nesse momento a jogadora, Valleria, estava doida para sair dali.

Mesmo o *Bar do Waldo* sendo um campo interessante de pesquisa, esse grupo encerrou seus encontros. Tentei retomar contato com algumas jogadoras a fim de que esse grupo continuasse a jogar, mas a *Jéssica*, jogadora que conhecia praticamente todas as jogadoras, relatou-me que não haveria mais devido aos desentendimentos no dia do jogo. Nesse jogo, algumas jogadoras do “time delas” discutiram entre si devido às jogadas e gols perdidos: “*puta que pariu, vocês não tão jogando nada. Estamos perdendo feio. Toda hora passa a bola errado ou perde um gol*”.

A *Jéssica* foi embora no meio do jogo dizendo: “*vim aqui pra jogar, não vim pra apanhar*”. Após dizer isso em voz alta depois de ter sido empurrada, *Jéssica* pegou sua mochila que estava no canto da quadra e foi embora. Consegui entrar em contato com ela através da *Regina* que a conhecia.

Esse estranhamento ao me deparar com o outro, ou melhor, com as outras, com um grupo diferente do qual eu estava habituada a frequentar, foi o ponto que me auxiliou a compreender que a minha identificação e o sentimento/receio são fortemente impregnados pelos modelos aceitos socialmente.

Segundo Miller (2010, p. 50), o objetivo da Antropologia, através da análise comparativa, é

reconhecer que aceitamos sem questionar nossos próprios modos de fazer as coisas, e que somente avaliando como os outros povos têm experiências e expectativas inteiramente diferentes das nossas é que podemos questionar nossas próprias experiências e expectativas.

Por isso resolvi mostrar-me também como jogadora. E se me perguntarem hoje se me sinto mais jogadora ou antropóloga, sinceramente não sei o que responderia. Continuo com a mesma paixão e vontade de jogadora, mas depois que determinei o meu lazer como um projeto de pesquisa e comecei a tentar compreender e escrever o que via, ouvia e vivia ali dentro do campo de futebol, nunca mais fui a mesma. Fatos e atos que eu via e reproduzia, e que passavam “despercebidos”, hoje não passam mais.

Assim, este capítulo teve como objetivo abordar os motivos que me levaram a estudar as identidades de gênero das mulheres que jogam futebol

como lazer e ainda como se deu o meu processo de jogadora de futebol enquanto aprendiz de antropóloga.

CAPÍTULO II

DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: COMPREENDENDO UM LUGAR DE DIVERSÕES PARA MULHERES CHAMADO CAMPO DE FUTEBOL

2.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Para compreender como as identidades de gênero das jogadoras são constituídas através da prática do futebol como lazer, esta pesquisa foi realizada em dois espaços que proporcionam tal modalidade, ocorrendo em um momento de não obrigação, de diversão.

Ao dar voz nesta pesquisa às jogadoras e aos frequentadores, esta etnografia problematiza as relações de gênero presentes em um espaço onde homens e mulheres transitam como “iguais” – ou ao menos, onde eles e elas transitam com o mesmo objetivo.

Quando hesito dizendo que “transitam como iguais”, refiro-me a um lugar que durante anos foi referência de usufruto dos homens.

Dentro das modalidades esportivas, frequentemente homens e mulheres fazem suas práticas separadamente. Essa separação socialmente construída, e legitimada pelas regras esportivas, separa homens e mulheres intitulado tais modalidades como masculino e feminino, respectivamente.

A exemplo do futebol, o futebol jogado por homens é intitulado como futebol masculino e o futebol jogado por mulheres é chamado de futebol feminino. Apoiada no referencial teórico que traz gênero como um constructo social e não biológico, refiro-me, neste trabalho, ao futebol jogado por mulheres. Desse modo, não usarei a nomenclatura “futebol feminino”, pois não pretendo reproduzir essa separação biológica marcando-a com o gênero.

Nesse sentido, esta pesquisa caracteriza-se como essencialmente etnográfica, que, segundo Peirano (1995, p. 43), “[...] é o meio pelo qual a teoria antropológica se desenvolve e se sofisticada quando desafia conceitos

estabelecidos pelo senso comum no confronto entre a teoria que o pesquisador leva para o campo [...]”.

Quanto à coleta de dados, esta se deu através da observação participante, pela aplicação do questionário socioeconômico²⁴ e realização de entrevista semiestruturada²⁵ para as interlocutoras e frequentadores (as)²⁶ (*Maycon, Pedro, João e Ana*) que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido²⁷.

A fotografia foi utilizada para que os leitores e leitoras deste trabalho pudessem visualizar as interlocutoras, bem como as disposições dos espaços, e como se deu a sociabilidade entre homens e mulheres que dividiam o mesmo jogo. As interlocutoras autorizaram que fossem tiradas fotografias durante os jogos: “*Claro que pode tirar foto. Quer que a gente faça pôse e passe maquiagem? (Não não. Quero vocês assim como vocês são (risos).*”

Para Guram (2012, p. 64), a fotografia na pesquisa antropológica tem como finalidade obter informações e/ou demonstrar ou enunciar conclusões de modo que “ela pode ser ao mesmo tempo o ponto de partida e o resultado final” a qual reflete a realidade das pessoas. Desse modo, a fotografia é um instrumento de observação participante – reflete o universo físico da pesquisa e permite compreender a realidade, no caso das jogadoras como ponto de partida para compreender o modo como elas se caracterizam/vestuário/indumentárias e como se dá a sociabilidade no campo de futebol como lazer.

Assim, esta pesquisa caracterizou-se pela interpretação/descrição por meio da observação participante com o objetivo de compreender como as identidades de gênero das jogadoras eram vivenciadas e percebidas através da sociabilidade entre essas mulheres, e ainda entender como os demais frequentadores (as) desse espaço lidam com a presença de mulheres praticantes de futebol.

Como integrante dos grupos das jogadoras de futebol, tive questões fundamentais durante a observação participante, como também nas análises dos dados da pesquisa. Desse modo, esta pesquisa teve como norte a perspectiva

²⁴ Ver apêndice I.

²⁵ Ver apêndices II.

²⁶ Não foi realizada a aplicação do questionário socioeconômico para os frequentadores.

²⁷ Ver apêndice IV.

apontada por Cardoso de Oliveira (1988), na qual é retratada a importância da relação entre o “estar lá e estar aqui” ligados ao conhecimento do referencial teórico da pesquisadora, isto é, um “estar lá” no campo de pesquisa com um olhar e ouvir disciplinado, intencional e direcionado pela teoria, e um “estar aqui” no processo da escrita – trabalho de significação, de interpretação.

Entretanto, apesar da construção teórica que prepara o olhar atento e disciplinado do pesquisador (a), o “estar lá” desta pesquisa necessitou de um distanciamento das minhas experiências carregadas de conceitos e preconceitos que delinham a sociabilidade entre as jogadoras.

Foi necessário então um processo de certo “estranhamento” do familiar para que não ocorressem interpretações trazidas de um olhar com preconceitos. Para Velho (1978, p. 12): “O processo de estranhar o *familiar* torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações”.

Ainda segundo Velho (1978, p. 7):

Posso estar acostumado, como já disse, com uma certa paisagem social onde a disposição dos atores me é familiar, a hierarquia e a distribuição de poder permitem-me fixar, *grosso modo*, os indivíduos em categorias mais amplas. No entanto, isto não significa que eu compreenda a lógica de suas relações. O meu conhecimento pode estar seriamente comprometido pela rotina, hábitos, estereótipos.

Durante a observação participante, atentei-me para situações em campo que antes não as percebia, tampouco fazia relação com referenciais teóricos ligados à temática gênero. Essas situações antes para mim eram percebidas como “corriqueiras”, “engraçadas”, que faziam parte do grupo de jogadoras, pois como jogadora era assim que eu as observava, ou melhor dizendo, não observava.

Como faço parte do grupo, vivenciava a sociabilidade que os jogos no *Brazil Escola de Futebol* me proporcionavam sem me dar conta o quão eu reproduzia estereótipos e tinha em mim preconceitos, assim como as demais jogadoras.

Em praticamente todos os jogos, apareciam as demarcações referentes ao vestuário e ao modo de agir, andar, e falar das jogadoras. Se eu não

participava diretamente dessas demarcações, indiretamente estava ali sorrindo das piadas e comentários.

O que percebi no *Brazil Escola de Futebol* foi que os comentários e piadas configuravam-se em relações jocosas, isto é, de forma consentida. Não havia piadas de mal gosto ou comentários pelas “costas”. Os comentários com tom de piada aconteciam como forma de provocação, de brincadeira umas para com as outras.

Assim, a observação participante, método utilizado nesta pesquisa, exigiu um cuidado para que eu tivesse um olhar antropológico como pertencente ao grupo e não apenas preconizado como jogadora.

Segundo Clifford (2008, p. 20), “a observação participante obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais”, de modo que a observação participante:

Serve como uma fórmula para o contínuo vaivém entre o “interior” e o “exterior” dos acontecimentos: de um lado, captando o sentido de ocorrências e gestos específicos, pela empatia; de outro, dá uma passo atrás, para situar esses significados em contextos mais amplos. (CLIFFORD, 2008, p. 32)

Assim, como metodologia, a coleta de dados se deu através da observação participante, ou “participação observante²⁸”, onde vi, ouvi, vivi como jogadora e que aprendi a observar como antropóloga.

2.2 CAMPO DE FUTEBOL: UM LUGAR DE DIVERSÃO PARA MULHERES

Ser jogadora de futebol como lazer possibilitou-me a delimitação dos lugares na cidade de Goiânia, ambos na região sudoeste, onde se encontram dois grupos de praticantes dessa modalidade que contam com a presença de demais frequentadores (as).

A princípio, esta pesquisa se realizou com dois grupos distintos de jogadoras de futebol como lazer e dois lugares – *pedaços*. Segundo Magnani

²⁸ Ver Capítulo I – 1.1 Caminhos que me levaram a este estudo.

(1996, p. 32), “quando o espaço – ou um segmento dele – assim demarcado torna-se referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, recebe o nome de *pedaço*”.

Desse modo, para Sposito (1994, p. 43):

Os frequentadores do mesmo pedaço no centro, como afirma Magnani, “se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos, que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos, consumo e modos de vida semelhantes” (Magnani, 1992). São essas as razões que determinam o acesso a determinados pontos de encontro.

Os grupos foram constituídos por mulheres interessadas em jogar futebol com mais frequência, ou seja, ter esse momento de lazer e sociabilidade pelo menos uma vez por semana. Assim, dois grupos distintos foram formados para essa prática semanal a qual fui convidada por fazer parte de alguns círculos sociais que partilham da mesma vontade: jogar futebol por diversão.

As jogadoras vincularam o futebol como lazer a um momento de descontração, sociabilidade e diversão:

Momento de diversão, momento lúdico, a gente acaba tendo uma rotina muito estressante e acaba encontrando as amigas pra jogar futebol que é muito bom. Momento de descontração pra sair da rotina e esquecer dos problemas e se divertir. (Diana)

O *Brazil Escola de Futebol* é um espaço que, durante o dia, é uma escola de iniciação esportiva, e durante a noite o proprietário aluga três quadras de futebol *society* para a prática da modalidade no valor de R\$ 120,00 a hora. Entretanto, devido a uma das jogadoras desse grupo ser professora dessa escola, o proprietário nos cobra o valor de 80,00 a hora.

O grupo de jogadoras que pratica futebol como lazer às quintas-feiras à noite, no espaço *Brazil Escola de Futebol*, se formou a partir da criação de um grupo chamado “futebol” no *facebook* pela jogadora *Fabiana*:

Foi um grupo de ex-atletas na verdade, algumas meninas que eu já conhecia, e essas conheciam outras meninas, então eu chamei um pouco, uma foi chamando a outra e aí formou o grupo.

O grupo de mulheres que faz parte dessa pesquisa e que pratica o futebol como lazer no *Brazil Escola de Futebol* é um grupo que se reúne todas as quintas-feiras no horário marcado das 22h30 às 23h30. Entretanto, dependendo da quantidade de jogadoras e da resistência física das mesmas no dia do jogo, esse horário pode ser estendido até as 24 horas.

Esse grupo foi constituído através de um *site* e serviço de rede social intitulado como *Facebook*. Uma das jogadoras e professora no *Brazil Escola de Futebol*, a *Fabiana*, criou um grupo chamado “futebol” no *Facebook* e convidou mulheres da sua rede de amigas (do qual faço parte) que jogam futebol para participar desse grupo.

Após o grupo ter se constituído na rede social, foi sugerido que os encontros fossem todas as quintas-feiras às 22h30 – horário decidido para garantir que as mulheres que trabalhassem no turno noturno também pudessem participar.

Os demais frequentadores desse local geralmente são homens que alugam quadras para a prática do futebol como lazer - alguns acompanhados de mulheres e filhos (as) que vão para assistir às partidas de futebol. Alguns grupos frequentadores desse espaço jogam toda semana com dia e horário fixo, já outros grupos não praticam a modalidade com tanta frequência ou apenas alugam o local com a finalidade de pequenos campeonatos entre grupos de suas relações sociais/pessoais.

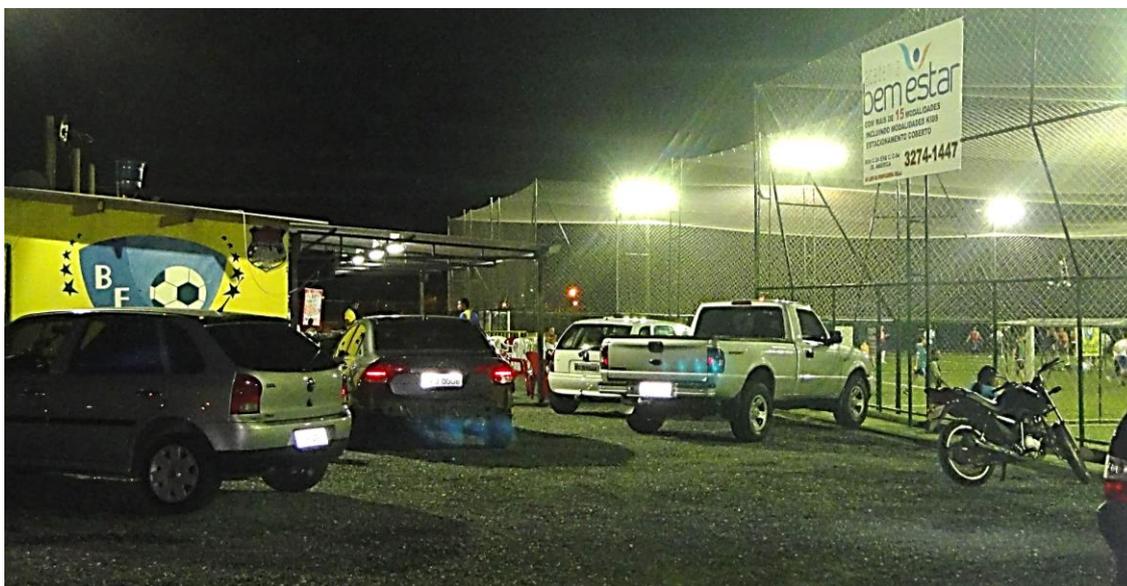


Figura 08 –Brazil Escola de Futebol. Autoria: Valleria Araujo de Oliveira.

No local há também uma lanchonete para venda de bebidas e comidas:



Figura 09 – Imagem da lanchonete ao fundo, dos frequentadores e das jogadoras sentadas próximas ao campo aguardando horário do jogo. Autoria: Valleria Oliveira

Já o *Bar do Waldo* é um espaço com uma quadra de futsal, cujo aluguel é de R\$ 24,00 a hora, e que se localiza nas instalações internas do bar, de modo que no lado externo ficam dispostas mesas e cadeiras para jogadores (as) e também para frequentadores (as) desse recinto.

O grupo de jogadoras que se encontrara no *Bar do Waldo* para a prática foi formado por uma das jogadoras que trabalha como professora de musculação na academia que fica ao lado do bar²⁹. Através de uma amiga que trabalha na secretaria dessa academia, *Regina*, fui convidada para jogar com elas.

Inicialmente, o grupo antes do jogo se propôs a se encontrar às terças-feiras às 20 horas. Entretanto, após o primeiro jogo, no dia 7 de fevereiro de 2013, o grupo se desfez.

²⁹ Point Academia.



Figura 10 – Bar do Waldo. Autoria: Valleria Oliveira

Nesses jogos de futebol como lazer, o aluguel das quadras é dividido igualmente entre as jogadoras, sendo que uma delas fica responsável por recolher o dinheiro e efetuar o pagamento assim que o horário do jogo for encerrado.

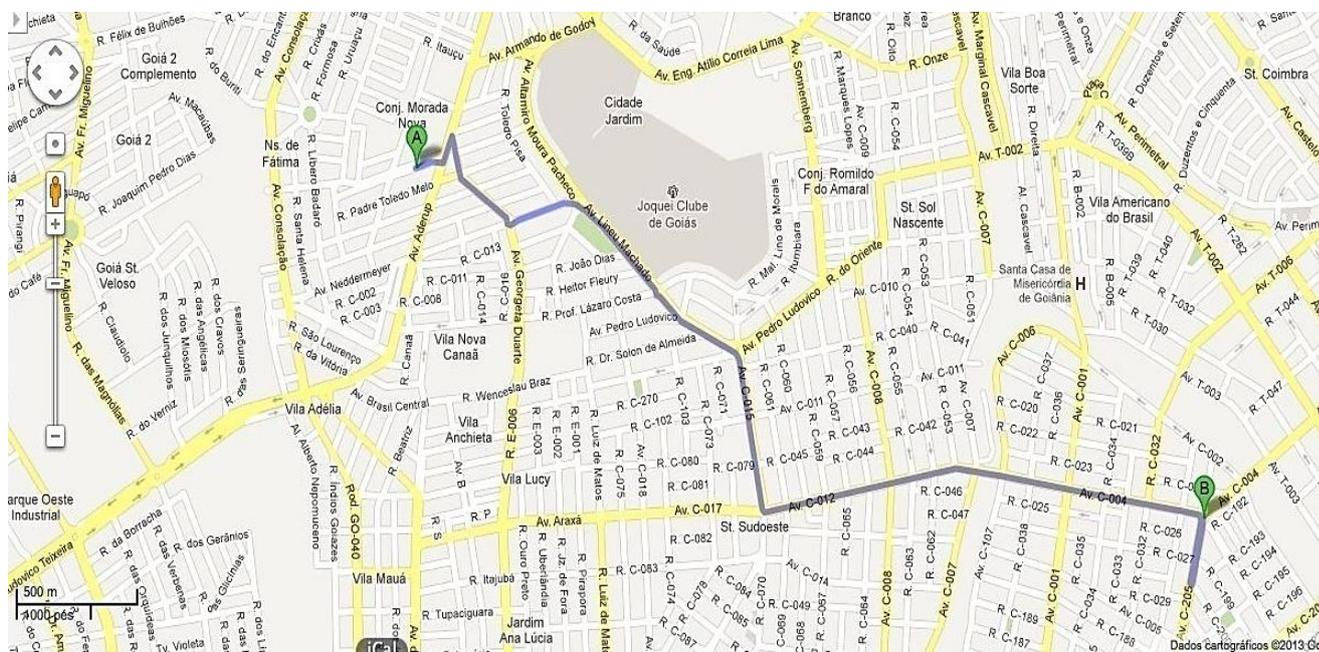


Figura 11 – Localização geográfica³⁰ e trajeto entre os grupos de jogadoras de futebol. Distância de 3,5 km entre os locais. Ambos localizados na região Sudoeste de Goiânia-GO. Ponto A: Bar do Waldo; Ponto B: Brazil Escola de Futebol.

³⁰ Ponto A – Bar do Waldo; Ponto B – Brazil Escola de Futebol.

Assim, esta pesquisa foi realizada com jogadoras de futebol e com os (as) demais frequentadores (as) dos espaços onde este esporte é praticado como lazer e onde a pesquisadora integra esses grupos e joga futebol com essas mulheres.

2. 3 PERFIL DAS JOGADORAS

Os dados abaixo permitem-nos fazer algumas reflexões sobre o perfil das jogadoras participantes desta pesquisa e foram analisados a partir das entrevistas e do questionário socioeconômico³¹. Este teve como objetivo compreender qual a relação dessas jogadoras com a prática do futebol, o seu perfil econômico, profissional e ainda foi direcionado também às temáticas gênero e sexualidade.

Ele contém perguntas objetivas relacionadas às atividades profissionais, situação econômica e a idade das jogadoras, bem como perguntas subjetivas – relacionadas à orientação sexual, a questões de gênero (como elas se sentem), religião e a prática de lazer que elas mais gostam. Esses dados são referentes às jogadoras do *Brazil Escola de Futebol*.

Assim, os questionários foram aplicados a 16 jogadoras/interlocutadas, sendo estas com idade entre 19 e 37 anos:

Idade	Num.	%
19 a 24	7	44%
25 a 30	7	44%
31 a 35	1	6%
Acima de 35	1	6%
Total	16	100%

Tabela – 01 – Idade

Esses dados referentes à idade das jogadoras trazem o marcador social – idade – como uma característica de praticantes do futebol como lazer. Em toda

³¹ Ver apêndice I.

a minha vivência como jogadora de futebol, conheci apenas uma mulher com idade superior à das interlocutoras dessa pesquisa – 50 anos. Embora seja um lazer que demanda resistência física, acredito que esse não seja o único motivo para que não haja mulheres com idade superior a 40 anos nesse grupo, ou nos demais grupos que conheci. Acredito que o contexto sociocultural que envolve a prática do futebol seja o grande responsável por essa “ausência” de jogadoras com idade superior a 40 anos.

Desde a promulgação da lei de 1970, que permitia a prática do futebol jogado por mulheres até os dias de hoje, 2014, 44 anos se passaram.

Quando fiz 17 anos, tive que procurar escola de futebol pra jogar, não existia meninas pra jogar. Eu era a única mulher que eu conhecia a jogar bola com meninos na década de 80. A escolinha de futebol do Bate Bola³² onde eu e Fabiana jogávamos começou em 1994. Era quase impossível achar uma. (AMANDA, 35 ANOS)

Até 1970, o lugar das mulheres no campo de futebol se restringia apenas às arquibancadas, e a prática do esporte, aos homens.

Nunca joguei futebol na rua com outra menina na década de 80, só em 92 no colégio. Na Católica³³ não tinha Educação Física de futebol até 1998. Enchi tanto o coordenador que ele pôs turma em 98. (AMANDA, 35 ANOS)

Por isso meu pai, aos 50 anos, jogava futebol e me levava com ele – o futebol nunca lhe fora proibido. Acredito que essa nova geração de jogadoras poderá usufruir dessa possibilidade e não apenas ter direito ao acesso à prática do futebol, mas também a sua permanência nesse esporte.

Portanto, esta pesquisa conta com mulheres que jogam futebol por lazer, sendo que a maioria declarou seu estado civil como solteira, uma divorciada – era casada com um homem, e apenas uma relatou união estável – esta com uma mulher.

³² Local onde as jogadoras Fabiana, Luana e Amanda se conheceram e começaram a jogar futebol.

³³ Pontífica Universidade Católica de Goiás – Universidade na qual Amanda se graduou no curso de bacharel em Direito.

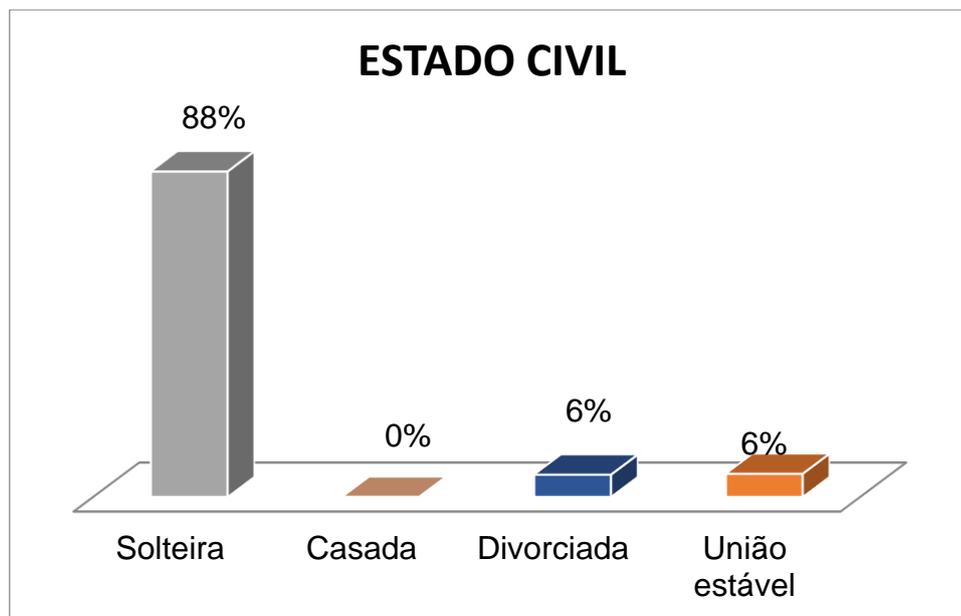


Gráfico – 01 – Estado Civil

Maioria das jogadoras/interlocutoras é professora de Educação Física formada ou em formação – sendo duas atuando na área de iniciação esportiva: uma em futebol e outra em judô; uma professora universitária, mestre em Educação Física, e as demais atuando como *Personal Trainer*. Esse quadro de jogadoras conta também com uma administradora, uma médica que atua na área legista, uma professora de violão, uma musicista, uma nutricionista com mestrado, uma advogada especialista em Direito Empresarial e outra concluindo o curso de Direito. Todas as jogadoras responderam ter tido acesso ao ensino superior, sendo:

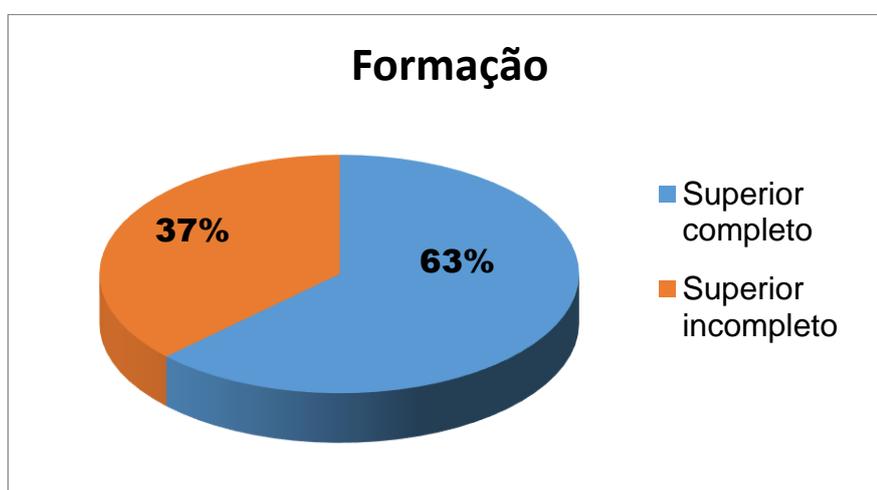


Gráfico 02 - Formação

Cursos	Num.	%
Educação Física	8	50%
Administração	1	7%
Direito	2	14%
Psicologia	1	7%
Medicina	1	7%
Música	2	14%
Nutrição	1	7%
Total	16	100%

Tabela 02 – Cursos de graduação

Com relação à renda mensal, meio de locomoção e imóvel que essas jogadoras possuem, maioria apresentou morar em imóvel próprio da família e ter renda mensal entre 3 a 5 salários mínimos³⁴:

Renda Mensal	Num.	%
3 a 5 salários	10	63%
5 a 7 salários	3	19%
Acima de 8 salários	3	19%
Total	16	100%

Tabela 03 – Renda Mensal

Imóvel que reside	Num.	%
Próprio da família	13	81%
Cedido	1	7%
Alugado	2	12%
Total	16	100%

Tabela 04 - Imóvel

Meio de locomoção	Num.	%
Carro	13	81%
Moto	2	12%
Ônibus	1	7%
Total	16	100%

Tabela 05 – Meio de locomoção

Percebe-se aí que são mulheres de classe média/classe média baixa que tiveram acesso ao ensino superior, de modo que apenas uma das 16 jogadoras usa o ônibus como meio de locomoção.

³⁴ Valor do salário mínimo no Brasil desde de janeiro de 2013 corresponde a R\$ 678,00.

As possibilidades de lazer estão associadas a alguns marcadores sociais da diferença. Como já foi apontado cima, um deles é a idade. Dentre outros marcadores sociais, o de classe também se faz presente no *Brazil Escola de Futebol*, pois as jogadoras que frequentam esse espaço, já mencionado anteriormente, fazem parte da classe média/ classe média baixa.

Os jogos acabam geralmente às 23h30, horário complicado para quem depende de ônibus. *Aline* é a única jogadora cujo meio de locomoção é o ônibus – geralmente ela chega e vai embora de carona com a *Joana*. Outro ponto que gostaria de assinalar é o valor do aluguel da quadra: R\$ 80,00 a cada hora.

Geralmente o quantitativo no mesmo dia varia entre oito e dez jogadoras. Foram raras as vezes que foram as 16 interlocutoras no mesmo dia/jogo. O valor pago por cada jogadora gira em torno de R\$ 8,00, sendo que alguns jogos foram apenas quatro mulheres. Quando convidamos os frequentadores para completar time, o valor do aluguel da quadra é dividido apenas entre nós, jogadoras.

Embora o lazer seja um direito de todos e todas, cabendo ao Estado disponibilizar locais para tal prática, isso não ocorre, visto que os próprios ginásios públicos disponíveis na cidade geralmente estão localizados em escolas/instituições públicas e o aluguel das quadras é cobrado a cada hora de permanência no local. Digo isso como jogadora que há anos frequenta esses espaços: ginásios de esportes; escolas estaduais; colégios militares – em todos esses locais tivemos que pagar para usá-los.

Partindo agora para as questões subjetivas, com relação à primeira pergunta do questionário, esta foi direcionada ao modo como essas jogadoras se sentem em relação ao gênero.

Segundo Grossi (1998, p. 21), a identidade de gênero é uma categoria pertinente para pensar o lugar do indivíduo no interior de uma cultura determinada, remetendo à construção do sentimento individual de identidade.

Esta questão tinha as alternativas: masculina, feminina e outros. De 16 jogadoras, dez apontaram se sentirem femininas: “*me sinto bem feminina. Gosto de usar vestido, salto. Sou bem mocinha (risos)*” (*Bianca*); três relataram se sentirem masculinas: “*ah, sou masculina né. Não uso salto, maquiagem, roupa colada, essa coisa do tipo. É como você tá me vendo, Vall, bermudão, boné, sapato. É assim que me sinto bem*” (*Vanessa*); e três responderam a opção

outros, sendo elas: *Lorena, Luiza e Ludmilla*. Segundo *Lorena*: “*tenho um estilo próprio, me visto como gosto*”.

Já *Ludmilla*, que também respondeu “outros”, diz que: “*Às vezes feminina, às vezes andrógena, eu diria DESCOLADA. Até porque isso depende muito do meu humor e do local e do momento*”.

Para melhor visualização, segue o gráfico abaixo:

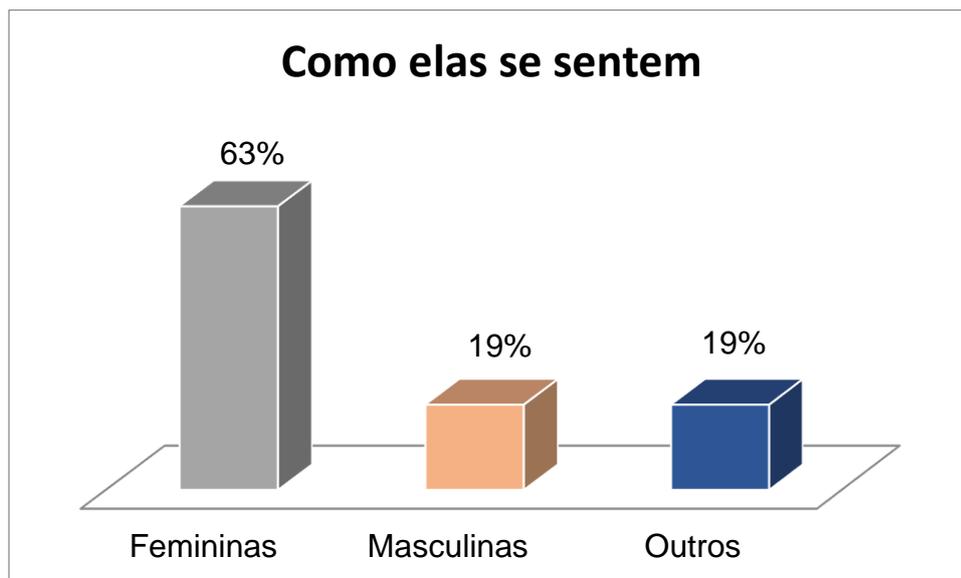


Gráfico 03 – Como elas se sentem

Para Butler (2010), seguir um determinado gênero significa corresponder a uma série de expectativas e normas sociais:

[...] qualificar-se como uma identidade substantiva é tarefa das mais árduas, pois tais aparências são identidades geradas por regras, que se fiam na invocação sistemática e repetida de regras que condicionam e restringem as práticas culturalmente inteligíveis da identidade. (BUTLER, 2010, p. 208)

“*Uai, usar roupa feminina, salto, maquiagem, fazer as unhas, essa coisas. Tem dia que olho no espelho e vejo que preciso fazer a sobrancelha, que meu cabelo não tá legal. Me sinto mais feminina quando tô de unha feita também*” (*Regina*). Essa afirmação da jogadora aponta para um padrão estético e de representação regido por uma exigência social na qual o “ser feminina” está atrelado ao ideal do “ser mulher”.

De modo que o mesmo acontece quando uma jogadora se identifica como masculina: “*ah, tipo, tudo né... roupa, boné, o sapato. É meio que o “perfil” das masculinas (Elen).*”

No trabalho de campo do *Brazil Escola de Futebol*, pude identificar como o “ser jogadora” de futebol na percepção tanto das jogadoras como dos frequentadores (as) está fortemente ligado à masculinidade. Quando indaguei às jogadoras se havia algum tipo de padrão de vestimenta e na forma de agir das jogadoras, todas concordaram que, em alguma medida, elas seguem um determinado padrão, sendo este vinculado ao masculino:

De maneira geral sim. Não são todas, mas generalizando sim (como seria?) Seria do que a gente parte do pressuposto que é preconceituoso mesmo, que é ser mais masculinizada, que é gostar mais de roupa masculina, que é falar de maneira mais masculina. Por algum motivo que eu não sei se é historicamente construído ou se é coincidência mesmo, mas de maneira geral isso acontece mesmo. Pelo menos com relação a minha experiência, isso acontece mesmo. (Regina)

Embora a maioria das jogadoras, isto é, dez mulheres de um total de 16 afirmarem se sentirem femininas, os estereótipos herdeiros de construções socioculturais vinculam a prática do futebol destinada aos homens como uma prática masculina. Isso se faz presente nas falas, relatos e nas relações jocosas entre as próprias jogadoras.

A segunda questão refere-se à orientação sexual. Cinco jogadoras relataram ser heterossexuais, oito responderam ser homossexuais, duas bissexuais e uma marcou a alternativa “outros”, escrevendo na frente desta: “*Indefinida*”.

A jogadora que se identificou como “indefinida” diz que:

[...] tem hora que acho que sou mais lésbica, tem hora que tô bem hetero, sei lá. Quanto tô apaixonada por um homem acho que vou ser só hetero, mas quando me apaixono por uma mulher, penso que sou mais lésbica” (Alice).

Alice se identifica como “indefinida” dizendo ora se sentir homossexual e ora heterossexual. Essa autodefinição perpassa por categorias referentes a uma pessoa *sexuada*, diferentemente da categoria *assexuada*. Durante um programa

de televisão do SBT, “Gabi quase proibida”³⁵, apresentado por Marília Gabriela, a educadora Elizabete Oliveira, doutoranda pela USP em Pedagogia, Educação e Letras, dá uma entrevista sobre a sua pesquisa que aborda pessoas assexuadas.

Segundo a pesquisadora, o termo *assexuada/ assexuado* está relacionado a pessoas que nunca sentiram atração sexual – diferentemente daqueles e daquelas que, em algum momento da vida, deixaram de sentir atração sexual devido a algum trauma ou por questões de ordem fisiológica.

Em uma discussão interessante e de inúmeras possibilidades que envolvem a terminologia assexuado/assexuada, Elizabete Oliveira trabalha com a diferenciação entre atração sexual, desejo sexual e relacionamentos românticos vivenciados por assexuados e assexuadas.

Nesse sentido, com relação às autodefinições das jogadoras, nesta pesquisa, nenhuma das interlocutoras se apresentou como assexuada.

Durante o trabalho de campo, foi possível compreender que estas mulheres estão sempre definindo a sua identidade de gênero ou orientação sexual, bem como “exigindo” que suas companheiras de jogo façam o mesmo.

Quando *Alice* se apresenta como tendo orientação sexual “indefinida”, ela perpassa por esse caminho das necessidades estabelecidas pelo ato de se definir, seja como heterossexual ou homossexual:

[...] tem gente, especialmente algumas lésbicas ou gays que não aceitam ou não acreditam que possa gostar de homem e de mulher, que não acredita em bi. Se revoltam e acham um absurdo quando vê uma lésbica beijar um homem. Eu passei a vida toda, praticamente 10 anos sofrendo pra me definir como lésbica pra descobrir depois que eu não preciso me definir. Não sei se eu precisava disso, de me assumir lésbica pra entender que não precisava de me definir. (Amanda)

³⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=V9VuyHpzwCM>>. Acesso em: 5 maio 2014.

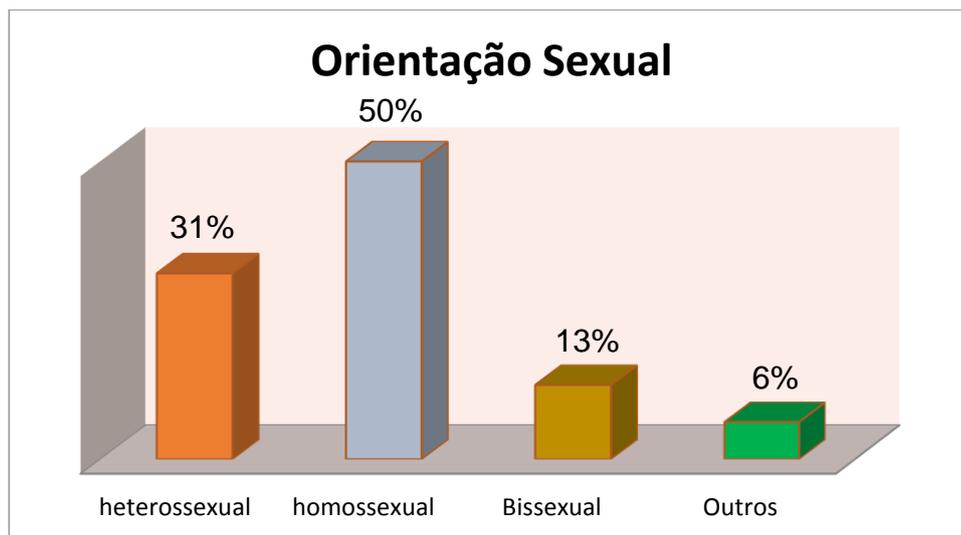


Gráfico 04 – Orientação Sexual

Com relação à religião, quatro jogadoras apontaram ser católicas, uma respondeu ser evangélica, três relataram ser espíritas, uma agnóstica e sete responderam não ter religião.

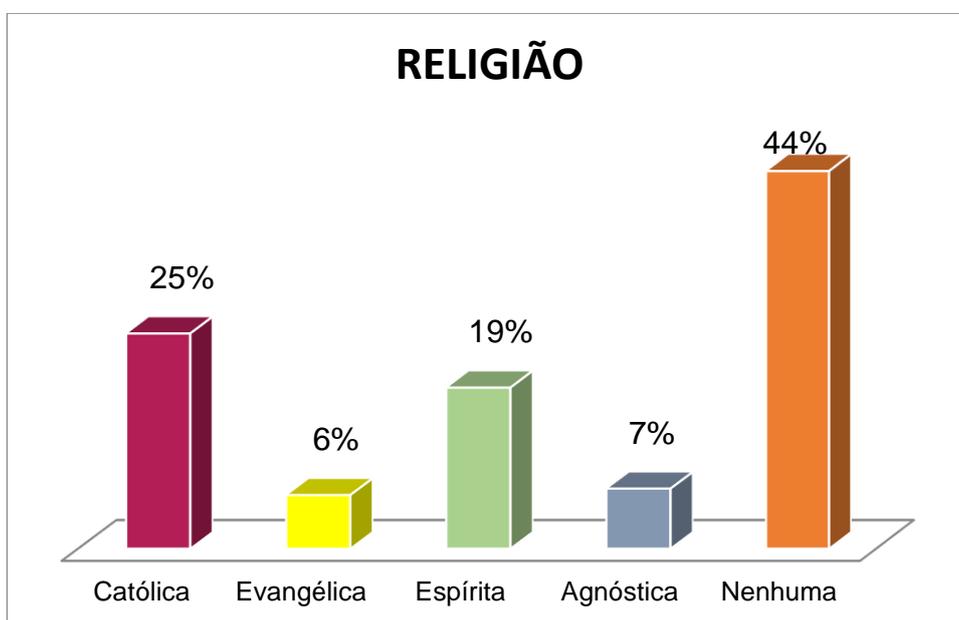


Gráfico 05 – Religião

Quando escrevi o meu trabalho de conclusão do curso de especialização em Políticas Públicas, no qual investiguei de que maneira os representantes da bancada evangélica interferiam na construção de Políticas Públicas destinadas

à liberdade sexual, compreendi que a religião é um ponto central que impera na elaboração e reprodução dos estereótipos e preconceitos ligados à população LGBTs. Assim, achei relevante compreender se estas jogadoras estão vinculadas a alguma religião.

Embora no questionário eu não indague se as jogadoras estão vinculadas às religiões de forma ativa/ praticante, durante a análise dos dados percebi a fragilidade desta questão e assim recorri ao meu diário de campo. Das jogadoras, apenas *Fabiana* traz sua aproximação com a religião de forma ativa: “na sexta a noite não posso jogar porque tenho culto”. Outra fala importante com relação à religião é a da *Joana*:

Eu era evangélica, ia na igreja, participava de encontros, eu era praticante mesmo, e quando eu fiquei com uma menina pela primeira vez eu sofri muito porque era pecado e aí vi que eu não cabia ali dentro mais. Mas no começo, nossa, foi difícil porque passei a minha vida dentro da igreja.

Vinculada à cultura heteronormativa, as religiões, sejam elas protestantes ou católicas, adotam uma postura mediada pela Bíblia que expressa que “os afeminados não herdarão o reino dos céus”. Isso mostra a vinculação do gênero ao sexo e à orientação sexual, pois aqueles e aquelas que fogem a essa norma são marginalizados (as).

Com relação ao lazer, quando indagado às jogadoras sobre a sua prática de lazer preferida, a maioria das jogadoras respondeu: “jogar bola”; de modo que quatro responderam gostar de “sair com os amigos e amigas”; duas disseram gostar de “ir ao cinema e jogar futebol” nas horas livres; uma relatou “lutas” e três dessas quinze jogadoras responderam gostar de “ficar à toa” ouvindo música ou vendo TV. A resposta “ficar à toa” remete a uma prática de lazer, uma vez que o ócio³⁶ também se configura como lazer.

³⁶ MASCARENHAS, Fernando. Do ócio ao negócio: tese acerca da anatomia do lazer. Campinas, SP, 2005.

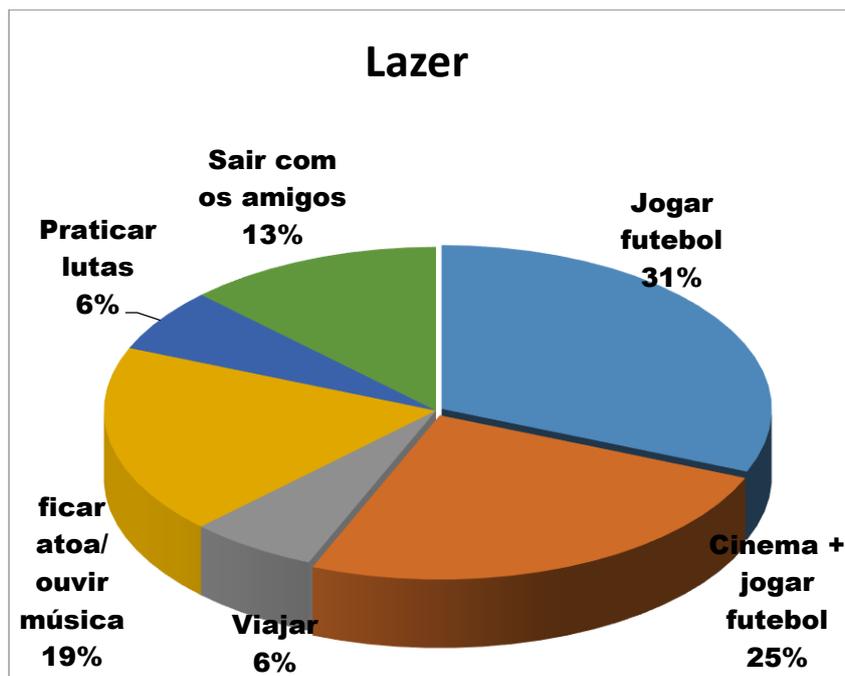


Gráfico 06 - Lazer

Considere importante conhecer como as jogadoras destinam o seu momento de lazer, pois este trabalho se configura como uma etnografia sobre mulheres que praticam futebol como lazer.

2.4 QUEM SÃO ELAS?

Aqui apresentarei as jogadoras que fizeram parte desta pesquisa como interlocutoras. São 16 jogadoras que estiveram presentes na maioria dos jogos – algumas costumavam faltar em uma semana, sempre justificando o motivo pelo qual não poderiam comparecer, mas logo retornavam aos encontros.

Dessas 16 interlocutoras, todas responderam ao questionário socioeconômico, mas apenas dez dessas jogadoras foram entrevistadas: *Fabiana, Diana, Vanessa, Amanda, Luana, Elen, Regina, Lorena, Bianca, Luiza*. As outras não puderam responder por incompatibilidade de horário em outra ocasião ou mesmo em campo para realização da entrevista e me enviaram o

questionário respondido via e-mail. São elas: *Ludmilla, Mariana, Aline, Joana, Laura, Alice.*

- *FABIANA*

Fabiana tem 28 anos, é graduanda em Educação Física na Universidade Federal de Goiás e atualmente atua como professora de iniciação esportiva em futebol para crianças e adolescentes no *Brazil Escola de Futebol*. Solteira, homossexual e espírita, Fabiana possui automóvel e mora em imóvel próprio com a avó, irmã, duas tias e dois primos.

A entrevista com a jogadora foi realizada na casa dela. Quando lhe perguntei se me concederia uma entrevista, ela logo me respondeu “*por mim tudo bem. Pode ser aqui em casa? Depois das 19h tô tranquila*”. Quando cheguei na casa dela, sua avó me recebeu e disse que ela estava no quarto e que eu poderia entrar.

Durante os anos de 2008 e 2009, eu frequentei bastante a casa de Fabiana, pois ficamos amigas após ela ingressar no curso de Educação Física da UFG e descobrimos que tínhamos o futebol como algo em comum.

Fabiana começou a jogar futebol aos seis anos de idade em uma escolhinha de futebol que sua mãe a levou para fazer aulas. A jogadora seguiu carreira de atleta de futebol por sete anos e foi convocada para jogar na seleção de fustal brasileira no ano de 2008. Atualmente é professora do *Brazil Escola de Futebol* e foi a partir dela que este grupo se formou.

Durante os jogos, eventualmente ela se veste com roupas esportivas mais largas como bermudas e camisetas de futebol. A jogadora relata ser homossexual e se sentir uma mulher feminina. Com relação ao futebol como lazer, “*jogo como forma de distração, diversão. Não tem coisa melhor que encontrar vocês e jogar bola. A gente dá muita risada*”.

Ao relembrar sua história de vida e experiências com relação ao futebol, Fabiana diz que era vítima de comentários preconceituosos quando criança:

[...] me falavam que eu parecia menino, que futebol era coisa de homem. Muita gente acha que todo mundo que joga futebol é sapatão, essas coisas, assim, não diretamente, indiretamente sim, pessoal fala escondido, principalmente a família do meu pai que é muito religiosa.

Quando indaguei o que esse futebol de quinta-feira significava para ela, Fabiana logo respondeu com um sorriso no rosto:

Eu acho um máximo, acho muito bacana porque mulher não tem esse tipo de convívio, você vê os homens o tempo todo, você vê eles que jogam futebol e depois vai fazer alguma coisa. Você não vê mulher fazendo isso, mulher não tem esse tipo de lazer, a gente tem esse grupo mas é raro, você não vê mulher no campinho, são raros os lugares.

Por ser professora no *Brazil Escola de Futebol*, quando não tinha o quantitativo de mulheres o suficiente para completar dois times (seis de cada lado), Fabiana sempre convidava o Alison (proprietário) para jogar conosco e este chamava mais alguns para completar os times.

Com relação ao modo que Fabiana achava que os frequentadores do *Brazil Escola de Futebol* nos olhavam, nos percebiam, a jogadora relatou que: “*acho que depende, tinha uns lá que demonstrava, que via a gente como as homossexuais que jogavam futebol. Outros não, viam com bom olhar, tanto que brincava, ficava perto da gente e queria enturmar com a gente ali e tal.*”

Para esta jogadora, o preconceito com mulheres que jogam futebol está relacionado aos estereótipos de que: “*todo mundo acha que mulher que joga futebol é sapatão, masculina. As pessoas olham a gente de olho torto, olha de cima em baixo, tem bastante preconceito*”.

“*Até entre a gente mesmo tem umas brincadeiras, comentários. Tenho uma amiga que chama essas meninas mais masculinas de homem-sexual³⁷ (risos).* (Fabiana). Homem-sexual, palavra essa que se refere a um comentário que a Diana fez a Fabiana para se referir a mulheres homossexuais que se identificam com o gênero masculino e “parecem” homens.

Segundo a Fabiana: “*Não é o gosto da roupa que eu uso que vai definir a minha sexualidade. Você ve aí a Aninha, parece uma princesa, mas é uma periguete sapatão dos infernos (risos)*”. Aninha é uma jogadora de voleibol,

³⁷ *Homem-sexual*: Termo nativo que tem como objetivo referenciar mulheres homossexuais masculinas.

amiga em comum que conhecemos nos Jogos Universitários Brasileiros, e não faz parte do grupo de jogadoras do *Brazil Escola de Futebol*.

Ao se referir a Aninha como “periquete sapatão dos infernos”, Fabiana referia-se ao fato de a amiga ser homossexual, famosa por “passar o rodo”³⁸, bem como ao modo de se vestir e agir da amiga: roupas coladas, maquiagens e sensualidade exacerbada.

O futebol na vida da Fabiana primeiramente se fez presente como iniciação esportiva e depois profissionalmente como atleta. Atualmente, o futebol profissional ainda faz parte da vida da jogadora, mas como professora. Como jogadora, apenas por lazer. A prática de lazer preferida da Fabiana é “*Ver televisão*”.

- *DIANA*

Diana tem 26 anos, é professora de Educação Física formada na Universidade Salgado de Oliveira, em Goiânia – Goiás e atua como *personal trainer*. Diana é judoca profissional, treina essa modalidade duas vezes por dia e participa de seletivas estaduais e brasileiras de judô.

Solteira, heterossexual e “*sem religião*”, a jogadora possui uma motocicleta e mora em imóvel próprio com a mãe e um irmão.

A entrevista com Diana foi realizada em uma academia de judô – local onde ela treina, situado no bairro Sudoeste na cidade de Goiânia-Goiás. Quando cheguei no local, ela ainda estava treinando. Sentei em uma cadeira próxima ao tatame e aguardei seu treino terminar. Sentamo-nos em local afastado do tatame e do restante do pessoal que havia naquele local.

Durante a entrevista, Diana fez brincadeiras com seus colegas de treino que a chamavam querendo saber onde ela estava: “*calma gente, tô dando uma entrevista. Sou famosa (risos)*”.

Aos seis anos de idade, *Diana* pediu a sua mãe para que a colocasse em uma escolhinha de futebol, e foi a partir daí que ela começou a jogar futebol: “*sempre quis jogar futebol, aí pedi a minha mãe e ela me colocou em uma escolhinha*”.

³⁸ Passar o rodo, segundo as jogadoras, é ficar, beijar e se relacionar com várias pessoas ao mesmo tempo.

Pra mim futebol é momento de diversão, momento lúdico, a gente acaba tendo uma rotina muito estressante e acaba encontrando as amigas pra jogar futebol que é muito bom. Momento de descontrair pra sair da rotina e esquecer dos problemas e se divertir.

Durante a entrevista, indaguei-lhe se já havia sofrido preconceito por jogar futebol. Diana relata que atualmente não tem mais tanto preconceito, mas que, quando criança, sim, *“hoje em dia não porque eu acho que está mudado, mas quando eu era criança as pessoas perguntavam se era homem, essas coisas.”*

Tem, teve e sempre vai ter. Quando eu comecei a viajar pro JUB's que eu comecei a perceber isso, não era só as meninas do futebol que era homossexual, as meninas do handebol era, os meninos do futsal eram, foi aí que comecei a perceber que não foi tal modalidade que determinou isso.

Heterossexual, Diana relata usar roupas e acessórios femininos, mas *“não sou muito vaidosa e me acho muito masculina na maneira de agir e falar. Minhas amigas cansam de pegar no meu pé. Minhas amigas do segundo grau. Maioria acha que eu sou”*:

Cada um tem que se vestir do jeito que se sente bem. Por exemplo, eu não vou a uma balada de sapatenis, não que eu tenha preconceito com uma caminhoneira que vai usar isso, mas eu não me sentiria a vontade assim. Da mesma forma que não me importo de ir ao shopping de sapatenis. Não vou a shopping de salto também, nunca na minha vida, nunca precisei disso (risos).

Durante a entrevista e os jogos, há uma constante vinculação das jogadoras do *Brazil Escola de Futebol* para com a jogadora Diana referindo-se a ela como homossexual devido aos seus atos mais agressivos na hora de jogar e também com relação ao corpo de Diana possuir um grande volume de massa muscular.

Com relação à percepção dos frequentadores sobre nós, jogadoras, Diana relata que:

Ah, acho que eles não vê nada de maioria ser homossexual. Maioria que tava ali tava adorando aquilo ali como se fosse um paraíso pra eles mulher jogando bola. Homem eu acho que é difícil perceber isso. Homem não, pessoa que não tem uma visão mais crítica, mais atualizada não percebe isso. Igual a minha mãe, o João amigo da Fabiana é uma bicha, bicha, bicha, e a Fabiana também né, e minha mae acha que eles são namorados.. ela fala: “nossa, que casal mais lindo (risos)”.

A prática de lazer preferida de Diana é “jogar bola”.

- VANESSA

Vanessa tem 29 anos, é estudante de Direito na faculdade Araguaia e atualmente não está trabalhando, apenas estudando. A entrevista com a jogadora foi realizada no *Brazil Escola de Futebol* vinte minutos antes de começar a partida de futebol do grupo de jogadoras desse local.

Espírita, solteira e homossexual, a jogadora possui motocicleta e mora em imóvel próprio com os pais.

Vanessa relata que começou a jogar futebol aos oito ou nove anos com os primos e que os encontros no *Brazil Escola de Futebol* são para ela “*um momento de diversão e encontrar os amigos*”.

Durante os jogos, Vanessa se referia às companheiras de time ou adversária com termos da língua portuguesa no masculino. Comentários do tipo: “*marca o cara lá; já deu o tanto de jogadores*” eram recorrentes.

Vanessa se diz homossexual e se sentir masculina na maneira de se vestir, falar, andar e agir: “*gosto de roupas mais largas, de homem mesmo. Bermudão, camiseta, sapatênis, boné*”.

Acredito que os caras que estão jogando com a gente vê a gente como colega de time mesmo. Tem uns que pegam mais leves, outros jogam de igual pra igual. E tem aqueles que estão de fora que mexem com as meninas, comentam que são gostosas, essas coisas de homem.

“*Minha família me aceita numa boa como eu sou, do jeito que gosto de me vestir. Claro que no começo minha mãe insistiu nos vestidos, mas logo ela viu que não tinha jeito (risos)*”.

Vanessa relata que as pessoas a olham diferente “*principalmente quando tô junto com uma menina*”, mas que o preconceito sempre aparece de uma forma velada, indireta, “*geralmente vejo me olhando, cochichando, principalmente quando vou em bar hetero. (Como você vê isso? Te incomoda ou coisa do tipo?)*” “*Ah, já incomodou. No começo sempre fica aquela coisa, mas depois a gente toca o foda-se e hoje nem me importo não*”.

A jogadora relata também que não sofre preconceitos por parte dos grupos com os quais ela joga futebol. Sua prática de lazer preferida é “*jogar bola com as amigas*”.

- **AMANDA**

Amanda tem 35 anos, é advogada, formada na PUC – Goiás e profissionalmente atua como advogada empresarial. A entrevista com a jogadora foi realizada na minha residência. Antes de um dos jogos, Amanda passou na minha casa para que pudéssemos realizar a entrevista e acabei pegando carona com ela, pois a minha casa fica entre o *Brazil Escola de Futebol* e a sua residência.

Solteira, homossexual e “*sem religião*”, a jogadora mora em imóvel próprio com os pais e possui automóvel. Amanda começou a jogar futebol aos 10 anos em uma escolinha de futebol, e gostava de jogar tanto no gol quanto na linha:

[...] como eu gostava de jogar no gol e jogava bem na linha também, o técnico me colocava pra começar jogando na linha e se a coisa apertasse, ele me colocava de goleiro-linha³⁹.

Para a jogadora, o futebol de quinta-feira no *Brazil Escola de Futebol* é um momento de diversão, mas que também é momento de praticar alguma atividade esportiva, fazer exercício físico para ajudar a manter a forma, pois ela não gosta de fazer atividades na academia.

³⁹ Goleiro-linha é uma posição no futebol onde a jogadora/jogador pode jogar tanto na linha como no gol simultaneamente. Geralmente isso acontece quando o time está perdendo, assim, ao subir para a linha, o time pode contar com uma jogadora/jogador a mais, e esta/este pode recuar para o gol caso precise.

[...] os meninos que jogam com a gente parecem se divertir, os que estão assistindo também. Teve um dia que uns caras saíram do campo e sentaram numa ali perto e ficaram rindo, comentando o jogo, fazendo piada. Quando nós saímos, tinha mais de oito garrafas de cerveja na mesa deles. Acho que eles se divertem vendo um bando de mulher jogar.

A jogadora se declarou homossexual e que se sente feminina:

[...] às vezes tenho vontade de me vestir mais à vontade, roupas largas, mas tive que me conter e aprender a vestir mais feminina. Tem que ser mais mulézinha, ainda mais depois que você vira lésbica.

Amanda relatou não ter tido problemas com a família por jogar futebol:

Por jogar futebol não. Minha mãe sempre ia nos jogos, as meninas iam lá pra casa depois do jogo, minha mãe fazia lanche, essas coisas. Mas depois de uns anos quando contei a minha mãe que eu estava namorando uma menina, aí os problemas começaram.

Para a jogadora, os problemas não tinham como causa o futebol, mas sim a sua orientação sexual que demorou anos para que seus pais a aceitassem. Embora o futebol não seja mais tão frequente e nem a prática do treinamento esportivo faça parte da vida de Amanda, a jogadora relata que gostaria de praticar mais exercícios físicos e que “jogar futebol, ler e ir ao cinema” são suas práticas de lazer preferidas.

- **LUANA**

Luana tem 36 anos, é formada em Medicina pela UFG, especialista em ortopedia e atualmente trabalha na área legista na cidade de Anápolis⁴⁰. Luana é divorciada, heterossexual e tem duas filhas – uma de treze e outra de três anos. A jogadora possui automóvel e mora em imóvel próprio.

⁴⁰Anápolis é uma cidade famosa por ser um pólo industrial, e que fica a 57 km da cidade de Goiânia.

A entrevista com a jogadora foi realizada no *Brazil Escola de Futebol*. Liguei para ela e combinamos de chegar às 22 horas, isto é, 30 minutos antes de iniciarmos o jogo.

Às vezes, Luana vem direto de um plantão em Anápolis para jogar futebol conosco:

[...] uai, é a melhor parte da semana, eu vou perder? Dormir a gente dorme depois, sei lá, dormir é perda de tempo (risos). Mas o meu trabalho lá dá para descansar. Às vezes fico aqui em Goiânia mesmo aí quando acontece alguma coisa lá, uma assassinato, coisa assim, eles me ligam aí eu vou correndo.

Luana é uma das jogadoras mais “viciadas” em jogar bola que tem nesse grupo do *Brazil*. Os times se formam a partir do momento em que as jogadoras vão chegando. As primeiras que chegam começam jogando, e *Luana* sempre chega primeiro. Quem vai chegando, vai colocando os nomes na prancheta⁴¹, e o primeiro nome na lista é sempre o dela.

A jogadora diz se sentir feminina e gostar de se arrumar e ir a festa. Luana diz se divertir nos jogos, especialmente com “os caras” que ficam ali observando o nosso jogo: *“Uai, acho que eles gostam né. Homem vendo mulher jogar bola fica tudo doido. No meu caso que sou gatinha (risos) eles mexem, me cantaram já, e eu gosto disso”*. A prática de lazer preferida da Luana é *“jogar bola e sair com os amigos”*.

- **ELEN**

Elen tem 27 anos, é graduada e mestre em Nutrição pela UFG. Atualmente, ela é estudante do curso Bacharel em Educação Física e atua como docente na Faculdade de Nutrição, ambas na Universidade Federal de Goiás. Agnóstica, homossexual e solteira, a jogadora possui automóvel e mora em imóvel próprio.

A entrevista com a Elen foi realizada na Faculdade de Educação Física da UFG. Quando falei com ela via *inbox* no *facebook*, Elen respondeu que toparia realizar a entrevista e que tinha aula todos os dias até às 18 horas. Perguntei-

⁴¹ Prancheta – material de apoio para a folha onde as jogadoras colocam o nome para formar os times.

lhe como ficaria melhor – onde ela gostaria que fosse a entrevista, e a jogadora disse que poderia ser lá na FEF. Combinamos lá, pois a jogadora reside no bairro Itatiaia, próximo ao Campus II da UFG.

Elen começou a jogar futebol com 13 anos a convite da professora de Educação Física da escola onde ela estudava. O convite se deu pelo fato de Elen já praticar outro esporte e acredito também pelo motivo de que na Educação Física chamamos de “transferência de Habilidade” – quando um aluno ou aluna tem sua coordenação motora já bastante desenvolvida devido à prática de um determinado esporte, este, conseqüentemente, terá mais facilidade na prática de outros esportes devido a esse trabalho prévio e desenvolvimento da sua coordenação motora.

Na escola eu devia estar na sétima série eu entrei para o judô, e na época ia ter um campeonato de futebol na escola, e aí precisava de alguém no gol, e aí a professora lembrou que eu fazia judô e aí ela achava que por eu ser do judô eu caía mais fácil e poderia jogar no gol.

Elen relata que, durante muito tempo, apenas jogou futebol na escola e que somente depois do mestrado ela começou a fazer parte de grupos de mulheres que jogavam futebol como lazer: “Quando eu tava no mestrado eu achei um pessoal que jogava bola no orkut e aí eu comecei a encontrar com elas pra jogar mas mais por uma questão social assim”.

A jogadora relatou que começou a jogar no *Brazil Escola de Futebol* para aumentar seu círculo social, mas que o seu contato pessoal continuou apenas com aquelas jogadoras que ela já conhecia antes:

Comecei a jogar por questão de convite e nem assim, por questão de grupo social lá do Brazil era bem menor o que eu tinha antes. Tem o caráter social mas a minha participação não era tanta, a localidade era longe pra mim e horário meio atravessado. Então que ia mais pra não sei (risos) era um caráter social de prática mas no contexto assim, os vínculos mesmo sociais acho que não estabeleceram tão assim no meu caso, continuaram com aquelas que eu já conhecia anteriormente por conta do grupo anterior que eu jogava.

Segundo a jogadora, embora ela goste de jogar futebol como lazer, seu momento de lazer preferido é quando pratica a modalidade “lutas”. Elen é ex-judoca e atualmente treina jiu-jitsu.

Para Elen, com relação à sociabilidade entre as jogadoras e os frequentadores, havia uma distinção: “*tinha aqueles que jogavam com a gente, e aqueles que ficavam ali fora assistindo o nosso jogo*”. Isto é, a jogadora relata que havia respeito para com as mulheres jogadoras partindo daqueles que jogavam conosco, e “*piadinhas de mal gosto*” partindo daqueles que ficavam ali fora apenas assistindo:

No Brazil, eu já vi piadinha de grade de mal gosto, mesmo as meninas sendo... era referindo a Diana⁴², a Diana jogando sem camisa, pulando na grade, eu não sei falar o conteúdo da piada, mas era aquela piada que a gente sabe que pega tipo o que parece e tal, rindo, mas eu acho que essa percepção fora alambrado, que muita das piadas ali do grupo masculinos que eu via não acontecerem ou serem amortizadas, era pela presença da Fabiana. A Fabiana era amiga do dono e o dono sabia do histórico da Fabiana frente ao esporte, aí eu via ele chegando em grupo de gente que tava reunido ali fora, apontando pra ela e dando trecho da história dela, e aí rolava uma situação de respeito, de respeito a figura da Fabiana, mas que não excluía as piadas. (Elen)

Elen diz que as piadinhas de mal gosto eram relacionadas a pessoas específicas devido à estrutura corporal e comportamento masculinizados de algumas jogadoras. Elen relata ser uma mulher masculina homossexual e que o seu ciclo de amizade se dá com mulheres mais femininas e que isso causava estranhamento nas pessoas por onde passava com suas amigas:

Eu sempre saí com as meninas mais femininas e sempre rolou um estranhamento visual. Eu tava com as meninas, to no coletivo, não tem situações de preocupação, mas sempre tinha o estranhamento visual, sempre tinha o encarar.

A jogadora usa camisa larga, bermudão largo no joelho com bolso, tênis ou sapatênis, boné ou boina, cabelo na altura dos ombros, sempre amarrados.

⁴² Durante os jogos, Diana fez brincadeiras para demonstrar as suas habilidades e força – pendura na trave do gol fazendo barra (exercício de alta dificuldade que demanda sustentação e elevação do corpo apenas com os braços), faz exercício de agachamento com as jogadoras nas costas.

- REGINA

Regina tem 24 anos, é bombeira civil, estudante de Educação Física na UFG. A jogadora trancou o curso e atualmente trabalha em uma academia de ginástica na cidade de Goiânia - Goiás como gerente geral das duas unidades desse estabelecimento comercial. Solteira, bissexual e “*sem religião*”, a jogadora possui automóvel e mora em um imóvel cedido por um tio.

A entrevista com a Regina foi realizada na minha residência. Quando lhe propus a entrevista, ela se prontificou em ir até a minha casa e combinou com a Lorena e Luiza de virem juntas já que eu as entrevistaria também. Elas chegaram na minha casa com pão, salsicha, extrato de tomate e batata palha para fazermos cachorro quente (ideia da Regina). Enquanto eu entrevistava uma de cada vez, Lorena e Luiza no meu quarto, a Regina fazia o cachorro quente.

Após comermos e rirmos bastante com os comentários e conversas que tivemos, bem como brincadeiras que elas faziam: “*cuidado hein, Vallzinha chama a gente pra fazer entrevista e já vai levando a gente pro quarto (risos)*”, realizei a entrevista com a Regina.

Durante a entrevista, a jogadora relatou ter começado a jogar futebol quando criança: “*Eu jogava com o meu irmão. Assim, eu gostava de jogar mais que ele, acho que eu que influenciei ele (risos)*”.

Jogadora de futebol apenas como lazer, Regina diz que, para ela, o futebol é um momento de diversão, de ver as amigas: “*é muito legal também porque a gente acaba saindo pra comer e conversar depois do jogo também*”.

Regina foi uma grande amizade que fiz na graduação e, desde o primeiro momento na universidade, tornamo-nos amigas assim que descobrimos que gostávamos de futebol.

Nós temos uma brincadeira bem particular referente às vestimentas e comportamentos intitulados por nós como excessivamente femininos. Quando uma faz uso demasiado de sentimentalidades, vaidade, vestimentas coladas, vestidos e uso de objetos ou adereços da cor rosa, nos chamamos de “boiolinha” – já que essas ditas “frescuras” não combinam conosco. Geralmente quando vou à manicure e coloco esmalte da cor rosa, tiro foto e lhe mando dizendo que pintei em sua homenagem.

Regina se diz bissexual e se sentir feminina: “*Me considero feminina, não sou muito patricinha não, mas me considero feminina*”. A jogadora segue o modelo feminino – vestido, maquiagem, sapatos e sandálias de salto. Quando lhe indaguei se já sofreu algum tipo de preconceito por jogar futebol, ela refere-se a comentários generalizados, não diretamente direcionado a ela: “*Já sofri um comentário ou outro, mas nada muito pesado. Menina que joga futebol é lésbica. Acho que é o único motivo (risos)*”.

Então esta etnografia possibilitou-me compreender que o se “sentir feminina” ou “sentir masculina” estão atrelados aos modelos socialmente construídos e reproduzidos, em que usar vestidos e roupas coladas, maquiagem, fazer as unhas, andar com rebolado e arrumar os cabelos estão vinculados ao se “sentir feminina”, e usar vestimentas largas, sapatênis, boné, cabelo sempre preso e andar de forma despojada com as pernas abertas e jogando os braços estão relacionados ao se “sentir masculina”.

Regina acredita não sofrer preconceito com relação ao fato de jogar futebol e ser bissexual no seu cotidiano, visto que ela se veste de maneira mais feminina: vestidos, roupas apertadas, sapatos e sandálias de salto e o uso de maquiagem. A prática de lazer preferida da jogadora é “*ouvir música*”.

- **LORENA**

Lorena tem 23 anos, atualmente é estudante do curso de Música no Instituto Federal de Goiás, na cidade de Goiânia, e trabalha como musicista – baterista de uma banda de *Pop Rock*. Ela é a única mulher da banda e joga futebol desde criança.

Heterossexual, solteira e “*sem religião*”, a jogadora mora em imóvel próprio com os pais e a irmã e possui automóvel. A entrevista com a jogadora foi realizada na minha residência.

Lorena relata que começou a jogar futebol quando criança por influência do seu pai:

Eu comecei a jogar muito nova, mas não lembro, provavelmente eu era muito criança e não lembro. (De onde partiu a influência?) Do meu pai, principalmente. Meu pai sempre jogou futebol e joga até hoje. Ele tem cinquenta e poucos anos e quando ele ia jogar ele me levava e eu ficava ali perto do campo olhando, e desde que eu me entendo por gente eu gosto de futebol.

O futebol faz parte do cotidiano de Lorena, visto que a jogadora diz acompanhar campeonatos e notícias do seu time para o qual torce, bem como se reunir com os amigos e amigas para assistir aos jogos.

Para Lorena, o futebol que acontece nas quintas-feiras:

Significa diversão, eu ia pra lá pra passar tempo com a galera, pra jogar bola, pra me divertir. Jogar bola é algo que me diverte muito, apesar de hoje em dia eu não conseguir jogar direito (risos).

A jogadora relata que sempre teve apoio da família para jogar futebol:

Minha família sempre apoiou e me levou pra escolinha. Meu problema era com nota na escola, até parei de jogar por conta disso. Eu fiz escolinha no Goiás, fiz futsal. Mas parei por causa de nota assim, diminuía nota... nada de preconceito porque meus pais sempre me apoiaram em tudo que quis fazer na vida, graças a Deus.

Embora a jogadora dissesse não pertencer a nenhuma religião, nessa fala acima Lorena deixa claro que acredita em Deus, mas que não frequenta nenhuma igreja ou segue alguma religião. Lorena não se define dentro dos padrões de gênero, seja ele feminino ou masculino, e diz também que cada pessoa deve se vestir da maneira que gosta, que se sente bem. Ser masculino ou ser feminino prevê uma série de expectativas e normas impostas pela sociedade e, embora Lorena declarasse não pertencer a nenhum desses padrões, suas vestimentas (blusas, calças, bermudas) fazem parte do rol da moda feminina.

- **BIANCA**

Bianca tem 24 anos e é professora de Educação Física. Atualmente ela atua como *Personal Trainer* em três diferentes academias da cidade de Goiânia, Goiás. Seu lazer preferido é viajar. Católica, solteira e bissexual, a jogadora mora em imóvel próprio com os pais e duas irmãs e possui automóvel.

A entrevista com a jogadora foi realizada na minha residência. Quando contactei Bianca, por telefone, ela me disse que na hora do almoço estava trabalhando em uma academia próxima a minha casa e que poderia passar lá para realizarmos a entrevista.

Conheci Bianca na faculdade no ano de 2009, quando ela se juntou ao time de futsal feminino da UFG e viajou conosco para o JUB'S realizado na cidade de Fortaleza, capital do Ceará.

A jogadora relata que começou a jogar futebol quando criança porque, por indicações médicas, teria que fazer uma atividade coletiva: *“Tinha que fazer uma atividade coletiva e minha mãe me colocou no futebol de campo onde tinha só meninos e eu de menina”*.

Atualmente, o futebol faz parte de sua vida apenas como lazer: *“Atividade de lazer para desestressar na verdade, não pensar em nada na verdade, nada de foco em outras coisas, tipo performance, essas coisas”*.

Indaguei a Bianca se as jogadoras de futebol seguiam algum padrão na forma de se vestir ou de agir. E, segundo ela, a maioria segue o gênero masculino:

“Maioria segue sim. Não tenho esse estereótipo não, maioria segue mas eu não sigo isso não. Algumas seguem tipo mais masculina por andar com a perna mais aberta, mas eu não tenho disso não. Me considero feminina.”

Bianca relata que é bissexual e que se sente feminina. Quando lhe indaguei se já havia sofrido algum tipo de preconceito por jogar futebol, a jogadora afirma que sim, mas apenas pela prática: *“Já mais bem no início, mas foi mais a família.. tipo: ah, a Bianca não tem que jogar futebol não, é coisa de menino, mas agora tá tudo bem”*.

A jogadora afirma que nunca sofreu preconceito pela maneira de se vestir ou agir: *“não... me visto mais feminina né, então tá tranquilo (risos). Para Bianca,*

as pessoas no geral sempre fazem um vínculo entre o jogar futebol e a homossexualidade, especialmente as jogadoras homossexuais masculinas.

Com relação à percepção dos frequentadores do *Brazil Escola de Futebol* para com as jogadoras, Bianca diz acreditar que o olhar deles para nós, jogadoras, é sempre nos vinculando à masculinidade e homossexualidade. Para a jogadora, esses comentários também se fazem presentes nas falas dos frequentadores devido à necessidade de autoafirmarem suas masculinidades perante os seus colegas de jogo:

Acho que deve falar que é mulher macho, alguma coisa assim, sempre fala da sexualidade também, da opção sexual, fala que é sapatão. Eu acho que eles vêm assim até porque a sociedade vê assim, aqueles homens que estão ali, tenho certeza que eles vão falar isso. Acho que eles não veem como uma forma das meninas jogando como uma forma feminina. Acho que eles veem sim até porque o homem quando tá no meio de todos, aqueles homens eles tem que reafirmar a masculinidade dele e eu acho que ele tem que falar isso pra um colega dele pra definir isso. Eu acho que eles falam isso.

Embora ela acreditasse que os frequentadores nos percebem segundo estereótipos socialmente criados, que designam jogadoras de futebol como mulheres masculinizadas, Bianca não se incomoda de dividir o jogo com eles. A jogadora relata que sua prática de lazer preferida é viajar.

- **LUIZA**

Luiza tem 21 anos, é professora de violão e sua prática de lazer preferida é “ficar à toa”. Espírita, heterossexual e solteira, a Luiza mora com os pais e a irmã e possui automóvel.

A entrevista com a jogadora foi realizada na minha residência. Luiza começou a jogar futebol quando criança:

[...] comecei brincando quando eu era novinha com os meus primos. Eu sempre tive mais primos do que mais primas, e eles sempre acabavam querendo jogar futebol e eu comecei a jogar.

Irmã da jogadora Lorena, Luiza completa dizendo que: *“meu pai também quando a gente era mais nova, eu e a minha irmã, ele sempre levava a gente pra assistir e antes de começar a gente ficava no campo brincando”*.

Luiza diz que jogou futebol apenas quando criança, mas que havia voltado a jogar devido ao convite da irmã para fazer parte do grupo de mulheres que jogam no *Brazil Escola de Futebol*.

“Jogar lá com vocês é muito bom. Agente dá risada pra caramba (risos) e acaba que conheço gente diferente também”. Luiza relata que o futebol não faz parte do seu cotidiano e que apenas os jogos da Seleção Brasileira de Futebol chamam a sua atenção: *“tipo, há muito tempo não tinha contato com futebol. Assim, eu gosto, sempre gostei de jogar, mas tinha muitos anos que não jogava”*.

Indaguei-lhe se já sofreu preconceito por jogar futebol: *“não, nunca”*. Para ela, a maioria das mulheres que joga futebol segue padrão de vestimentas ou formas de agir: *“Maioria sim. (Qual seria esse padrão?) O estereótipo? (risos). Meninas mais masculinizadas, normalmente. Não é uma regra, mas uma maioria sim”*.

Luiza é heterossexual e relata que não segue os padrões de feminilidade. Quando lhe indaguei se já havia sofrido preconceito, ela afirma que sim:

Dos meus alunos crianças sim, de pessoas mais velhas não. Ainda tava conversando ali, minha aluna veio falar do meu piercing: “ah, tira esse piercing, eu e a minha mãe não gostamos disso” porque criança geralmente é muito sincera, mas de gente mais velha não.

Com relação à percepção dos frequentadores do *Brazil Escola de Futebol* para com as jogadoras, Luiza diz que é relativa, pois alguns aprovam e outros têm preconceito:

Depende... tem uma parte que fala: “nossa, o quê que é isso, joga demais, parabéns”. Tem uns que já tem preconceito justamente por algumas serem masculinizadas, e tem outros que ficam olhando pra perna falando: “puta que pariu que gostosa”. Tem esses três tipos.

Para Luiza, as pessoas devem se vestir e agir da maneira que gostam e que as fazem felizes.

- *LUDMILLA*

Ludmilla tem 27 anos, é formada em Psicologia pela PUG - GO e atualmente trabalha como professora e proprietária de uma escola de língua estrangeira na cidade de Goiânia, Goiás. Além de jogadora, Ludmilla é também bailarina. Solteira, sem religião: “*Não tenho religião, mas acredito em Deus e rezo sempre*”, a jogadora mora em imóvel próprio e possui automóvel.

Bissexual, Ludmilla diz se sentir às vezes feminina, às vezes andrógena. Sua prática de lazer preferida é cinema, boate e futebol.

- *MARIANA*

Mariana tem 24 anos, é graduada e mestre em Educação Física. Atualmente ela é professora do Ensino Superior na FEF-UFG. A jogadora é católica, solteira, heterossexual e se sente feminina.

Mariana possui automóvel, mora em uma *kitnet* alugada e suas atividades de lazer preferidas são: “*Sair para barzinho com os amigos; Jogar futebol; Dançar; e assistir filme*”.

- *ALINE*

Aline tem 21 anos e é estudante do curso de Educação Física da UFG e atualmente trabalha como *Personal Trainer*. A jogadora é “*cristã-protestante*”, homossexual, se sente feminina e o seu estado civil é união estável.

Aline mora em imóvel alugado, não possui automóvel e seu lazer preferido é “*jogar futebol*”.

- *JOANA*

Joana tem 29 anos, é formada em Administração pela PUC-GO e atualmente é microempresária. A jogadora tem um *site* de roupas, calçados e acessórios para o público LGBT.

Joana não tem “*nenhuma religião*”, é solteira, homossexual, possui automóvel e mora em imóvel próprio, se sente feminina e seu lazer preferido é “*ir ao bar com os amigos aos finais de semana*”. Ao dizer que gosta de ir ao bar com os amigos, Joana faz o uso da linguagem na qual o masculino generaliza homens e mulheres.

- *LAURA*

Laura tem 29 anos, professora de Educação Física formada pela Universidade Salgado de Oliveira da cidade de Goiânia, Goiás, possui especialização em Educação Inclusiva e atualmente trabalha no Ensino Regular na Rede Estadual de Ensino.

A jogadora é católica, homossexual, solteira e se sente feminina. Laura possui automóvel, mora em imóvel próprio e seu lazer preferido é “*jogar futsal ou futebol*”.

- *ALICE*

Alice tem 24 anos, é formada em Educação Física pela FEF/ UFG. Atualmente trabalha em um projeto de treinamento de *handebol* destinado a estudantes da Rede Municipal de Educação.

A jogadora é católica, solteira, se sente feminina e relatou ter a sua orientação sexual “indefinida”. Alice mora em imóvel próprio com a mãe e os irmãos, possui automóvel e sua prática de lazer preferida é “*ir ao cinema, teatro*”.

Ao fazer análise das entrevistas, percebi que a maioria das jogadoras foi apresentada ao futebol através dos pais e primos, isto é, todas foram iniciadas nesta modalidade por homens, sendo apenas a *Regina* ter influenciado o seu irmão “*ele ganhava bola de presente, mas eu que usava ela para jogar*”, e a *Fabiana* que teve o seu pedido atendido pela sua mãe para ser colocada em uma escola de futebol.

As jogadoras trazem uma compreensão de identidade de gênero ligada ao vestuário e comportamento vinculado ao modelo masculino e feminino vigente na cultura brasileira.

2.4 VOZES: MULTIPLICIDADES EM QUESTÃO

Durante muitos anos, a história das mulheres foi contada através da percepção de sujeitos que as compreendem como submissas, frágeis, delicadas, e sem autonomia, vinculando como desviantes tudo e todas que fugissem a essa norma de como “ser mulher”. Atualmente, embora haja mulheres no campo de futebol, seja como espectadoras, gestoras ou jogadoras, mas se comparada aos homens a participação das mulheres ainda é bastante tímida.

Dar voz àqueles e àquelas que foram silenciados por anos é uma tarefa necessária para que a realidade obscurecida pelos interesses dominantes seja retratada com fidelidade e veracidade⁴³. Desse modo, este trabalho objetivou dar voz a essas mulheres nesta pesquisa que usam um espaço tido socialmente como um lugar para homens a fim de compreender como as identidades de gênero são estabelecidas no *Brazil Escola de Futebol*.

Para isso, esta pesquisa também ouviu os frequentadores (as) para identificar como estes e estas lidam com a presença de jogadoras nesse espaço.

Apontada como uma atividade que exige força, contato e destreza, na sociedade brasileira, durante muitos anos, o futebol foi e posso dizer que pelo senso comum ainda é considerado um esporte masculinizado e para homens. Em contrapartida, nos Estados Unidos da América, o futebol é um esporte voltado com mais ênfase para as mulheres, sendo o futebol americano⁴⁴ destinado para os homens.

Embora isso tenha se modificado no Brasil, a participação dessas mulheres no futebol foi contada durante muitos anos a partir de perspectivas e de estereótipos de gênero, que as apontavam como pertencentes daquele lugar apenas como espectadoras.

Assim, esta pesquisa buscou compreender através da fala/ diálogo/ observação da prática do futebol como essas jogadoras se estabeleceram nesse lugar e como se deu a trajetória / luta para que pudessem permanecer no futebol.

⁴³ Para Brito (1993, p. 190), “nessa história não se busca necessariamente o fato histórico ‘verdadeiro’, mas como determinado período foi visto por determinadas pessoas em determinadas situações, o que dá maior vivacidade ao passado.

⁴⁴ Futebol Americano -

Assim como eu, todas as jogadoras afirmam terem sofrido algum tipo de preconceito, seja através de comentários da família, amigos por jogarem futebol: “Quando eu era criança as pessoas perguntavam se era homem, essas coisas” (Fabiana).

Já demais. Já muito. (Quais eram os comentários mais frequentes?) Eu sempre joguei bola na escola, e sempre joguei com os meninos porque as meninas eu achava que não sabiam jogar, porque eu jogava melhor do que elas, modéstia parte, aí eu jogava bola com os meninos, então rolava apelido tipo: “ah Maria João, você joga igual menino...”, esse tipo de comparação. Porque eu sempre joguei futebol, lembro de jogar na terceira série, tipo 8 anos a gente jogava bola no recreio, bola não, pitchula, garrafinha de pitchula⁴⁵(Lorena).

Nessa relação que a cultura estabelece entre as mulheres e na prática do futebol como desvio e subversão da ordem, presente no relato das jogadoras, há o preconceito social de que essa modalidade não é uma prática destinada para as mulheres. E isso se apresentou de uma forma agressiva, marcando a infância e o início do contato dessas mulheres com o futebol. O estereótipo que marca jogadoras de futebol como masculinas e, conseqüentemente, como homossexuais marginalizaram/ marginalizam essas mulheres.

Os fatos históricos foram/são retratados e hoje os conhecemos devido a jornalistas, escritores, historiadores, filósofos, dentre outros, que fizeram/fazem seus relatos a partir de como estes/ estas percebem o que está a sua volta ou através da voz do outro. Durante muitos anos, a história foi contada pelos homens brancos detentores do poder que se utilizaram dessa relação hierárquica para construir os discursos oficiais sobre a história e o passado. Já aqueles e aquelas que não faziam parte desse rol social-oficial tinham suas histórias e relatos reprimidos.

O futebol, por ter sido uma prática proibida por lei às mulheres durante os anos de 1941 à 1970, juntamente com os constructos sociais e culturais nos quais as mesmas tinham apenas deveres e não direitos, a falta de acesso e o silenciamento dessas mulheres resultaram em uma cultura que marca e estereotipa aquelas que participam de forma ativa do futebol.

⁴⁵ Garrafinha de refrigerante de 250 ml.

O silenciamento dos não pertencentes à população dominante brasileira (mulheres, homossexuais, e aqueles que não tinham posses) tinham/tem como objetivo evitar conflitos e rebeliões de uma sociedade insatisfeita com a ordem dominante.

Para Brito (1993, p. 190):

O discurso histórico, carregado de silêncios e ocultações, desconhece estas diferenciações, e a memória celebrada é a oficial, como reconstituições históricas definidas a partir da estrutura de poder o que se encontra fora desta não interessa, dificultando o seu conhecimento e registro.

Nessa perspectiva, o autor traz que, mesmo a recuperação da memória através das diferentes vozes, esta, também, faz parte do processo político, pois a partir dela também se faz os discursos oficiais. Brito (1993) aponta que a memória é “parte integrante da construção da identidade de indivíduos ou sociedades, envolvendo elementos diversificados, não-oficiais, não dominantes e que enriquecem a história oral”. (*Idem*, p. 190)

Thompson (1978 *apud* BRITO, 1993, p. 191) faz uma importante consideração nesse sentido em que “os testemunhos orais” ao mesmo tempo que contribuem para o estudo da história política também ignoram informações que seriam cruciais para tal construção histórica.

Durante muitos anos, os constructos sociais foram relatados apenas por homens, excluindo do processo o relato das mulheres. Essas histórias muitas vezes com caráter religioso e biologicista objetivavam a opressão e a submissão das mulheres.

Para Spivak (2010, p. 66-67):

A questão não é a participação feminina na insurgência ou das regras básicas da divisão sexual do trabalho, pois, em ambos os casos, há “evidências”. É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina.

Essa construção de gênero ideologizada pela dominação masculina se faz presente no campo de futebol e no relato das memórias das jogadoras no que tange às suas inserções e permanências no futebol, isto é, a cultura masculiniza o futebol e trata como desviantes aquelas que aderem a tal prática.

Através dos movimentos sociais e feministas, as mulheres foram conquistando seu espaço e o direito de ter voz. Entretanto, para Spivak (2010, p. 67), “o radicalismo dos próprios trabalhos feministas excluía o masculino do seu quadro de referências”. Isto é, cada um dá voz àqueles e àquelas para que possa contar/relatar/construir as suas experiências de acordo com a sua área de interesse, excluindo assim as demais.

Ao dar voz a todas as pessoas para que pudessem relatar a história através de sua percepção de sociedade, da economia e da política vigente, permite-se que várias histórias, em diferentes perspectivas, sejam consideradas para que as experiências sejam compreendidas em sua totalidade.

Desse modo, Para Brito (1993, p. 190-191):

[...] a partir de testemunhos de homens e mulheres, de brancos, negros e índios, de jovens e velhos, pode mostrar dimensões geralmente desconhecidas de um passado recente, mas significativas para estes diferenciados segmentos sociais e também para organizar uma história mais rica, que atenda a outros interesses além do oficial.

Embora os discursos manipulem, eles também servem como instrumento de luta e emancipação. Ao dar voz a toda sociedade, independente de classe, raça, idade e sexo, a história se torna menos limitada quando contada através das mais diversas experiências.

Para Spivak (2010), mesmo os subalternos, ou grupos oprimidos e marginalizados, se expressando através da linguagem – através da fala, não significa que eles teriam voz dentro dos grupos dominantes, tampouco seriam ouvidos.

Vítimas do sexismo, no caso das mulheres, para a autora, estas não encontram lugar e formas de serem ouvidas – “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 67).

Brito (1993, p. 190) cita o trabalho de Thompson (1978) sobre “vozes do passado” no qual ele afirma que “a história oral é construída sobre pessoas, não só os líderes, mas os integrantes da população, que se **transformam de objetos de estudo em sujeitos da história**” (Grifos meus).

Assim, este trabalho buscou, como uma das perspectivas utilizadas, compreender a narrativa das mulheres que jogam futebol como lazer, bem como a percepção dos homens que dividem esses espaços com essas jogadoras.

Ao que tange a importância e correlação da etnografia e ao “dar voz”, segundo Zonabend (1988 *apud* BRITO, 1993, p. 192):

[...] parte da pesquisa de campo etnológica consiste em escutar, suscitar, provocar memórias, o que permitiria multiplicar as “palavras da memória” pelos testemunhos de lembranças transmitidas ou vividas.

Brito (1993, p. 92) diz ainda que a história oral, trabalhando com a memória, reflete a vivência de cada pessoa, “pode contribuir para a revisão de oposições correntes entre cotidiano/fato histórico, produção/reprodução, público/privado, associadas à dicotomia masculino-feminino”.

Em um relato que Brito (1993, p. 193) traz sobre os estudos de Schweitzer e Voldman (1984) sobre a memória de duas mulheres deportadas de um campo de concentração, podemos compreender como os estereótipos nas relações entre feminino e masculino, mulher e homem, respectivamente, são construídos e reproduzidos ao longo dos anos. Neste estudo, aponta-se a distinção de como duas mulheres se percebem e como compreendem um mundo em que elas estavam vivendo: submerso na política que utilizava da violência física e simbólica para atender aos seus interesses.

Em uma delas sobrevive a sua identificação com o feminino “graças à afirmação de sua feminilidade, pela hábil manipulação de produtos de beleza, e lembra os acontecimentos cotidianos, dos nomes, dos lugares” (*Ibidem*, p. 193).

Já a outra mulher “com uma profissão, médica, tem em si mesma uma imagem masculina e suas lembranças se referem aos acontecimentos em nível mundial, a uma crítica ao nazismo, a sua militância” (*Ibidem*, p. 193).

Dentro dessa perspectiva de mundo e experiências trazidas por essas duas mulheres, Brito (1993) faz uma relação também com os movimentos da Resistência Francesa durante a Segunda Guerra Mundial, que são ligados a esses estereótipos das mulheres casadas e não-assalariadas em que sua referência era a vida doméstica com o gênero feminino; e das mulheres solteiras, trabalhadoras ligadas ao gênero masculino: estas observavam não apenas a sua

vida pessoal, mas o coletivo e, a partir dali, faziam reflexões e críticas através de suas experiências.

Desse mesmo modo, as jogadoras do *Brazil Escola de Futebol* que assumiram essa prática realizada em um espaço socialmente destinado aos homens, todas relatam que, em alguma medida, seja na infância ou atualmente, também já foram ou são vinculadas ao gênero masculino: “*Preconceito que todo mundo tem é esse que mulher que joga futebol é homossexual, que o pessoal chama de caminhoneira, masculinizada*” (Diana).

O feminino aparece ligado às tarefas domésticas e à passividade, e o masculino relacionado ao sujeito ativo – trabalhador, detentor de uma voz crítica e analítica. Assim, tem-se o feminino como o gênero dominado e o masculino como o dominador. A partir do momento em que a mulher deixa de ser objeto e torna-se sujeito da sua história, ela é vinculada ao masculino – gênero “emancipado”.

As características apresentadas pelo autor, nas quais aparecem o masculino e o feminino nas experiências dessas mulheres sobreviventes, possibilitaram-nos pensar também nas mulheres jogadoras de futebol desta pesquisa.

Durante a observação participante no *Brazil Escola de Futebol*, percebi como são significativos esses marcadores de gênero. Segundo Luiza: “*acredito que o preconceito com as jogadoras se dá pelo fato de falar que futebol é coisa de homem, e quem joga é mulher macho⁴⁶, masculina*”.

Assim, o objetivo desta pesquisa foi compreender como as identidades de gênero são reproduzidas/reinventadas/percebidas pelos diversos sujeitos que dividem o mesmo espaço e que trazem consigo suas experiências demarcadas inicialmente pelo sexo a que pertencem. Nesta pesquisa, deu-se voz às multiplicidades presentes no campo de futebol do *Brazil Escola de Futebol* para se compreender também as relações de gênero presentes nesse campo.

Assim, pretendo caminhar em direção ao estudo relacional⁴⁷ – partindo da análise de como são percebidas as relações entre homens e mulheres, bem como compreender como se dão as relações em campo no que tange a questão

⁴⁶ Mulher macho: mulher, cujo modo de agir, suas práticas e seu vestuário, que é tida socialmente como masculina. Isto é, uma mulher com comportamento destinado socialmente ao macho da espécie humana.

⁴⁷ Ver capítulo III – 3.4 PERSPECTIVAS E ESTUDOS DO ESPORTE PRATICADO POR MULHERES.

do poder, pois, segundo Bourdieu (2002, p. 24), é no corpo que se materializam as relações de poder.

2.5 PRODUÇÃO ANTROPOLÓGICA E O FUTEBOL JOGADO POR MULHERES

Para compreender como as produções acadêmicas têm abordado o futebol jogado por mulheres, realizei uma pesquisa bibliográfica em que a maioria dos referenciais encontrados retrata que as mulheres praticantes de futebol estão, em sua maioria, presentes nas seguintes áreas acadêmicas: Educação Física, Educação, História e Serviço Social.

As publicações encontradas no campo da Antropologia Social, que discutem sobre jogadoras de futebol, foram: Pinto (2010); Rial (2012); Damo e Stahlberg (2009).

Christiane Silva Pinto, no artigo *Na mídia: professora de Antropologia da UFSC é fonte em matéria sobre participação das mulheres no futebol*, discute o espaço das mulheres no futebol e aponta Carmem Rial como uma grande autora que vem produzindo e contribuindo para a temática futebol e mulheres.

No trabalho *Futebol praticado por mulheres no Brasil: O paradoxo da doxa*, Rial (2012) mostra como se deu a exclusão das mulheres nos espaços da prática do futebol e como isso desenvolveu os preconceitos e estigmas para com as mulheres praticantes de futebol no Brasil.

A autora retrata ainda como a sociedade machista “justificava” a exclusão das mulheres nesses espaços através da incompatibilidade do corpo da mulher com determinados esportes. Outro trabalho desta autora, juntamente com Raquel de Barros Miguel, intitulado *Programa de mulher*, contempla questões relacionadas ao lazer feminino, abordando os processos sócio-históricos que culminaram no distanciamento das mulheres da prática do lazer.

Em *Banal Religiosity: Brazilian Athletes as New Missionaries of the Neo-Pentecostal Diaspora (2012)*, Carmem Rial faz uma importante relação entre o futebol e a religião, apresentando como se dão as manifestações da religião dentro do futebol, bem como a relação dessa modalidade com a globalização na qual o futebol está relacionado à ordem de consumo do capitalismo.

Outros autores/ autoras da Antropologia Social, como Arlei Sander Damo, Ruben George Oliven e Simoni Lahud Guedes, também vêm contribuindo para produções acadêmicas sobre a temática que aborda futebol e mulheres. A revista *Horizontes Antropológicos*, com um número intitulado *Antropologia e Esporte*, 2008, n. 30, organizado pelos autores/ autoras citados acima, apresenta etnografias sobre praticantes de futebol, sobre o esporte no Brasil e no exterior, como também as regras que envolvem a modalidade. Entretanto, nota-se que esse número da revista não contempla discussões de gênero no futebol.

No trabalho *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes* (2002), Arlei Sander Damo apresenta a rivalidade, fidelidade e paixão entre os torcedores e os clubes de futebol.

Destaca-se ainda o livro *Visão de Jogo – Antropologia das Práticas Esportivas* (2009), organizado por Luiz Henrique Toledo e Carlos Eduardo Costa. Esta coletânea traz um artigo específico que trabalha futebol e gênero, intitulado *Jogando em vários campos: torcedoras, futebol e gênero*, de Lara Tejada Stahlberg. Este artigo não trata de mulheres praticantes de futebol, mas, sim, do espaço das mulheres no universo do futebol tomado do ponto de vista das torcedoras.

Assim como nesta pesquisa, que tem como foco a percepção das jogadoras de futebol do espaço *Brazil Escola de Futebol*, Lara Tejada também direciona o seu trabalho para a percepção das torcedoras – suas interlocutoras.

Embora eu tenha encontrado trabalhos bastante relevantes e que me ajudaram na construção desta pesquisa, percebi que as produções acadêmicas sobre futebol jogado por mulheres na Antropologia Social ainda são bastante tímidas.

Sendo assim, este capítulo teve como objetivo contextualizar empiricamente o campo de pesquisa *Brazil Escola de Futebol*, mapeando também o perfil das jogadoras através da análise dos questionários socioeconômicos e da entrevista semiestrutura, visando também apontar as produções antropológicas sobre jogadoras de futebol.

CAPÍTULO III

COMPREENDENDO ESPORTE E LAZER PRATICADO POR MULHERES

3.1 AS TRÊS DIMENSÕES DO ESPORTE

Assim como apontei na contextualização empírica deste trabalho no capítulo anterior, este estudo apresenta-se como uma etnografia em um espaço onde mulheres praticam o futebol como lazer. Desse modo, como uma professora de Educação Física, antropóloga, considero importante trazer os conceitos e as dimensões que o esporte abarca, especialmente o esporte praticado como lazer.

Dentro da Disciplina de Educação Física, existe uma divisão do esporte em três dimensões: esporte educacional, esporte de rendimento e esporte de participação – ou de lazer.

Segundo Paiva (2010, p. 1), o esporte educacional é uma dimensão voltada para:

Formação integral do ser humano, sendo a prática esportiva não uma ferramenta, mas sim um fator de desenvolvimento global que promova uma leitura crítica do mundo em que o sujeito está inserido. Diferentemente do que ocorre em relação às outras duas dimensões, aqui o praticante é denominado **aluno**, e não **atleta**.

Portanto, com o ensino do processo sócio-histórico e globalizado do esporte, os/as estudantes compreendem como essa prática está imersa no seu cotidiano.

Com relação ao conceito de esporte de rendimento, o autor aponta que:

Reservado a pequena parcela da população, visando ao automatismo, à queda de recordes e à mercantilização do espetáculo esportivo, o esporte de rendimento tem como forte característica a padronização dos gestos técnicos. Esta dimensão esportiva é aquela enfatizada pela mídia, que recebe patrocínios e investimentos para a produção do espetáculo esportivo como a Copa do Mundo e os jogos olímpicos. (PAIVA, 2010, p. 1)

O esporte de rendimento está, pois, associado ao sistema de mérito que exclui todo e aquele sujeito que não obteve igualdade de oportunidade e ou desempenho no que diz respeito a sua inserção nesse campo.

Na década de 1970, houve uma mudança do sentido da prática cotidiana do esporte de alto rendimento para o esporte de lazer devido às transformações dos valores contemporâneos. Tal metamorfose não descaracterizou o esporte de alto rendimento, apenas deu uma nova roupagem ao esporte.

O conceito de esporte de participação, ou de lazer, apresenta que:

Pressupõe a atividade em tempo livre, desregrada e descompromissada, sem orientação profissional, sem busca de superação. Esse é o esporte pelo qual as pessoas buscam a socialização, a prática de atividade física prazerosa como a “pelada do fim de semana”, o vôlei/frescobol/futebol à beira mar, ou seja, a prática que não estabelece compromisso formal com o rendimento esportivo. Uma das principais características do esporte de participação/lazer é a ausência de sistematização e padronização. (*Ibidem*, p. 1)

O esporte praticado como lazer acontece através de atividades lúdicas individuais ou coletivas que não predispõem a superação de recordes, nem tampouco a necessidade de habilidade e desempenho técnico. Ou seja, é a busca pela distração e diversão.

Segundo Marcassa (2003, p. 6), “o lazer agrega, num mesmo tempo de espaço, a realização de inúmeras práticas corporais e lúdicas, diferentes formas de divertimento e descontração”. Sendo assim, o lazer se faz em um momento de não obrigação e de forma espontânea, “porque partem dos desejos, ainda que induzidos, dos indivíduos e grupos”, de modo que o ócio também faz parte dessa gama de possibilidades se de vivenciar o lazer.

O lazer se configura como uma instituição que envolve um conjunto de práticas cujas normas e características internas lhe conferem um estatuto próprio de funcionamento, atribuindo-lhe qualidades que assumem um caráter indissociável da sua própria experiência e compreensão.

3.2 LAZER COMO DIREITO DE TODOS E TODAS

A Constituição Federal, em seu artigo sexto, afirma que “são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o **lazer**, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, [...]” (BRASIL, 2008, p. 20).

Intitulados como direitos sociais, as necessidades básicas apontadas pelo artigo sexto vão para além de condições essenciais para a sobrevivência do ser humano, sendo, portanto, garantias de que cada cidadão/cidadã terá uma vida digna e com qualidade.

A construção de uma política, seja ela uma política de Estado⁴⁸ e ou uma política de governo⁴⁹, permeia as demandas de uma sociedade tendo como objetivo atender a essa demanda de maneira universal ou a um grupo específico.

Garantir os direitos sociais como princípios básicos e necessários é dever do Estado, de modo que os direitos sociais apresentam-se como legitimador das garantias de condições à igualdade através do poder público por meio de políticas sociais.

Menicucci (2006), ao discutir as políticas sociais como um segmento historicamente construído das políticas públicas⁵⁰, afirma que essas discussões são efetivadas através da “intervenção governamental ou da ação estatal positiva”.

Mesmo sendo assegurados os direitos sociais através de ações elaboradas por conselhos formados para a construção dos mesmos, nem sempre esses direitos são materializados, pois, embora todo cidadão/cidadã tenha direito ao lazer, as demandas do mercado, trabalho, classe, raça, gênero e tempo destinado às tarefas domésticas imperam no usufruto desse direito.

No Brasil, as leis trabalhistas permitem 44 horas de trabalho semanal, excedendo o máximo de duas horas extras remuneradas por dia, dentre outros

⁴⁸ Política de Estado - política permanente, com mais autonomia e poder constitucional.

⁴⁹ Política de governo - política de planos sazonais em que a política é subordinada às decisões do governo regente.

⁵⁰ Segundo Menicucci (2006, p. 141), “[...] uma política pública diz respeito à ação das autoridades públicas na sociedade, referindo-se àquilo que os governos produzem, para alcançar determinados resultados, através de alguns meios. Nessas concepções, políticas públicas remetem a um conjunto de ações para implementar aquelas decisões. [...] uma política pública são atos, mas também os “não atos” de uma autoridade pública frente a um problema ou um setor da sociedade”.

direitos como: descanso semanal remunerado, FGTS, INSS, férias proporcionais e 13º salário. Entretanto, as possibilidades de vivenciar as diferentes formas de lazer estão relacionadas ao contexto social em que este sujeito está inserido, pois “não se pode esquecer, contudo, que as disparidades sociais têm como consequência um acesso diferencial aos bens de consumo e às formas disponíveis de lazer”. (MIGUEL; RIAL, 2012, p. 165)

Mesmo com a formulação de leis que visem à garantia ao lazer, o Estado tende a regular e controlar o tempo livre da população para que esse tempo de não obrigação colabore para a promoção da emancipação dos cidadãos e cidadãs. Segundo Miguel e Rial (2012, p. 158), no Brasil, no início do século XX, as discussões que permeavam o “problema de lazer” tinham como objetivo “tentar regular o uso que os trabalhadores faziam de seu tempo livre para que não incorressem em atividades que ameaçassem a ordem dominante”.

Um Estado que busca a democracia como legitimadora das ações políticas, ao apresentar uma lógica da acumulação de capital, não tem suas políticas sociais voltadas para a redução das desigualdades sociais e sim para o assistencialismo e a dependência do trabalhador para com o Estado e o mercado.

Para Esping-Andersen (1991, p. 90), Estado de bem-estar baseado no modelo Social-democrata parte da realização de ideias socialistas de igualdade, justiça, liberdade e solidariedade, ou seja, igualdade com os melhores padrões de qualidade e não de necessidades.

Os movimentos eugênico e higienista do século XX, precursores ideológicos do “estilo de vida ativo”, desencadeiam no tempo livre, a partir da década de 30, “a prática de atividades de ‘grande alcance moral e higiênico’, com destaque para lazeres que envolvem um estilo de vida saudável” (MIGUEL; RIAL, 2012, p. 159).

O “estilo de vida ativo”, envolvimento populacional na exercitação física utilitarista (visão econômica), isto é, “promoção” da saúde menos custosa para o Estado, desencadeou, na década de 80, publicidade, modelos, padrões e estilo de vida elaborados com ênfase no combate ao sedentarismo (BAGRICHEVSKY; ESTEVÃO; PALMA, 2006).

O modelo antissedentarismo foi destinado à sociedade de modo que o sujeito fosse responsável por prevenir e manter sua própria saúde,

individualizando e culpabilizando esses cidadãos e cidadãs por levarem uma vida sedentária, sem considerar outros determinantes sociais que imperam nessa manutenção da saúde – distribuição desigual de renda, condições de moradia, alimentação, saneamento, disponibilidade de tempo livre, escolaridade e saber funcional, acesso à saúde pública e à educação.

E é nesse sentido que se torna necessária a desmercadorização do indivíduo, partindo do princípio da autonomia e da emancipação do trabalhador e a garantia dos direitos sociais, de modo a desvincular o sujeito do trabalho alienado, partindo do princípio da igualdade, distribuição de renda e da melhoria das condições de trabalho.

Essa “preocupação” com o modo que a população faz uso de seu tempo livre está atrelada às normas que regulam e associam as atividades aos padrões adequados e esperados pela sociedade.

Para além dos interesses da ordem dominante burguesa e das desigualdades de classe, outros fatores sociais, como idade, raça e gênero, são também “determinantes” quanto ao acesso e permanência de algumas práticas de lazer.

O direito ao lazer destinado ao tempo livre, isto é, de não obrigação, não inclui as tarefas domésticas. Quando se fala em tarefas domésticas, atualmente ainda há uma nítida separação socialmente construída que atribui essas atividades diretamente às mulheres.

Em uma pesquisa sobre o *Agita São Paulo*, Miguel e Rial (2012, p. 20) apontam que a questão de gênero interfere no contexto dos projetos sociais no que tange a “adesão e permanência de homens e mulheres nas atividades de lazer e pelos desafios e demandas que provoca”. Isso porque esse projeto apresenta que 70% dos sedentários de todo o país são mulheres, o que leva a considerar a mulher como um grupo de risco⁵¹.

Os homens, por sua vez, parecem ter seu tempo livre para o lazer como digno e merecedor de um trabalhador que cumpriu durante o dia todas as suas horas de trabalho para a manutenção e sustento da família (como se as mulheres não colaborassem ou promovessem tal sustento), ausentando-se assim da divisão do trabalho doméstico. Ou seja, ao sair das instituições onde cumprem

⁵¹ Relação do sedentarismo com a obesidade, colesterol alto, hipertensão arterial e outros fatores considerados prejudiciais à saúde.

as suas funções trabalhistas, aos homens, sua jornada de trabalho se encerra ali.

Algumas práticas de lazer, nas quais homens e mulheres ocupam o mesmo espaço onde os homens jogam futebol, sinuca, ir ao bar com os amigos, comer churrasco e beber cerveja enquanto as mulheres cozinham, ainda são práticas que podemos presenciar em nossa sociedade atualmente.

O lazer da mulher, dentro de uma visão sexista, está sempre associado ao lar. Para Miguel e Rial (2012, p. 150), até metade do ano de 1960, verifica-se a “ênfase no discurso de que o melhor lazer para as mulheres casadas seria no lar com os filhos e maridos”, de modo que a imagem da família reunida, ilustrando e vendendo a ideia de “felicidade”, torna-se parte dos anúncios e publicidades “ocultando o fato de que, para torná-la real, foi preciso que a mulher investisse tempo e trabalho no preparo daquela refeição”.

Segundo as autoras, para além dos entraves vinculados aos marcadores sociais de raça, instrução educacional e igualdade de oportunidades, as normas que regulam como as mulheres utilizam seu tempo estão ligadas às funções socialmente atribuídas a elas: ser mãe, esposa e cuidar do lar.

Desse modo, vê-se a disciplinarização e docilização dessas mulheres para que desempenhem atividades “úteis” e não se “desvirtuem” do seu papel na sociedade, na qual o futebol não entraria nas atividades de lazer das mulheres, pois este está para além das atividades destinadas à ideia social de “ser mulher”.

Segundo as autoras, “até a década de 1960, diversas formas de lazer eram interditas às mulheres que não quisessem ser alvo de censura”. Censura esta que partia de seus familiares, do Estado e de toda a sociedade que vivia em prol da manutenção dos bons costumes e da ordem social (MIGUEL; RIAL, 2012, p. 149).

No início do século XX, “moças e senhoras de ‘família’, ao saírem para se divertir, deveriam preocupar-se em fazer boa figura em público”, de modo que as práticas do lazer estavam “atreladas aos ideais e moralidades e civilidade” (MIGUEL; RIAL, 2012, p. 158).

A “moralidade e civilidade” da época eram e ainda são atreladas às normas socialmente construídas e aos ideais religiosos que relacionam os bons costumes à castidade, à feminilidade e à submissão da mulher em relação ao

homem, apontando como “desviantes” todas que fugirem dessa norma. Tais ideais são modelos baseados no androcentrismo⁵² e no patriarcado⁵³, que atribuíam/atribuem às mulheres valores inferiores devido a sua suposta fragilidade vinculada à maternidade.

Essas atribuições, que inferiorizam as mulheres frente aos homens vinculadas à maternidade, não estão presentes no *Brazil Escola de Futebol*. Ter útero, ou não, não impede que as mulheres pratiquem o futebol – aspecto biológico, mas sim as construções socioculturais. “*Tenho duas filhas e não vai ser por isso que vou deixar de jogar bola. Sempre que dá elas vão comigo*” (Luana).

Arend (2012) retrata que, em meados do século XX, enquanto meninos eram mais livres para brincar nas vias públicas, as meninas auxiliavam suas mães nas tarefas domésticas. Essa colocação aponta como a divisão do trabalho se iniciava desde a infância, o que faria que essa divisão permanecesse na vida adulta. Segundo a autora, “havia, inclusive, um temor entre os pais de que meninos que realizavam tarefas domésticas pudessem se tornar *afeminados*” (AREND, 2012, p. 72).

O lazer dessas meninas, de famílias de classe média, geralmente era voltado para a leitura de romances e telenovelas, cinemas em horários diferentes dos que os homens frequentavam, bem como a construção dos enxovais para o casamento.

Para Devide (2005), “lazer, como as demais práticas humanas, é um espaço generificado e generificador, em que se produzem e reproduzem representações de feminilidade e masculinidade”, isto é, durante a prática, movimentos, falas, interações, vestimentas representam e tipificam a cultura esportiva.

Os livros destinados às “moças de família” tinham como caráter “educativo” e disciplinador dessas mulheres para que aprendessem a servir o

⁵² Segundo Garcia (2011, p. 15-16): “O mundo se define em masculino e ao homem é atribuída a representação da humanidade. Isso é androcentrismo: considerar o homem como medida de todas as coisas”.

⁵³ Segundo Reguant (1996, p. 20 *apud* GARCIA, 2011, p. 16-17), o feminismo radical a partir dos anos 70 do século XX define patriarcado como “forma de organização política, econômica, religiosa, social baseada na ideia de autoridade e liderança do homem, na qual se dá o predomínio dos homens sobre as mulheres; do marido sobre as esposas, do pai sobre a mãe, dos velhos sobre os jovens, e da linhagem paterna sobre a materna”.

lar, serem fiéis e submissas aos homens, femininas e não se desvirtuassem da moral. Arend (2012, p. 72) aponta que os livros de romance “contribuíam também para o processo de construção da subjetividade das meninas, ou seja, na forma como elas expressariam as suas emoções”. Ou seja, tinham como objetivo naturalizar a coerção e a opressão da mulher.

No espaço *Brazil Escola de Futebol*, observei que essa divisão social entre homens e mulheres, ao que tange a prática do lazer, se modificou e avançou no quesito igualdade⁵⁴ entre homens e mulheres, embora a participação das jogadoras ainda seja tímida se comparada à participação dos homens.

Ah, a gente gosta sim de que vocês venham pra cá. Porque é muito engraçado ver e tem umas que tem mais habilidade que as outras. Você tava aquele dia que o goleiro reclamou da menina falando pra ela chutar mais devagar? (risos). O goleiro pediu pra menina chutar mais devagar porque tava muito forte. (Fábio)

Denominada como um grande “divisor de águas no Brasil”, a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, intitulada como lei maior, ou seja, lei que está no topo da pirâmide de Hans Kelsen⁵⁵, foi constituída para assegurar a igualdade, a liberdade, os direitos individuais e sociais.

Apontado como objetivo fundamental da República Federativa para com a sociedade, o artigo terceiro fundamenta-se em quatro incisos que estão pautados em:

- I – construir uma sociedade livre, justa e solidária;
- II – garantir o desenvolvimento nacional;
- III – erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
- IV – **promover o bem a todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação** (BRASIL, 2008, p. 13).

⁵⁴ Ver capítulo IV – 4.3 DE COMPANHEIRAS DE JOGO A CORPOS DESEJÁVEIS: HOMENS E MULHERES QUE DIVIDEM O MESMO ESPAÇO

⁵⁵ As leis apresentam uma hierarquia, ou seja, uma ordem de importância na qual as de menor grau devem se subordinar às de maior grau, tratando-se, portanto, de uma escala de valores as quais se estruturam a semelhança de um triângulo (pirâmide de Hans Kelsen). Desse modo, a estrutura desta pirâmide dá-se do topo (o qual atribui-se valor de maior importância) à base da pirâmide, estruturada da seguinte maneira: a Constituição de 1988 como lei maior, seguida respectivamente pelo grau de importância das demais que são leis ordinárias; leis complementares, leis delegadas; decretos; resoluções; portarias.

Pautado em princípios igualitários, o inciso IV, do artigo terceiro, aponta que a promoção do bem a todos deve ser legitimada sem que haja distinção e desigualdade, visando garantir condições e oportunidades iguais a todos.

“Acho massa ver mulher jogando, vindo pra cá. Tem algumas que jogam muito bem” (Pedro). Todos os frequentadores que participaram da entrevista relataram gostar da presença das jogadoras no espaço, assim como dividir o mesmo jogo com elas.

“Tem algumas que jogam muito bem”. Geralmente, quando uma mulher se destaca em uma determinada área/ prática tida como espaço privilegiado dos homens, esta é considerada excepcional e diferente das demais mulheres. Ao dizer que algumas jogam muito bem, a fala do *Pedro* torna-se central para pensarmos nas construções socioculturais que demarcam que não é “comum” uma mulher jogar futebol muito bem, ou então até apontada como ser semelhante a um homem ao possuir tal “capacidade”:

[...] ah, tem algumas que a gente bate o olho e vê que são né (risos). São? É, assim, nem sei se podia tá falando isso aqui, mas tem umas que o jeito de andar né, o jeito de jogar né... chutam forte mesmo. Jogam que nem homem”. (Fábio)

Nota-se que no *Brazil Escola de Futebol*, na percepção das interlocutoras e dos interlocutores, há uma relação das jogadoras com o gênero masculino quando se fala no modo de andar, do vestuário e da habilidade das jogadoras. Ainda é apontada uma semelhança dessas mulheres com os homens, quando se trata da força, do “jogar bem”, vestir roupas largas e andar com as pernas afastadas.

Tal vinculação também aparece na fala de uma das jogadoras. Durante a entrevista com a *Fabiana*, perguntei-lhe se havia uma relação entre as jogadoras de forma diferenciada de acordo com a identificação de gênero dessas mulheres, seja durante um jogo mais violento, do uso demasiado da força: *“Tem umas que sabem jogar mais e acho que isso é independente, mas as femininas é que batem, são as mais sem noção (risos)” (Fabiana).*

Embora esses frequentadores “gostem” da presença das jogadoras nesse espaço, podemos considerar que essa divisão desse local acontece igualmente entre homens e mulheres?

Durante a observação de campo, nos jogos em que homens e mulheres dividiam a mesma partida de futebol, percebi alguns entraves – estes sempre relacionados ao uso demasiado da força empregada pelos homens na jogada, embora alguns homens já se queixaram da *Diana* pelo mesmo motivo: uso demasiado da força na tomada de bola.

“*Cara, cuidado se não vai machucar as meninas*” (*Fábio*) – esse foi um dos inúmeros comentários dos frequentadores para com seus companheiros de jogo relacionados aos cuidados com as jogadoras. Isso reflete as construções sociais que designam as mulheres como frágeis.

Quando indaguei às interlocutoras como se dava a relação entre jogadoras e frequentadores, elas relatam que os frequentadores em geral são gentis e têm uma boa relação durante o jogo, mas que, no entanto, há preconceitos velados:

Acho que depende, tinha uns lá que demonstrava, que via a gente como as homossexuais que jogavam futebol. Tinham outros não, viam com bom olhar, tanto que brincava, ficava perto da gente e queria enturmar com a gente ali e tal. (Fabiana)

Segundo a Constituição Federal, no capítulo sobre direitos e deveres individuais e coletivos assegurados como garantias fundamentais, o artigo quinto diz que “*todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]*” (BRASIL, 2008, p. 15).

Embora essas leis venham para legitimar e garantir a igualdade, ainda se encontram várias formas de desigualdades nas quais se atribuem valores para os sujeitos perante a sociedade, estigmatizando e os inferiorizando caso haja fuga dos padrões sociais construídos e intitulados de acordo com os interesses da classe dominante. Isso dificulta que essas leis sejam de fato efetivadas. Desse modo, faz-se imprescindível compreender que todos devem ter igualdade de oportunidades e de direito.

Questões relacionadas à igualdade entre homens e mulheres foram impulsionadas por movimentos sociais que lutaram/lutam pela igualdade, pelo fim da opressão da mulher, e contra discriminação e preconceito, conseguindo um espaço importante quanto à legitimação desses direitos. Dentro do artigo

quinto, Inciso I, dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos, este assegura que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição” (BRASIL, 2008, p. 15).

Para tanto, mesmo que a igualdade entre homens e mulheres seja apontada como direitos fundamentais, ainda nos deparamos com situações que vão contra esses princípios.

Outros pontos que vêm para garantir a igualdade entre homens e mulheres são apontados no capítulo II da Constituição Federal, dos direitos sociais, que, em seu artigo sétimo, apresenta a proibição de diferença de salários por motivos, estado civil, idade, cor ou sexo.

Essas determinações por lei que se fizeram necessárias devido à construção sócio-histórica de que as mulheres são inferiores aos homens, embora tenham avançado no combate à desigualdade, ainda se deparam com a discriminação de mulheres em disputa/ocupação/permanência em altos cargos e de chefia.

Uma das grandes lutas travadas visando ao direito pela igualdade são os movimentos pela emancipação das mulheres. Para Toledo (2008), esses movimentos ocorreram em três grandes ondas: a primeira no final do século XIX, que foi baseada na luta pelos direitos democráticos; a segunda, no final dos anos 60 e início dos anos 70, tendo como objetivo a luta pela liberdade sexual; e a terceira, ocorrida no final dos anos 70 para os anos 80, teve caráter sindical.

Com o objetivo de lutar contra desigualdades geradoras de marcas e estigmas em homens e mulheres, os movimentos feministas lutaram contra as relações de opressão e secundarização das mulheres dentro da sociedade, nas famílias e no mercado de trabalho.

Segundo Toledo (2008, p. 24), as concepções que vêm para “justificar”, a partir de interesses determinados, as desigualdades entre homens e mulheres, ocorrem da seguinte forma:

Desde os pensadores clássicos até as concepções vigentes hoje, é praticamente unânime a concepção de que a “natureza” das mulheres (sua suposta emotividade e falta de racionalismo; sua suposta dependência biológica da maternidade; sua suposta fragilidade) as tornam imprestáveis para a vida pública. Por isso, a história da mulher é uma história de aprisionamento na esfera doméstica e tudo o que se relaciona a ela está praticamente excluído dos conceitos e categorias políticas gerais.

E é nesse sentido que o grupo de jogadoras do *Brazil Escola de Futebol* desconstrói essa visão estereotipada e marcadora da diferença que, por sua vez, não se faz presente pela diferença, mas sim pela desigualdade que atribui valores de acordo com o sexo biológico e para com o gênero que se desvincula da genitália de cada sujeito.

Toledo (2008) remete às construções sociais acerca de papéis designados aos homens e mulheres, de modo que são vinculadas às mulheres características como a fragilidade, e aos homens características relacionadas à virilidade, força e destreza.

Assim, as atividades relacionadas ao trabalho, aos afazeres domésticos, esporte e lazer eram e por vezes ainda são ligadas às mulheres e aos homens, isto é, ao gênero feminino e masculino, respectivamente.

Quanto à prática do lazer, Miguel e Rial (2012) apontam que, embora a partir de 1930 o vínculo do lazer a um estilo de vida saudável abrisse portas para que as mulheres praticassem esportes, essas práticas só eram possíveis se realizadas em horários e locais apropriados, bem como se correspondessem ao gênero feminino. Para as autoras, foi nessa década que os “banhos de mar e os esportes ganharam mais atenção”.

Só no início do século XX, “a aceitação das mulheres em trajés de banho aumenta [...], mas certas restrições permanecem, fazendo com que as que usavam vestes mais ‘avançadas’ sejam acusadas de escandalizar as ‘pessoas de bem’” (MIGUEL; RIAL, 2012, p.159).

Para as autoras, “a natação preconizada para as mulheres, entretanto, era quase como um balé, mais dança do que esporte; deveriam mover-se suavemente, deslizando sobre as águas, sem demonstrações de força”. Estas não poderiam demonstrar destreza, força e agressividade em suas práticas esportivas, isto é, nada que “as colocassem num plano físico mais próximos ao dos homens” (*Ibidem*, p. 159).

Essa vinculação das mulheres com as práticas que demandam delicadeza e o afastamento daquelas atividades que necessitam do uso da força e destreza para que não haja identificação das mulheres com os homens, é associada à prática esportiva pelas construções socioculturais. Assim, esta pesquisa reflete

como essas aproximações e afastamentos são geradores de conflitos e estigmas no esporte praticado por mulheres, especificamente o futebol.

3.3 CONFLITOS E ESTIGMAS⁵⁶ NO FUTEBOL PRATICADO POR MULHERES

Introduzido no Brasil por Charles Miller⁵⁷, no ano de 1895, o futebol a princípio era praticado por homens brancos da elite brasileira. Esse esporte foi difundido em nosso país pelo filho de um grande proprietário de indústrias na cidade de São Paulo.

A primeira participação de um negro nos jogos de futebol da classe dominante foi registrada no ano de 1914 em um campeonato carioca. Entretanto, para poder participar desse jogo, esse homem de pele negra teve que esconder sua cor – passou “pó de arroz” em seu corpo para que ninguém percebesse sua presença em campo.

Durante o jogo, o suor que escorria pelo rosto desse jogador revelou a cor da sua pele, identificando-o como negro e que, portanto, não fazia parte da elite branca dominante, sendo assim expulso do jogo e do local o qual ele “não pertencia”. Os grandes clubes de futebol só começaram a aceitar a participação de negros a partir de 1920.

Embora o futebol, ao chegar no Brasil, fosse restrito aos homens brancos da classe dominante, vários adeptos foram surgindo nos campos de terra, praias, nas ruas e em grupos não reconhecidos socialmente.

A criação de estádios e grandes clubes, realização de campeonatos e a espetacularização do futebol, bem como a permissão e o acesso de negros e demais cidadãos que não faziam parte da elite brasileira a esse esporte foram fatores que contribuíram para a promoção do futebol no Brasil e vinculação deste ao patriotismo – construindo uma cultura nacional dos brasileiros em torno do futebol.

⁵⁶ Para Goffman (1993, p. 11): Estigma são “sinais corporais que estão tentando mostrar algo ruim e incomum no status moral” que pode representar um desvio mas também uma diferença na identidade social.

⁵⁷ Brasileiro, considerado o pai do futebol, trouxe uma bola e o conhecimento do esporte para o Brasil no ano de 1895, após voltar da Inglaterra, local onde ele realizou seus estudos desde os dez anos de idade.

Segundo Stuart Hall (2011, p. 51):

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção de nós mesmos.

Segundo o autor, “cultura nacional atua como uma fonte de significados culturais, um foco de identificação e um sistema de representação” (*Ibidem*, p. 51). A adesão em grande escala ao futebol, seja ela por adeptos à prática profissional, por lazer ou como espectadores (as), tornou o Brasil mundialmente famoso como o “país do futebol” (HALL, 2011, p. 58).

Embora intitulado como o país do futebol, o qual rompeu barreiras com os marcadores sociais de raça ou classe possibilitando o acesso a esse esporte, a cultura brasileira ainda reproduz outro marcador social – gênero – que oprime as mulheres e marginaliza aquelas que o praticam.

A mídia e os grandes clubes reforçam esses estereótipos, quando não excluem, e vinculam a expectativa social da mulher esportista ao feminino.

O futebol no Brasil, para além de um simples esporte, é produto de mercado. Segundo Rial (2012, p. 132):

A fase de globalização (que começou mais ou menos em 1970) mudou aspectos fundamentais do futebol devido à inserção de crescimento capitalismo no esporte e as mudanças associadas estimulados pelo aumento de interesse da mídia no futebol e no desenvolvimento de tecnologias.

A construção de grandes times da elite ou da periferia junto a grandes conquistas da seleção brasileira e grandes jogadores que se tornaram famosos mundialmente trouxeram a identificação e paixão de cidadãos e cidadãs brasileiras pelo futebol.

Para Hall (2001, p. 59):

Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família.

Desse modo, a entrada desse esporte no Brasil incorporou o futebol como parte de sua cultura nacional a partir do processo de globalização. Hall (2011)

aponta o tempo, o espaço e as coordenadas do sistema de representação como impacto da globalização sobre a identidade.

A mídia e também empresas e eventos esportivos, especialmente em eventos ligados ao futebol, investem grande parte de suas propagandas publicitárias destinadas a um determinado grupo. Ou seja, aos homens que tenham poder de compra dos materiais esportivos e das entradas em eventos esportivos. Há a destinação desses artigos esportivos para as mulheres ainda é muito pequena se comparada aos homens.

Ao investirem em imagens e propagandas vinculadas aos homens, “atores sociais representantes da masculinidade”, esses veículos de divulgação reforçam uma cultura em que algumas modalidades esportivas pertencem a eles, excluindo e dificultando o processo de inserção das mulheres nesse campo. Nesse sentido, “identidades sociais são efeitos da forma como conhecimento é organizado e que tal produção social de identidades é ‘naturalizada’ nos saberes dominantes” (MISKOLCI, 2009, p. 153).

Ao reproduzir estereótipos vinculados a um padrão que estipula o que seja feminino ou masculino/ ser mulher ou ser homem/ para mulheres e para homens, a mídia reforça preconceitos e a exclusão de homens e mulheres que não os reproduzem respectivamente.

Segundo Rial (2012, p. 2):

Assim como a proibição da presença dos negros nas equipes é reveladora de uma ideologia de branqueamento da nação, impulsionada por teóricos racistas com grande influência no país desde o século XVIII, a proibição de presença das mulheres – brancas – nas equipes serviria às ideologias eugenistas, que pregavam em favor da saúde do corpo das mulheres para gerar filhos saudáveis e melhorar deste modo a raça branca no Brasil.

Para Miguel e Rial (2012, p. 160), “o lugar especial reservado às mulheres no esporte era as arquibancadas. [...] mesmo tornando-se o esporte mais popular do país, o futebol exclui do campo as mulheres por décadas”.

Tido como agressivo ao corpo das mulheres por uma sociedade patriarcal regida por normas e regras de seu tempo, algumas modalidades esportivas foram e ainda são retratadas como objeto de subversão dos papéis designados às mulheres dentro de tal perspectiva.

A presença da mulher nos esportes que demandam força, destreza e contato prejudicaria a reprodução, a “colaboração” dentro da sociedade - vinda de uma perspectiva patriarcal, ou seja, uma sociedade onde homens “justificavam” os aspectos biológicos da mulher para não dividirem seus espaços.

Essa perspectiva, para Deive (2005), reflete a vinculação do esporte ao conceito de *fisicalidade*. Para o autor:

Este conceito está associado à masculinidade e ao poder físico do homem, mediante a conduta esportiva do futebol – em que o contato físico, o combate e o uso agressivo do corpo são explícitos, servindo como reprodutor da hegemonia masculinidade, sendo interpretado pelas feministas do esporte como um aspecto central da opressão feminina neste campo. (DEIVE, 2005, p. 44)

As relações de dominação e de hierarquia construídas socialmente exigem uma reflexão acerca de como se dão as estruturas sociais, pois são através delas que o sujeito é moldado para reproduzir e aceitar. A reprodução dessas desigualdades ocorre no processo de educação dos sujeitos nas mais variadas instituições sociais (escola, família, igreja, política).

Dentro dessa configuração, um ponto importante citado por Toledo (2008, p. 23) indica que “a mulher nasce e é educada para ser oprimida, para saber ‘o seu lugar’ no mundo, que é sempre, em qualquer âmbito, um lugar subalterno”, no caso do futebol – esporte masculinizado – este lugar seria as arquibancadas. Assim seriam espectadoras e não protagonistas do processo.

O corpo como construção social vai se manifestar de formas diferentes, seja de acordo com os moldes, limites e regras que lhes foram impostos, ou na busca pela reinvenção dessa norma.

As mulheres desta pesquisa estão o tempo todo transitando dentro desses moldes, dessa norma, de um lado a outro. No trabalho de campo desta pesquisa, foi possível perceber que as identidades de gênero são fluidas e colocadas através do ato performativo, no qual essas representações são manifestadas através das roupas, cortes ou forma de prender os cabelos, dialetos, maneiras de jogar, formas de cumprimentos e interação dentro e fora do jogo:

Não me enquadro em nenhum desses padrões de como uma mulher deve se vestir. (Já sofreu preconceito por causa disso?) Uai, já? Já... tipo... como exemplificar... desde a escola assim... tipo, eu não sou uma mulher que me produz femininamente vamos dizer. Muita gente diz que: “ah, você devia se arrumar mais, passar um batom, usar um vestido, colocar um brinco... ser mais mulherzinha”. Aí eu digo: ah, tá bom, obrigada. (Lorena)

Ao relatar que não segue o padrão feminino de ser, *Lorena* transita entre o que lhe fora socialmente colocado e a identificação com aquilo que durante a formação de sua identidade foi reinventado, ou seja, a interlocutora não segue o típico papel elaborado para os moldes femininos, mas cambia/migra entre características femininas e masculinas.

Não se vê aí um terceiro gênero, mas, sim, uma identidade que se faz presente através do ato performativo e que se revela dentro de características entre o masculino e o feminino.

No artigo *Identidade de Gênero e Sexualidade*, Grossi (1998), ao estabelecer uma discussão sobre identidade de gênero, faz uma relação entre os papéis masculinos e femininos e utiliza, como exemplo, as representações de gênero das travestis as quais ora representam o modelo de feminilidade, mas ora rebuscando em outro momento – a “volta” ao modelo de “ser homem” após se (des) travestirem.

Nesse contexto, ao trazer a discussão a respeito do “ser mulher”, Grossi (1998) cita uma entrevista dada pela pós-feminista Camille Paglia, que relata ter aprendido a **ser mulher** com as *drag-queens* no momento em que ela se fantasiava para ser mulher e representava esse papel. No entanto, isso durava apenas um dia, pois, ao voltar para casa, ela colocava a sua roupa velha e não se sentia nada sexy.

Essa citação da autora tem uma relação muito forte com duas interlocutoras desta pesquisa: *Amanda* e *Regina*. *Amanda* relata que gostaria de se vestir à vontade, roupas largas, mas que, para se sentir “mais mulher”, precisa usar vestuários e representar o modelo feminino; e *Regina* apresenta que o fato de estar com unhas pintadas faz com que ela se sinta mais mulher.

Após exemplificar o trânsito entre o masculino e o feminino das travestis e da pós-feminista, Grossi (1998) afirma que isso faz com que ela não acredite

na existência de um terceiro gênero, pois há apenas dois grandes modelos de identidade de gênero: masculino e feminino, e “a estes dois modelos são associados atributos e expectativas diferentes em cada cultura” (*Ibidem*, p. 12).

Luana diz se sentir feminina e gostar de se produzir de acordo com o padrão de feminilidade, mas a sua vivência com o esporte não permite tal produção em tempo integral:

[...] assim, gosto de me arrumar, sair gatinha e tal, mas é claro que assim, por eu praticar esporte há muito tempo, sempre pratiquei esporte, jogo tênis também, acaba que com o tempo (risos) a maneira de andar fica diferente, não fica tão mocinha porque você sai do jogo toda descabelada, acaba ficando meio bruta também, porque quem não bate apanha. Essas coisas (risos). Mas eu me acho bem feminina sim. (Luana)

Já *Elen* diz se sentir masculina: “uai... masculina... roupas, os acessórios, perfil de atração também”. Embora se sinta masculina, *Elen* diz que seu círculo de amizade se dá com as mulheres femininas, pois os grupos das masculinas são de difícil acesso⁵⁸. A interlocutora expõe que não se identifica com esses grupos. Seria a *Elen* predominantemente masculina e apenas eventualmente feminina?

Os dados desta pesquisa, isto é, a observação participativa e o que as interlocutoras apontaram através dos relatos e do ato performativo, me fazem lembrar a Escala de *Kinsey* em que o biólogo e psicólogo Alfred Kinsey tenta descrever o “comportamento” sexual das pessoas ao longo da vida. Nessa escala, Kinsey (1948) faz uma relação desde os exclusivamente heterossexuais aos exclusivamente homossexuais.

Enquanto recurso didático para apresentar os dados dessa fluidez, pensando nessa escala relacionada à identidade de gênero, elaborei um quadro que intitulei de “escala do ato performativo de gênero”⁵⁹ a partir dos dados que coletei nesta etnografia:

⁵⁸ Ver Capítulo IV – 4.2 VIRILIDADE E MULHERES, p. 129.

⁵⁹ Telma, essa escala não existe (risos), mas foi algo que veio na minha cabeça.

Nível	Descrição
0	Exclusivamente femininas
1	Predominantemente femininas, apenas eventualmente masculinas
2	Predominantemente femininas, embora masculinas com frequência
3	Ora feminina, ora masculina
4	Predominantemente masculina, embora feminina com frequência
5	Predominantemente masculina, apenas eventualmente feminina
6	Exclusivamente masculina
X	Sem gênero ou terceiro gênero

Tabela 06 – Escala do Ato Performativo de Gênero. Criação de: Valleria Oliveira

A elaboração da escala acima não teve como intenção colocar as interlocutoras dentro de um modelo, mas para indicar as fronteiras, e não colocar um limite rígido.

Embora a escala acima apresente os termos “exclusivamente femininas”, “exclusivamente masculinas”, “sem gênero ou terceiro gênero”, pensando tanto nas interlocutoras quanto nos travestis, *drag queens* e nas trangêneros, assim como Grossi (1998), não consigo acreditar que exista um terceiro gênero, ou mesmo na falta dele. Nesta pesquisa, há um trânsito entre o masculino e o feminino que se dá de forma fluida e que cambia de um gênero ao outro. Não são fixas e nem exclusivas. Isto é, se sentem masculinas, femininas e, em alguma medida, transitam – performam ora um, ora o outro gênero – masculino e feminino.

Segundo Ortner (2007, p. 45), ao remeter à teoria da prática, a “cultura constrói pessoas como tipo particulares de atores sociais, embora a vivência seja variável, a cultura os fez”. O dizer social que denota incompatibilidade das mulheres com determinados esportes se apóia na justificativa do corpo frágil

feminino, vinculando-o ao gênero como se um fosse característica do outro, ou seja, a tentativa de naturalizar o que foi culturalmente construído.

As relações de exclusão das mulheres nos espaços esportivos apontavam que as proibições das práticas esportivas para as mulheres se davam pela incompatibilidade da natureza dos corpos com as modalidades. Entretanto, Rial (2012, p. 3) rebate essa perspectiva dizendo que:

Ora, trata-se de um argumento biológico dos mais refutáveis, pois constatação simples, os órgãos reprodutivos da mulher são internos, ao contrário dos homens, que são externos ao corpo, e, objetivamente, estariam em maior risco com a prática do futebol.

A explicação de que a prática de esportes atrapalharia na reprodução biológica das mulheres era uma tentativa de excluí-las de todo um processo social, econômico e político.

Segundo Miguel e Rial (2012), em 1908 e 1909, há registro tanto de homens quanto de mulheres jogando futebol. E, durante muito tempo, foi considerada como a primeira partida no Brasil de futebol jogado por mulheres, em 1913, realizada em um evento beneficente – até “se descobrir que o time era, na verdade, formado por jogadores homens do Sport Club Americano, campeão naquele ano, vestidos de mulher, misturados entre poucas”. A primeira partida jogada apenas por mulheres ocorreu em 1921.

Na tentativa de impedir o acesso das mulheres ao esporte ou em qualquer outro espaço destinado a tal finalidade, em 1940, foi criado um decreto que vetava a participação das mulheres nesses esportes. Segundo Rial (2012, p. 2):

O decreto de 14 de abril de 1940, que de modo mais geral estabelece as bases da organização do desporto no Brasil, estabelece no seu artigo 54 que “às mulheres não se permitirá a prática de desporto incompatíveis com as condições de sua natureza”. Proibido desde a década de 1940, o futebol praticado por mulheres continuou existindo através de esporádicas transgressões à ordem desta dominação masculina, que desafiavam a legislação até serem interdidadas pelos Conselhos Regionais de Desportes.

A autora complementa que essas proibições se identificaram com a deliberação nº 7, de 1965, na qual a “ditadura militar então recentemente no poder especificou modalidades esportivas proibidas às mulheres, lutas, saltos e

futebol entre elas, e regulou a intensidade e finalidade de outras” (RIAL, 2012, p. 3).

Após a proibição por lei, em 1941, que excluía a participação das mulheres no futebol, segundo as autoras, somente em 1970, com a volta das feministas brasileiras do exílio, as problemáticas relacionadas aos direitos sexuais, reprodutivos e ao corpo voltaram a ser discutidas. O fim da proibição da prática do futebol por mulheres só veio “com a promulgação da Deliberação n.10, de 1979, do Conselho Nacional de Desportes” (MIGUEL; RIAL, 2012, p. 161-162).

Essas proibições, juntamente com outros fatores geradores da opressão da mulher, tornam-se perceptíveis no *Brazil Escola de Futebol*, uma vez que a jogadora mais velha desse grupo tem 37 anos. Nesse sentido, assim como já foi dito, *Amanda* relata a sua dificuldade em manter a prática do futebol devido à escassez de grupo de jogadoras na década de 90. Afinal, da proibição até os dias atuais, passaram-se apenas 44 anos.

Percebe-se aí onde são geradas, reproduzidas e reforçadas as desigualdades de gênero que ainda perduram, de modo que o futebol no Brasil, como um objeto de identidade cultural de uma nação, é também um instrumento regulador e de segregação.

É um caminho de lutas, contradições e violências desde o processo da opressão ao da emancipação. Essas heranças socioculturais tornam-nos reféns de expectativas sociais geradoras de preconceito e discriminações que marginalizam mulheres que se apoderam da prática do futebol. Para além do acesso ao esporte, outra relação muito forte que aparece nesta pesquisa é a vinculação da prática do futebol com a masculinidade e a homossexualidade, visto que as jogadoras relatam que já sofreram alguma forma de preconceito por jogar futebol: “*Quando eu era criança, as pessoas perguntavam se era homem, essas coisas*” (*Fabiana*).

Devide (2005) aponta o esporte como uma ferramenta de emancipação das mulheres nesse campo de luta e contestação em combate aos preconceitos, mitos e opressão da mulher.

Embora tenha se conquistado visibilidade e acesso ao esporte, as mulheres ainda encontram barreiras e dificuldades de aceitação social na prática

dos esportes de contato e naqueles considerados masculinos como futebol, rugby, lutas.

Dentro desses esportes, por vezes, são cobrados às mulheres que joguem, mas que não deixem de ser femininas. Grande parte das atletas de ponta, ao aparecer na mídia, tende a representar um comportamento socialmente esperado do “ser mulher” através da feminilidade – uso de maquiagem, roupas coladas, vestidos, cabelo arrumado etc.

Segundo Miguel e Rial (2012), nos mais diversos recursos da mídia, atualmente “encontramos recomendações de mais esta obrigação da mulher: estar sempre bonita ou, pelo menos, demonstrar cuidado nessa área imprescindível”. Ou seja, é permitido à mulher que ela pratique esporte, desde que não perca sua feminilidade e não subverta o seu papel na sociedade.

A interlocutora *Regina* relata que já sofreu preconceito, mas por jogar futebol. Afirma ainda que, no seu dia a dia, se ninguém sabe que é jogadora, não há preconceito, pois seu vestuário, modo de sentar, andar e agir correspondem às expectativas sociais de uma mulher feminina. Ela também já presenciou preconceitos vivenciados por mulheres que não correspondem a esse padrão:

Já muito pouco, mas já. Às vezes de jogar, mas no dia a dia se a pessoa não souber que eu jogo, não tem nenhum tipo de comentário não. Já vi assim de ir pra bar com uma amiga mais masculina, às vezes até o garçon te atende de maneira diferente, prioriza a outra mesa do que a sua. Eu tive uma criação diferente. Assim, eu acho que se a minha família aceita qualquer coisa, se eu for assim ou do jeito que eu sou mesmo, então o resto pra mim tá tudo bem.

Ao declarar não ter “problemas” na convivência com mulheres que não seguem o padrão de feminilidade, *Regina* traz consigo uma relação em que a expectativa das normas foi rompida dentro da sua família e que, portanto, é possível se pensar em uma construção e ressignificação de cultura da liberdade de gênero.

As discussões de gênero no futebol, no Brasil, tornaram-se latentes, uma vez que as mulheres deixaram de ser apenas espectadoras e começaram a aderir à prática e a lutar pela não opressão das jogadoras dentro do campo de futebol.

3.4 PERSPECTIVAS E ESTUDOS DO ESPORTE PRATICADO POR MULHERES

O futebol no Brasil, uma “paixão nacional”, tornou-se cada vez mais almejado não só por seus espetáculos e eventos, mas também pelos famosos atletas de “fim-de-semana”, independente de raça, sexo, idade ou classe.

Embora durante anos as mulheres tenham sido excluídas da prática do futebol, atualmente encontramos um grande quantitativo de mulheres que pratica essa modalidade esportiva, seja ela nas escolas, no alto rendimento ou por lazer.

O futebol praticado por mulheres vem conquistando cada vez mais aliadas, assim como a luta pela liberdade delas vem ganhando ascensão devido às lutas e conquistas de movimentos feministas. Outro fator responsável por isso é a visibilidade que o futebol brasileiro jogado por mulheres vem trazendo para o país. Cada vez com mais aliadas e mais praticantes, o futebol atualmente tem um número maior de participação das mulheres, seja nas arquibancadas ou como praticantes.

Junto aos movimentos sociais que lutam pela igualdade de condições e participação ativa das mulheres na sociedade, estudos voltados para a construção sócio-histórica nos ajudam a compreender como se deu o processo da repressão e emancipação das mulheres.

Sobre o esporte praticado por elas, Devide (2005, p. 23) traz que, “em 1972, o esporte feminino ingressou na pauta de estudos da sociologia do esporte nos Estados Unidos, que no início focalizou questões psicológicas, como o conflito de papéis entre ser mulher e atleta”.

Segundo Devide (2005), os estudos sobre o esporte praticado por mulheres, a partir da análise feminista do esporte, desenvolveram-se por meio de seis princípios: o esporte é uma instituição patriarcal; perpassa pela ideologia patriarcal; há um viés liberal no estudo das mulheres no esporte; as mulheres

não são homens; a sociologia do esporte é sexista; e se as mulheres mudam, os homens e o esporte não precisam mudar (DEVIDE, 2005, p. 24).

Esses princípios retratam o esporte como instrumento de restrição e de coerção em que as regras e o acesso são regidos por uma perspectiva que parte da hegemonia masculina – regras sexistas que consideram raça, classe e idade como fatores determinantes. De modo geral, as análises feministas do esporte trazem o quanto alguns estudos sobre esportes praticados por mulheres ainda são direcionados aos grupos dominantes, patriarcais, que tentam inferiorizá-las em relação aos homens.

Para Devides (2005), essa inferiorização parte do padrão esportivo masculino como norma em que as mulheres são consideradas “esportistas de segunda classe”, pois, conforme essa norma, elas nunca serão superiores aos homens.

Então, se grande parte dos esportes e suas regras for construída para os homens dentro da perspectiva da hegemonia masculina – viril e de força exacerbada, e as mulheres, em sua maioria, foram criadas para agirem com leveza e delicadeza, a sociedade sofre de uma grande contradição. Isso porque, ao inferiorizar as mulheres comparando-as aos homens em seu desempenho esportivo (recordes, força, habilidade), ela cobra dessas mulheres iguais resultados para que sejam consideradas apropriadas ao verdadeiro esporte. Contudo, a sociedade julga e caracteriza como anormais aquelas que se aproximam de tal desempenho.

Essa caracterização de anormais e desviantes se faz presente no teste de feminilidade⁶⁰ destinado a mulheres que têm desempenhos semelhantes aos dos homens. Segundo Devides (2005, p. 45):

Quando as mulheres começaram a se sobressair no esporte de alto nível, tendo sua identidade sexual questionada – “a mulher atleta de alto nível torna-se “homem”, o que fez, inclusive, com que houvesse a demanda pelo teste de feminilidade, que levanta a suspeita: se é bem-sucedida”.

⁶⁰ Segundo Lessa (2013, p. 266), “em 1968 o COI introduziu o teste de feminilidade para substituir os exames ginecológicos por uma verificação científica, para saber se cada competidora possuía os dois XX através dos cromossomos.

Essa premissa de que as mulheres são inferiores faz com que a sociedade vincule o bom desempenho ao homem, de modo que, uma vez que essas se mostrem com capacidades para além de atividades destinadas ao lar, elas são “tão boas quanto os homens” ou são “tão boas que se tornaram homens/são homens, por isso são boas”.

Desse modo, no esporte, quando uma mulher tem um desempenho semelhante ao dos homens, duvida-se que ela seja biologicamente uma mulher, submetendo-a a testes, exposição midiática e até punições.

Outro equívoco de comparação e ou projeção que é feita dos homens nas mulheres está relacionado ao masculino e feminino – vinculado ao pênis e à vagina respectivamente – a partir da heteronormatividade. Ora, “se as mulheres não são homens” e vice-versa, identificar-se com o gênero masculino não significa ter um pênis e identificar-se com o gênero feminino não quer dizer que se tenha uma vagina.

Com relação à dicotomia sexo e gênero, segundo Devide (2005, p. 36), “é preciso, contudo, ir além e considerar sexo como um *continuum* e não como uma categoria dicotômica, determinada pelo sexo masculino e o feminino” – ser uma mulher ou um homem é diferente de ser feminino ou masculino.

Essa fala do autor se faz presente no *Brazil Escola de Futebol*. “Ser mulher” nesse campo de futebol não quer dizer ser feminina ou masculina, é uma identificação que está para além dos marcadores sociais de gênero. Mulheres que se consideram femininas, mulheres que se identificam com o gênero masculino e/ou aquelas que dizem não pertencerem a nenhum desses padrões são o perfil das jogadoras desse espaço.

Esse não pertencer aos padrões e expectativas sociais ocasiona uma série de estranhamentos e, por conseguinte, preconceitos. Lorena diz não se identificar com nenhum desses estereótipos de gênero e conta que sofreu/sofre preconceitos em alguma medida porque não se veste de acordo com os moldes de feminilidade:

Hoje em dia isso não me atinge mais, mas já me atingiu já. Teve momentos que foram meio difíceis assim. Eu sempre liguei o foda-se. Mas já aconteceu de eu me importar sim. Eu sei que muita gente fala disso, do meu meu visual não ser muito feminino. (Acha que isso se dá pelo fato de ser roqueira também?) também, né, mas até então porque existem roqueiras

mocinhas né, e eu não faço questão nenhuma de ser e nem vou ser.. (risos). (Lorena)

Uma vez que o ser humano nasça com uma vagina, esse/essa é vinculado/vinculada ao gênero feminino e intitulado/intitulada como desviante e homossexual, caso se identifique com o gênero masculino.

[...] a construção cultural do corpo feminino no esporte foi feita seguindo-se de um paradigma heterossexual, instituído sob as bases da hegemonia masculina e da submissão feminina, a partir das diferenças biológicas – barreiras de gênero – biológicos que as situam como inferiores aos homens na prática atlética, contribuindo para que elas necessitem transformar o próprio corpo, instrumento de emancipação. (DEVIDE, 2005, p. 44)

Ao serem bem-sucedidas no esporte, os constructos socioculturais apontam que essas mulheres deixam de “ser” ou fracassam como mulher. Isto é, não se pode “ser mulher” uma vez que se torna capaz, emancipada e desalienada das normas patriarcais. E talvez seja o esporte uma das construções sociais mais eficazes para regulamentar e reiterar o feminino e o masculino já que as modalidades esportivas são divididas dessa maneira.

Antes de aprofundar nas categorias e abordagens as quais trabalhei nesta pesquisa, pretendo apresentar as perspectivas apontadas por Devide (2005) usadas nos estudos do esporte praticado por mulheres.

Tais perspectivas e estudos são: *Pesquisas femininas; Estudos categóricos; Estudos de papéis sexuais; Estudos andrógenos; Pesquisa distributiva; Estudos relacionais.*

Nos *Estudos femininos*, Devide (2005, p. 26) afirma que, nessa perspectiva, o esporte é visto como naturalmente masculino em que as mulheres correm o risco de perder a sua feminilidade, tendendo a "isolar as experiências esportivas das mulheres do seu contexto social, postulando que os meios que produzem noções de feminilidade são usados para controlá-las". Nesses estudos, estão presentes os conflitos entre “ser atleta” e “ser mulher”.

“Ser mulher”, no contexto da norma social ocidental, refere-se a “ser feminina”. Isto é, ser delicada, usar roupas e acessórios, preocupar-se com a beleza, falar e se comportar de maneira adequada a este gênero. Nesse

contexto, a mulher socialmente aceita até pode ser atleta, mas desde que não perca tais características ligadas à feminilidade.

Seguir esses padrões para as jogadoras do *Brazil Escola de Futebol* “amenizam” em certa medida os preconceitos. Quando indaguei à *Bianca* se ela já havia sofrido preconceito, a interlocutora relata que não, pois “*sou mulherzinha né.. (risos)*”. Sendo assim, seu vestuário, acessórios, modo de agir e conversar estão atrelados ao ideal de feminilidade.

Com relação aos *Estudos categóricos*, estes são baseados “na qualificação e no empirismo sobre as diferenças entre homens e mulheres, interpretando as relações de gênero sob as bases de diferenças individuais, mais do que socialmente e historicamente produzidas. Esses estudos tendem a se apoiarem no individualismo em que as diferenças se dão para além das relações sócio-históricas (DEWAR, 1993 *apud* DEVIDE, 2005, p. 25).

Já os *Estudos de papéis sexuais*, segundo Devidé (2005), situam as mulheres como “vítimas” que têm três escolhas:

[...] permanecer no esporte, viver com o conflito ou ser vista como pouco feminina; e ignoram as questões sobre como as práticas esportivas são usadas para legitimar e reforçar estereótipos femininos, encorajando a definição dos problemas e conflitos das mulheres atletas como pessoais, mais do que decorrentes de aspectos culturais.

Entretanto, ao pontuar os estereótipos femininos como conflitos a serem superados no quesito pessoal e não cultural, essa perspectiva não torna a mulher vítima da ação sócio-histórica da hegemonia masculina, mas a culpabiliza e a define como agente que pode solucionar essa problemática ao “permanecer no esporte, viver com o conflito ou ser vista como pouco feminina”. Ou seja: a mulher que quiser praticar esporte, que supere. A sociedade não tem nada a ver com isso!

Quanto aos *Estudos andrógenos*, estes definem que “é a mulher e não o esporte que deve mudar”, sendo esta incentivada a desempenhar papéis masculinos e femininos em situações apropriadas para que diminua o conflito – ser mulher e atleta (DEVIDE, 2005, p. 26).

“Se as mulheres mudam, os homens e o esporte não precisam mudar” – essa perspectiva visa adaptar e moldar a mulher para que a sua entrada no esporte não cause estranhamento à sociedade tampouco problemas à norma.

Seria mais uma norma a seguir – “ser apropriada”. Ora, não se pode ser uma atleta feminina? Não se pode ser uma dona de casa masculina? Não se pode ser dançarina e usar roupas largas?

Essa perspectiva me lembra a música “Ciranda da bailarina”, de Chico Buarque. Segue um pequeno trecho:

Procurando bem
 Todo mundo tem pereba
 Marca de bexiga ou vacina

E tem piriri
 Tem lombriga, tem ameba
 Só a bailarina que não tem

Nem unha encardida
 Nem dente com comida
 Nem casca de ferida ela não tem [...]
 Confessando bem
 Todo mundo faz pecado
 Logo assim que a missa termina

Todo mundo tem
 Um primeiro namorado
 Só a bailarina que não tem.

A “Ciranda da bailarina” é um retrato fiel do que a sociedade atribui às mulheres: o que é ser feminina – delicada, sem impurezas e casta. A mulher que pratica um esporte intitulado como masculino passa a ter seu gênero vinculado a tal prática e, portanto, a sofrer preconceito. Isto é, ela passa a pertencer ao gênero que a sociedade aponta/como a percebe.

Nesse sentido, segundo Hall (2011, p. 39), parte do processo de identificação também se dá a partir da visão do outro:

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma *falta* de inteireza, que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais imaginamos ser vistos por *outros*.

Hall (2011) afirma ainda que, ao invés de trabalharmos com *identidade*, seria interessante pensarmos em *identificação*, isto é, observá-la como um processo, pois ela “permanece sempre incompleta” e está sempre em formação.

Já dentro da *Pesquisa distributiva* há diferentes grupos sociais – uns mais privilegiados do que os outros, cuja pesquisa tem caráter comparativo, buscando “igualdade de sentido das oportunidades” e “mostrando padrões desiguais e, às vezes, discriminatórios entre homens e mulheres”. Segundo Devide (2005, p. 19), a *pesquisa distributiva* “analisa pouco as consequências e não tem contribuído para eliminar os obstáculos para a desigualdade no esporte”.

Esses são os casos de pesquisas que apontam as diferenças entre homens e mulheres a partir dos recordes esportivos em um viés biologicista sem levar em consideração outros determinantes sociais tais como: classe e raça.

Já os *Estudos relacionais* consideram a prática esportiva historicamente produzida e socialmente construída e “interpretam o esporte como uma representação cultural de relações sociais, também entre homens e mulheres, não sendo neutro nem objetivo”. Conforme Devide (2005, p. 20), “estes estudos visam tornar o não dito, dito; o invisível, visível, reconhecendo que todos os fatos devem receber uma multiplicidade de interpretações”.

Abordam debates interdisciplinares, de natureza teórica e metodológica, ampliando a visão de como a hegemonia masculina no esporte está articulada, negociada e contestada de várias formas.

Assim, os *Estudos relacionais* têm como objetivo sanar lacunas como: o porquê de o esporte privilegiar mulheres brancas, de classe média e ocidentais; a quebra na relação de gênero com idade, identidade sexual, etnia e saúde, “representando a experiência de todas as mulheres, em suas singularidades culturais e sociais”, compreendendo a partir da relação dos sexos.

O autor completa que “o esporte é influenciado pela sociedade, assim como reflete e reforça valores da sociedade em que está inserido”. Assim, Devide (2005, p. 22) demarca que as pesquisas na área do esporte tendem a focar nas diferenças entre homens e mulheres no esporte e “não na relação entre os grupos”.

Esse estudo partiu das relações entre homens e mulheres que dividem um mesmo espaço, sendo este apontado como predominantemente masculino – o campo de futebol. Através do estudo dessas relações, percebem-se as múltiplas vozes que relatam diferentes perspectivas, bem como as relações de poder ali existentes.

Sendo assim, este capítulo teve como objetivo apresentar conceitos ligados às três dimensões do esporte: alto rendimento; educacional; e esporte como lazer, bem como abordar as questões/ problemáticas ligadas ao lazer praticado por mulheres, especificamente o futebol. Objetivou também descrever os dados desta pesquisa, os quais revelam que o gênero se dá através do ato performativo, sendo ele fluido, não exclusivo, que transita entre o feminino e o masculino, de modo que não há um terceiro gênero ou mesmo a falta dele.

CAPÍTULO IV

CORPORALIDADE, REPRESENTAÇÃO E SUBJETIVIDADE: O “SER MULHER” NO CAMPO DE FUTEBOL

4.1 AUTORREFERÊNCIAS: PERIGUETES, MULHERZINHAS E SAPATÕES

As proibições, contradições e violências simbólicas decorrentes de uma cultura que oprime as mulheres permeiam o futebol praticado pelas interlocutoras desta pesquisa devido à herança cultural, seja de forma velada ou direta entre as jogadoras, bem como por parte dos frequentadores desse espaço. E essa herança cultural se faz presente também nas autorreferências que as jogadoras fazem de si mesmas.

Para além de sociabilidade e diversão, algumas jogadoras relataram que se reúnem para jogar futebol também pelos benefícios à saúde que a prática do exercício físico pode oferecer.

Durante o trabalho de campo, observei que, para além da diversão, várias jogadoras também jogam futebol pensando nos cuidados para com a saúde e estética corporal verificadas em conversas do tipo: “*nossa já estou cansada, estou sem preparo físico nenhum. Preciso fazer exercícios regularmente, se não chega aqui, morro dos primeiros dez minutos*”; “*me dá um suco porque não tô podendo tomar coca não*”; ou em brincadeiras do tipo: “*minha barriga é a mais sarada*”. Essas conversas antes, durante e após o jogo retratam a preocupação dessas mulheres em se manterem saudáveis, resistentes para jogar, bem como em manter-se no padrão de beleza dentro do esporte – sem gordura corporal e com tonicidade muscular.

Embora algumas das mulheres praticantes do esporte sejam apontadas como masculinas devido a sua estrutura muscular, força e destreza, basta aparecerem de vestido e maquiadas para que essa masculinidade caia sobre terra e sejam consideradas mulheres esportistas femininas, ou seja, socialmente aceitas.

Assim, como um grande marcador das diferenças sociais, gênero é uma categoria que expressa relações de disputa de poder. Para Scott (1989, p. 2), atualmente, a categoria gênero é identificada “como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos”. Isto é, uma construção social que designa papéis esperados de homens e mulheres na materialização da sociedade.

A exemplo da cultura brasileira, as mulheres são vinculadas à passividade, delicadeza, maternidade, e os homens, ligados à destreza, força, virilidade. Essas determinações/ construções sociais distanciam homens de práticas corporais como a dança, e mulheres de práticas esportivas como o futebol, ou seja, distanciam esses sujeitos de práticas que não condizem com essas especificidades designadas a eles/elas. Isso aponta como uma problemática quando há fuga da norma instituída por uma determinada cultura e quando há desvios dos padrões de gênero.

Segundo Grossi (1998), a compreensão que se tem de gênero no Ocidente está ligada ao de sexualidade, como se um refletisse o outro, de modo que a preocupação da teoria feminista está em “separar a problemática da identidade de gênero e a sexualidade”.

Ou seja, ao associar gênero à sexualidade, a sociedade comete o grande equívoco de relacionar os comportamentos sociais esperados de um determinado gênero aos comportamentos sexuais desses indivíduos. Isso porque essas vinculações marcam homens e mulheres heterossexuais como masculino e feminino, respectivamente, assinalando como desviantes qualquer fuga a essa norma.

Para se pensar também na temática sexualidade que apareceu bastante nesse campo, utilizarei, neste trabalho, o conceito de sexualidade de Foucault (1976), que concebeu a sexualidade como uma construção social basicamente criada para submeter o corpo individual ao controle coletivo da sociedade. Para Foucault (1997, p. 100), a sexualidade corresponde a:

[...] um nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a realidade subjacente, sobre a qual se exerceriam controles difíceis, mas uma grande rede de superfície onde a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências se encaixariam uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e poder.

Considerada como algo inerente à vida do ser humano, a sexualidade corresponde a componentes físicos, afetivos e socioculturais. E como elementos sociais e culturais, estes têm se reproduzido de acordo com valores socialmente atribuídos.

Sendo assim, pude compreender, no *Brazil Escola de Futebol*, a vinculação entre identidade de gênero, seja por parte das jogadoras ou dos frequentadores. Ambos relacionam as mulheres que se identificam com o gênero masculino à homossexualidade: “*tem umas assim que a gente vê que é mais masculinas, que são você sabe né?*” (Maycon – frequentador); “*dá pra perceber pelo jeito de andar e vestir que é sapatão*” (Alice).

Os comentários em relação às particularidades e como essas interlocutoras se autorreferenciam eram direcionadas ao comportamento e ao vestuário, respectivamente, de algumas jogadoras. Dentre essas referências, três terminologias bastante específicas estavam sempre presentes. São elas: *Sapatão, Periguete e Mulherzinha*.

Essas autorreferências entre as jogadoras de futebol englobavam os extremos do comportamento e da vestimenta dessas mulheres no campo do *Brazil Escola de Futebol*.

Nesse espaço, identifiquei que alguma jogadora remetia a outra como:

“Mulherzinha” – significava uma mulher vinculada a uma extrema feminilidade, à delicadeza, e roupas que delineiam o corpo:

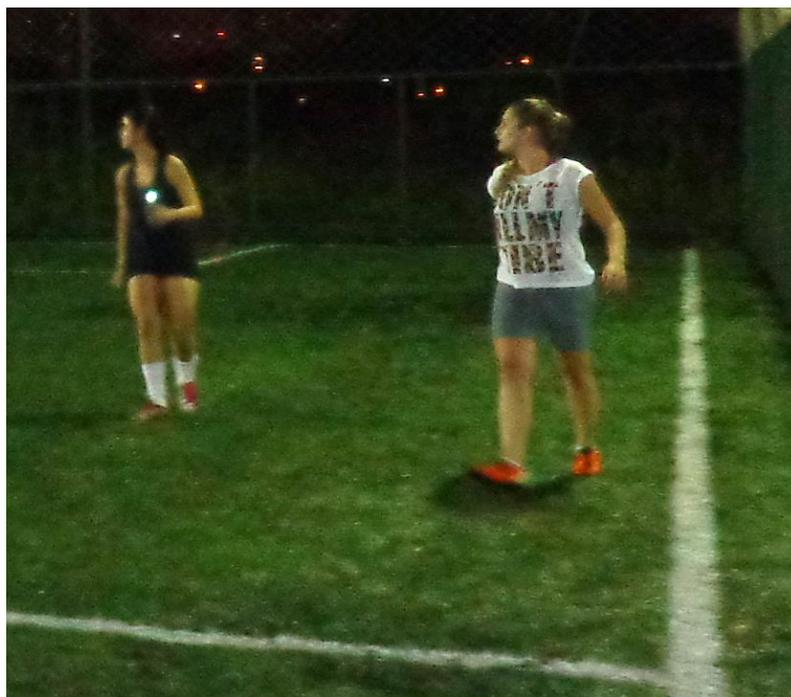


Figura 12 – “Mulherzinhas”. A autoria: Valleria Oliveira

“Perigete” estava ali naquele campo relacionada a uma feminilidade rica na autoprodução, isto é, maquiagens mais fortes, roupas coladas e coloridas e comportamento que exala sensualidade:

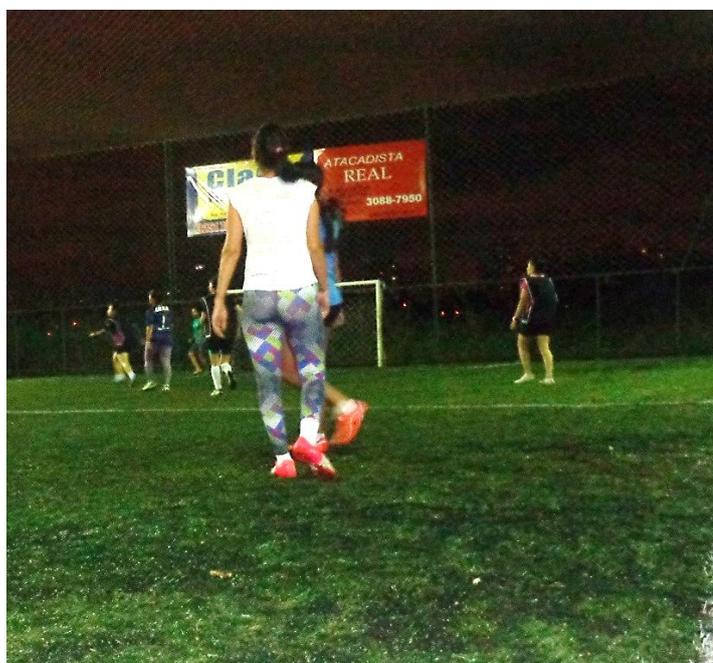


Figura 13 – “Perigete”. A autoria: Valleria Oliveira

“Sapatão” era referente a mulheres masculinas que usavam roupas largas, boné, andado sem rebolado e comportamento mais agressivo. Na foto abaixo, a interlocutora está com um vestuário considerado pelas jogadoras como uma idumentária masculina – bermuda de jogador de futebol:



Imagem 14– “Sapatão”. Aatoria: Valleria Oliveira

Lacombe (2007), em seu artigo *De entendidas a sapatonas*, aponta os significados de demais terminologias que se referem à particularidade de mulheres homossexuais. Para a autora, o termo “Sapatona” – refere-se a características de masculinidade extrema – *butch* (GAYLE RUBIM *apud* LACOMBE, 2007); “*Lesbian masculinity*” – mulheres que performam masculinidade em relações reconhecidas como lésbica; “Femme” – lésbicas femininas – uso de saltos etc.

Segundo Lacombe (2007), os usos politicamente corretos desses termos (lésbicas ou homossexuais femininas) são terminologias que não condizem com a realidade e o cotidiano dessas mulheres.

No *Brazil Escola de Futebol*, não havia referências “formais” ou “politicamente corretas” à orientação sexual ou com relação à identificação de gênero dessas mulheres. A terminologia *sapatão* era utilizada para as “jogadoras

masculinas”; *periguete* e *mulherzinha* para as jogadoras percebidas como femininas.

Embora essas terminologias sejam carregadas de rótulos e, neste campo de pesquisa, tanto as jogadoras quanto os frequentadores vinculem gênero à sexualidade, essas designações são direcionadas a essas mulheres de acordo com o que elas aparentam “ser” – masculinas ou femininas – independente se essas jogadoras são hetero, homo ou bissexuais. Basta essas mulheres corresponderem aos estereótipos de gênero para serem vinculadas a esses rótulos.

4.2 VIRILIDADES E MULHERES

Por que falar em virilidade e não em masculinidade? Após ler o volume 3 da “História da virilidade”, de Jean-Jacques Courtine, pude perceber que essas terminologias não são sinônimas. Segundo o autor:

“Masculino” durante muito tempo foi somente um termo gramatical. Também no século XIX e no início do XX não se exorta os homens a serem “masculinos”, mas “viril”, homens, se dizia, “verdadeiros”... Que o “masculino” tenha vindo a suplantar o “viril” é bem o sinal de que, decididamente, há algo que mudou no império do macho. (COURTINE, 2013, p. 9)

Força, destreza, dominação, desempenho sexual: palavras estas firmemente vinculadas à virilidade pelas expectativas sociais. No período do Império Romano, a história revela o quanto essas palavras faziam parte da construção e dos papéis sociais.

Durante o Império Romano, período de maturidade dos meninos, a formação era referência na preparação desses jovens para a vida adulta. Nesse período, cada garoto era encaminhado ao seu tutor⁶¹ que daria ali iniciação à sua formação, inclusive sexual.

Conta-se que as relações eram constituídas de uma interação em que esses jovens não poderiam se deixar dominar por seus tutores, de modo que, durante essa iniciação, não poderia ocorrer penetração, pois, uma vez que se

⁶¹ Tutores: homens mais velhos responsáveis pela iniciação dos jovens à vida adulta.

permitisse tal ato, esse jovem se colocaria em uma posição de dominado – posição esta pertencente às mulheres.

Essa posição do ser dominado, intitulada como aspecto afeminado, era vista com maus olhos pela sociedade e, a partir dali, aquele jovem era condenado – tinha seu valor diminuído perante a sociedade.

As mulheres eram retratadas como de aspecto frágil, disciplinado, contido, praticamente adestrado, pronta para obedecer os homens e colocar em prática aquilo que sua mãe lhe ensinou: cuidar do lar, ser mãe e uma boa esposa, isto é, servir e obedecer ao marido.

Assim, Courtine (2013, p. 8) define a história da virilidade como:

O conjunto dos papéis sociais e dos sistemas de representações que definem o masculino e também o feminino não podem se reduzir, enquanto tais, senão se a hegemonia viril aparecer pertencendo à ordem natural e inelutável das coisas.

Desse modo, o autor retrata que a história das estruturas da desigualdade, de origem arcaica, mas que perduram e são reforçadas/reproduzidas e que pressupõe a “transformação da história em natureza” refere-se exatamente à terminologia *virilidade* e não *masculinidade*. Courtine (2013) deixa explícito que não se pode confundir a história da virilidade com a história da masculinidade, pois “masculino durante muito tempo foi somente um termo gramatical” de modo que no século XIX e início do século XX não se incentivava os homens a serem masculinos, mas sim viris – “homens de verdade”. (*Ibidem*, p. 9)

Dentro do esporte, atualmente podemos observar como esse modelo de virilidade é vinculado ao bom desempenho das/dos atletas ou amadores, tanto que as mulheres são consideradas como extraordinárias quando se aproximam do desempenho dos homens.

A virilidade foi culturalmente construída e vinculada ao corpo biológico do homem, o qual também tem a força atrelada a esse conceito, assim o esporte segrega aqueles e aquelas que não o possuem, isto é, as mulheres. Pensando na virilidade como uma construção social, como comparar duas pessoas que tiveram as suas experiências direcionadas de formas diferentes? Como comparar o desempenho do jogo de futebol entre meninos e meninas sendo que o primeiro brinquedo dos meninos é uma bola e o de uma menina é uma boneca?

Mesmo as mulheres que praticam futebol, como é o caso das mulheres do campo do *Brazil Escola de Futebol*, estas relatam, em grande maioria, ter iniciado o seu contato com o futebol entre 8 – 10 anos: “*Jogo bola desde os 8 anos de idade. Comecei bem novinha jogando com os meus primos, mas só com 11 anos que fui para uma escolinha de futebol*”. (Lorena)

Em contrapartida, todos os frequentadores relataram que seu contato com o futebol foi desde muito cedo, que sempre jogaram futebol, isto é, não há um marco como das mulheres que lembram a idade em que começaram. *Fábio*, um dos frequentadores do espaço *Brazil Escola de Futebol*, relata que: “*ah, homem joga bola desde muito cedo né. Eu joga bola desde que me entendo por gente*”.

Esse contato com o futebol desde o início da infância se faz perceptível dentro desse campo onde a movimentação e circulação de frequentadores em sua maioria de se dá por homens.



Figura 15 – “Apenas homens”. A autoria: Valleria Oliveira

Essa fotografia foi tirada 30 minutos antes de iniciar um dos nossos jogos. Percebe-se aí apenas a presença de homens, seja fora ou dentro do campo de futebol, de modo que, na maioria dos nossos jogos, o grupo de interlocutoras desta pesquisa eram as únicas mulheres do local, com exceção de duas

mulheres que trabalham na lanchonete desse espaço, sendo raras as presenças de outras mulheres.

Sendo o único grupo de mulheres que aluga o campo para a prática do futebol no *Brazil Escola de Futebol*, é rara a presença de outras mulheres no espaço, mesmo que estejam na “arquibancada”, tendo como presenças fixas apenas duas mulheres na lanchonete. Isso marca que o campo de futebol ainda é um lugar destinado a atores sociais que se apresentam pertencentes ao modelo de virilidade. Sendo frágeis e delicadas, o lugar reservado a elas é a observação e o espaço destinado à cozinha, ao servir – semelhante ao lar.

A foto a seguir retrata a presença de apenas uma mulher nesse local (mulher de blusa branca sorrindo no canto direito da foto). Esta mulher não pertence ao grupo de jogadoras, pois, segundo ela: “*vim ver o meu marido jogar*”.
(Ana)



Figura 16 – “Apenas uma mulher”. Autoria: Valleria Oliveira

O jogador *João*, que não é o marido dessa mulher da foto, diz que o futebol é o momento de lazer, que não gosta de levar a esposa porque ele não ficaria tão à vontade com a presença dela: “*não gosto muito de trazer a minha mulher. É o meu momento de descanso, de descontrair, de tomar a minha cervejinha e conversar com os amigos. Se trago ela, não fico tão a vontade*”.

Mas não pensemos que esse seja um discurso apenas de homens machistas, pois, durante um dos jogos, perguntei à jogadora *Aline* porque a namorada dela não havia ido assistir ao jogo assim como da última vez. Ela me respondeu: “*Uai, Vall, deixei em casa (risos). Já passo o dia todo com ela, mereço uma folga né?*”.

Segundo o proprietário do local, o grupo de mulheres com as quais jogo todas as quintas-feiras é o único grupo de mulheres que joga nesse local.

Ser o único grupo de mulheres que joga futebol nesse lugar, enquanto que as demais frequentadoras são esposas ou trabalhadoras da lanchonete, me faz refletir o quanto ainda é latente o pertencimento e o lugar dessas mulheres no âmbito do futebol como lazer.

A fala da *Aline* se aproxima do relato do *João*, uma vez que ambos declararam que as esposas/ namoradas não estão presentes porque é um espaço onde é destinado a jogadoras/ jogadores que assumem tal postura, e não de suas mulheres que não pertencem àquele lugar.

Não precisamos nos esforçar muito para reconhecer essa separação. Basta ir a uma loja de brinquedos que verá duas sessões: sessão dos meninos e sessão das meninas. A sessão das meninas é carregada de brinquedos destinados à reprodução da maternidade, do trabalho doméstico e da feminilidade – bonecas, fogãozinho e tábua de passar, kits de maquiagem.

Já a sessão dos meninos está repleta de brinquedos que investem na coragem, violência e força. Brinquedos estes que simulam materiais de guerra, lutas, esportes e um que reproduz objeto de cobiça e desejo nessa guerra de quem são mais viris e conquista mais mulheres: o carro. Tenho uma amiga que diz que “homem que tem carro grande tem pinto pequeno⁶², isso serve para compensar a sua falta de virilidade”. Embora a virilidade seja uma construção

⁶² Em algumas culturas, o senso comum associa a virilidade ao tamanho do pênis.

social e não depender da anatomia humana, o senso comum faz essa aproximação entre a biologia e a virilidade.

Ao me deparar com esse comentário, lembro-me de Bourdieu (*apud* HAROCHE, 2013, p. 32): “dominação masculina constitui um ‘privilégio’, mas também uma ‘armadilha’”. Assim como as mulheres são reféns de uma subordinação e repressão devido às construções sócio-históricas que vinculam essa submissão à sua suposta biologia frágil e delicada, os homens também são perseguidos pelas expectativas sociais que representam a virilidade que precisa ser reafirmada o tempo todo.

Durante uma das partidas em que jogamos homens e mulheres juntos, um dos homens que estava jogando conosco se queixou de um dos seus companheiros de time lembrando-lhe qual é o “papel” de homem – isto é, um sujeito que deveria jogar com uma postura mais viril, força e agilidade: “*Poxa cara, bora jogar direito. Bora jogar que nem homem*”.

A formação social e normativa dos sujeitos, segundo Baubérot (2013, p. 211), como o instrumento de socialização – o brinquedo, tende a “naturalizar os atributos viris da masculinidade”, isto é, a interiorização do hábito viril dos meninos e a maternidade e trabalho doméstico nas meninas.

Nesse processo de desenvolvimento infantil, o autor traz a contribuição de um pediatra, Dr. Spock, autor do livro *Crianças e pais de hoje*, de 1974. Apoiado na psicanálise freudiana e em suas posições feministas, Dr. Spock reafirma que “o pai que se recusa a participar de trabalhos domésticos ou de dar uma boneca a seu filho não faz senão transmitir-lhe seu mal-estar e seu medo de não ser considerado um homem” (BAUBÉROT, 2013, p. 209).

Além da dissociação entre brinquedos, a vestimenta, especialmente a cor desta, reflete essa distinção que se faz entre meninos e meninas. Durante a observação participante desta pesquisa, percebi como as cores das roupas são associadas especialmente ao feminino. Embora atualmente existam alguns uniformes de futebol e chuteiras da cor rosa, a exemplo do jogador da seleção brasileira, Neymar, que utilizava uma chuteira dessa cor durante os seus jogos, no *Brazil Escola de Futebol* não havia homens com roupas dessa cor. Apenas algumas jogadoras utilizavam roupas estampadas, floridas e da cor rosa.

Segundo Arend (2012, p. 71), “foi nos Estados Unidos da década de 1940 onde primeiro ocorreu a associação da cor azul ao masculino e da rosa ao

feminino, sobretudo nas roupas para os bebês”. Para além de um simples marcador social, segundo o autor, essas distinções entre as cores “de menino” e “de menina” também são fruto de um mercado competitivo. Basta olharmos nas fotos de antigamente (embora fossem em preto e branco) as roupas usadas por homens e mulheres, eram sempre de cores claras ou pretas, e não havia separação das cores para homens ou mulheres.

Atualmente pode-se observar nas ruas homens usando roupas de cor rosa (no máximo camisas e camisetas) e mulheres de verde ou azul. Entretanto, durante a fase infantil, essas inversões de cores e papéis são tidas como desvios e incentivos à masculinização das meninas e feminilização dos meninos, assim como as brincadeiras de futebol para as meninas e bonecas para meninos.

Para Bard (2013, p. 128), “impulso da igualdade entre os sexos que marcou o século XX não se faz sem um profundo questionamento da virilidade. Aos olhos das feministas, a virilidade expressa a dominação masculina”. Essa dominação masculina para as feministas também é chamada de masculinismo, patriarcado e virilismo.

Em alguns jogos no *Brazil Escola de Futebol*, notei que a jogadora *Vanessa* usa termos da linguagem no masculino para generalizar e se referir às jogadoras, mesmo quando há apenas mulheres em campo: “*ou, deu time já. Somos seis jogadores de cada lado*”.

Outra fala da jogadora também me chamou bastante a atenção. Ao pedir para uma jogadora do seu time marcar uma jogadora adversária: “*Ludmila, marca o cara lá. Toda hora passa aqui livre*”.

Essa referência a uma mulher com termos masculinos da língua portuguesa me fez pensar no uso do masculino para generalizar na nossa língua. No caso da *Vanessa*, o uso de termos masculinos em sua linguagem refere-se à generalização da língua portuguesa ou estaria relacionado à sua identificação com o gênero masculino no questionário socioeconômico?

As falas da *Vanessa*, durante os jogos, refletem o processo sociocultural da linguagem. Em contrapartida, já podemos observar avanços no que diz respeito às políticas públicas de gênero e sexualidade.

Dentro de seus objetivos e metas, o Plano Nacional de Educação traz para o Ensino Fundamental a necessidade da avaliação do livro didático:

Manter e consolidar o programa de avaliação do livro didático criado pelo Ministério de Educação, estabelecendo entre seus critérios a adequada abordagem das questões de gênero e etnia e a eliminação de textos discriminatórios ou que reproduzam estereótipos acerca do papel da mulher, do negro e do índio. (BRASIL, 2001, p. 51)

Assim, ao retratar as questões discriminatórias relacionadas ao gênero, outro ponto importante a ser mencionado com relação à revisão dos livros didáticos seria o uso da escrita ao generalizar ideias relacionando a sociedade na qual as palavras são empregadas no gênero masculino.

Desse modo, para Vianna e Unbehaum (2004, p. 34):

Tal androcentrismo não pode (nem deve) ser aceito como inquestionável ou como mera questão de norma linguística. Isso porque o uso do masculino genérico nas premissas que discutem direitos e organização do sistema educacional brasileiro dá margem para ocultar as desigualdades de gênero.

Os avanços e conquistas das mulheres, ao longo da história, vão de encontro com as questões da virilidade dos homens – um mal-estar na dominação dos homens brancos da civilização. Ora, se as mulheres se emanciparam e saíram do estado de submissão em relação aos homens, podemos dizer que a virilidade dos homens (dominação, força e poder) está em declínio? Para Courtine (2013), foi em meados do século XX que se percebeu a maior crise na identidade e na imagem deste homem.

A crise parte de uma ruptura ou reinvenção das normas e padrões instaurados na sociedade. A partir do momento em que há mudanças, o movimento em prol da unificação e fixação das normas aparece como problemática, desvio e anormalidade.

Para Mercer (1990 *apud* HALL, 2011, p. 9), “a identidade somente se torna uma questão quando estão em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado, pela experiência da dúvida e da incerteza”.

A “crise de identidade”, para Hall (2011), é vista como parte do processo de mudança que abala as referências que davam estabilidade para o indivíduo na sociedade.

O abalo das estruturas parte de uma não sujeição ao modelo regente e sólido. Para Hall (2011), essas transformações também estão mudando nossas

identidades pessoais, “abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados” em que essa transformação e perda do “sentido de si”, estável e fixo, é chamada de descentração do sujeito.

Passei a vida toda escutando que jogar futebol, jogar beto e soltar pipa na rua era coisa de menino, entretanto, tudo se amenizava quando eu usava uma saia ou um vestido. Ou seja, eu podia até brincar com coisas “de menino” desde que eu ainda fosse uma “menina”. Eu poderia até jogar bola na rua com o meu pai e os meus primos, mas soltar pipa na rua junto com a “molecada” já era demais. Mas meu primo poderia erguer a pipa para mim e jogar o rolo de linha por cima do muro para que eu brincasse dentro de casa, isto é, não poderia ultrapassar os moldes socialmente aceitos.

Soltar pipa “escondida”, resguardada pelos muros da minha casa, esse era um acordo estabelecido para que eu pudesse praticar essa brincadeira de “meninos”. Vê-se aí como é forte essa relação entre o permitido e o não permitido. E, no meu caso, essas fronteiras não eram apenas simbólicas, regidas por preconceitos e estereótipos, mas também físicas, pois eu poderia soltar pipa desde que fosse no cerne do lar – “lugar” de meninas.

Quando uma menina se identifica com objetos e brincadeiras “de menino” e vice-versa, abala-se a estrutura e as expectativas de uma sociedade que molda cada sujeito para cumprir um papel naquela sociedade. A partir dessas estruturas, as identidades são vinculadas ao grupo que aquela/ aquele sujeito pertence, seja ele relacionado ao sexo, idade, raça, gênero, orientação sexual e classe social.

Essas nuances que trazem a identidade, ou melhor dizendo, a identificação como construções/reproduções/reinvenções em constante transformação parte de uma concepção pós-moderna. Assim, a partir das definições de Hall (2011, p. 9), considero importante apresentar os conceitos que envolvem as concepções de identidade. Segundo o autor, são três concepções que partem da identidade do sujeito: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

Para Hall (2011), o “sujeito do iluminismo” é centrado no indivíduo unificado, “dotado das capacidades de razão, de consciência e ação”, isto é, uma concepção muito individualista do sujeito que nasceria e permaneceria com sua

essência ao longo da vida – contínuo ou “idêntico”. Esse sujeito era descrito também como masculino.

Já o “sujeito sociológico” tem como formação a relação e a interação com o outro. Nessa concepção, o sujeito não era autônomo e autor de suas ações, mas sim um sujeito unificado e previsível formado através dos “valores, sentidos e símbolos” – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. Entretanto, Hall (2011, p. 13) aponta que “argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão mudando”.

Para Hall (2001, p. 13) “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias”.

A problemática surge justamente quando há a fuga dos padrões socialmente aceitos. O fato de ser uma mulher _ que usa chuteiras, calça larga e faz uso demasiado de sua força _ vem para abalar as estruturas de um dado socialmente construído que designa as mulheres como delicadas e frágeis devido a sua estrutura corporal.

Ainda segundo Hall (2011), “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. Conforme o autor:

Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2011, p. 13)

Essa possibilidade e multiplicidade de identidades, bem como a ruptura com as estruturas e deslocamento das normas, são características do “sujeito pós-moderno” – identidades não-fixas; mudança.

Os grupos de mulheres jogadoras de futebol desta pesquisa trazem o quanto essas identidades são transitórias e não-fixas – cujo gênero se dá através do ato performático. Isso porque o grupo de mulheres do *Bar do Waldo* e algumas mulheres do *Brazil Escola de Futebol*, por exemplo, não compactuam com o ideal de mulher delicada e frágil.

A relação dessas mulheres que não seguem o padrão de feminilidade com o corpo feminino também cai por terra. Como as mulheres que se identificam

com o gênero masculino não estão preocupadas com o padrão feminino, estas cobrem suas curvas com roupas largas, descaracterizando assim a sua relação com o ideal de femininidade destinado a uma mulher.

Camiseta larga, cabelos curtos ou totalmente amarrados⁶³, bermudas largas, tênis vinculados à moda masculina: este é o perfil das jogadoras do campo do *Bar do Waldo* e algumas das jogadoras do *Brazil Escola de Futebol* que relataram se identificar com o gênero masculino: “*Me sinto masculina [...], no jeito de vestir, de andar. Uso boné, bermudão, camiseta. Gosto de roupa e sapato masculino*” (*Vanessa – Brazil Escola de Futebol*). *Vanessa* diz gostar de usar roupas que compõem a moda masculina.

Quando indagado às jogadoras do *Brazil Escola de Futebol* se sofrem ou já sofreram preconceito por jogar futebol, grande maioria que respondeu diz “se sentir feminina”, afirmando não ter sofrido ou sofrer preconceito. Em contrapartida, aquela que se diz não pertencer a nenhum padrão de gênero e aquelas que disseram ser masculinas relatam ter sofrido preconceito por jogar futebol e devido a sua identidade de gênero: “*Claro né.. (risos). Geralmente eles falam que é sapatão, futebol não é pra mulher, futebol é coisa de homem, esse tipo de coisa*” (*Fabiana*).

Elen relata o preconceito velado e vivido por ela durante os primeiros anos de escola devido ao seu gênero ser vinculado ao masculino:

Eu estudava em uma escola extremamente religiosa, e aí eu via um movimento muito grande da escola, já que meus pais não davam muita corda para mi mi de escola, então, o que a escola fazia? Pega as meninas que estava em volta, chamava os pais de namorada minha, até amiga mesmo se começava a andar muito junto, levava para a capela para conversar e tentar afastar.

Quanto mais se aproxima dos padrões estabelecidos dentro de uma determinada sociedade, o sujeito é passível de mais aceitação e menos punição. Segundo Butler (2003, p. 199), “os gêneros distintos são parte do que ‘humaniza’ os indivíduos na cultura contemporânea; de fato, habitualmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero”.

⁶³ Diferentemente do “rabo de cavalo” – cabelo preso no alto da cabeça, com os fios soltos. Cabelo totalmente preso se assimila ao corte masculino: nuca à mostra.

Essas relações de aceitação e punição penalizam aquele e aquela que vão de encontro com as normas e reinventam/reelaboram sua identidade que lhe foi dada ao nascer.

Para Bard (2013), essas fugas da norma e virilidade das mulheres transformam a palavra “sexo” para politicamente incorreta. Segundo a autora:

A virilização das mulheres é um de seus espantalhos mais eficazes. Ela resiste ao tempo e intimida aquelas ou aqueles que não querem abalar as normas de gênero. Sem dúvida, porque o “mau gênero” evoca o estigma de homossexual. (BARD, 2013, p. 140)

Assim, a sociedade tende a atribuir valores negativos e vincular o que eu vou chamar aqui de *ressignificação*⁶⁴ de gênero à homossexualidade, pois aqueles que fogem à heteronormatividade são marginalizados – isto é, homens femininos e mulheres masculinas.

O que pude perceber nesse campo de futebol foi que as mulheres que são percebidas como pertencentes ao modelo masculino, sejam elas homossexuais ou heterossexuais, sofreram/sofrem preconceito por *ressignificar* e não vincular a sua identidade de gênero ao modelo heteronormativo.

Entretanto, aquelas que se identificam com o gênero feminino relatam que o preconceito para com elas, como jogadoras de futebol, é amenizado, visto atenderem às expectativas sociais destinadas às mulheres:

Nunca tive problemas porque jogo futebol. Às vezes um fala aqui e outro ali que futebol é coisa de homem, mas sou mulher, me visto como uma mulher. Sou gatinha né, fazem é mexer comigo (risos). (Luana)

Segundo Devide (2005, p. 33), na Inglaterra, as práticas esportistas eram relacionadas ao hábito dos homens e rotulava como desviantes, afeminados, ou homossexuais aqueles que não se engajam ou não se identificam com o esporte, assim como desencorajando e rotulando de masculinas ou lésbicas aquelas mulheres que se envolvem com o esporte.

⁶⁴ Reelaboração da forma convencional de vestimenta designada ao feminino. Redefinir o seu gênero e dar um novo significado à sua identificação de gênero o qual ela afirma pertencer.

O porte físico atlético, associado como desvio sexual, questiona as mulheres quanto a sua feminilidade, pois, ao assumirem uma postura competitiva, de combate, em busca da vitória, são apontadas como desviantes devido a esses “valores” serem pouco ou quase nada associados às mulheres (DEVIDE, 2005, p. 43).

Isso se torna bastante perceptível quando eu, ao adentrar no campo do *Bar do Waldo*, me assustei com o jeito agressivo e duro dessas mulheres se colocarem dentro do jogo e as vinculei ao gênero masculino devido às suas vestimentas, falas e comportamento.

Quando indagado a *Elen* se o ciclo de amizades dela referia-se a mulheres do gênero masculino ou do gênero feminino, a jogadora relata que:

É mais fácil entrar no grupo das meninas femininas do que no outro, porque acredito que seja questão da agressividade, não sei. Pode até parecer simplista o que eu vou falar, mas parece ser questão de territorialidade, como se eu fosse disputar algo ali com elas. Os grupos das masculinas são muito fechados, não tem muita abertura, e às vezes fico pensando que pode ser por defesa, como se fosse gangue, acho que é um público, embora eu seja masculina e não participe de grupos, são grupos completamente marginalizados, então cabe a elas também a ficar mais na defensiva. (Elen)

A partir dessa fala e também com a convivência com essa jogadora, fiquei pensando no quanto as “mulheres masculinas” sofrem por aparentarem pertencer a um grupo tão marginalizado e que talvez essa reação mais violenta e agressiva possa, sim, ser um mecanismo de defesa. Isso porque, ao conviver e entrevistar a jogadora Elen, vi ali uma mulher muito sensível ao sofrimento das demais mulheres que passavam pela mesma discriminação que ela, nada agressiva, mas muito gentil.

Ao nos aproximarmos da sala onde realizaríamos a entrevista, Elen abriu a porta para que eu entrasse primeiro e, ao perceber que não havia cadeira para nós duas, prontificou-se em buscar outra.

Vi ali um comportamento tipicamente tradicional e estereotipado do homem frente a uma mulher. Isto é, ela estava agindo como um cavalheiro: abrindo a porta e prontamente oferecendo uma cadeira para mim. Ela não estaria

reproduzindo a performance tradicional destinada aos homens heterossexuais masculinos?

Para Butler (2003, p. 200):

[...] a *performance* é realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária – um objetivo que não pode ser atribuído a um sujeito, devendo, ao invés disso, ser compreendido como fundador e consolidador do sujeito.

Assim a autora afirma que, se o fato de o gênero for instituído mediante a “performances sociais contínuas”, as noções de gênero essencialista, de feminino e masculino também são construídas. Sendo assim, a *Elen* estaria ressignificando o gênero que lhe fora imposto ao nascer, ou apenas deixou de performatizar o gênero feminino e passou a reproduzir o gênero masculino?

Pude compreender, nesta pesquisa, que as identidades de gênero são fuidas e que se dão através do ato performativo que, em alguma medida, transita e reproduz os modelos de gênero: masculino e feminino.

Segundo Bard (2013, p. 141):

Em todas as épocas, as mulheres adotaram um gênero masculino, chegando às vezes até mesmo a assumir a identidade masculina, o que lhes permite se casar, obter trabalho, ganhos mais importantes.

A autora ainda completa que: “elas são, sem dúvida, mais bem compreendidas do que os homens que fazem a trajetória inversa, para uma posição dominada e fortemente sexualizada” (*Ibidem*, p. 141). Ou seja, em uma sociedade sexista, é tão ruim ser mulher que, se uma mulher quiser ser homem, até é aceitável, mas um homem querer ser uma mulher é inadmissível.

Tratando-se de práticas corporais⁶⁵, quanto às mulheres que jogam futebol e *ressignificam* o gênero o qual pertencem, percebi em minha vida como atleta, estudante de Educação Física e ainda como pesquisadora o quanto essas mulheres sofrem preconceitos de forma mais velada do que com relação aos homens que *ressignificam* o seu gênero dentro de uma prática corporal como a dança.

⁶⁵ Segundo o livro *Metodologia do ensino de Educação Física / Coletivo de autores* (1992), as práticas corporais estão relacionadas aos jogos, brincadeiras, lutas e esporte.

Durante o meu curso de graduação em Educação Física, tive várias colegas que jogavam futebol e que, de alguma forma, representavam o gênero masculino, e um colega bailarino. A intensidade das piadas, das “brincadeiras” e do preconceito com relação ao bailarino era espantosamente maior se comparada às mulheres, cujas piadas e preconceito vinham de forma mais “amena” e menos agressiva. Ao contrário das piadas realizadas para com o bailarino, os homens faziam questão de jogar futebol com essas mulheres.

Segundo Bard (2013, p. 142), “o olhar social sobre essas mulheres é ambivalente: o desempenho viril é geralmente admirado, principalmente quando ela se inscreve num jogo (esporte)”.

Durante a pesquisa de campo, percebi que as relações de amizade, de brincadeiras, de curtição, sejam com relação ao jogo, aos frequentadores (as) ou às próprias jogadoras, estão sempre presentes.

As piadas permitidas em tons de brincadeiras no *Brazil Escola de Futebol* estão relacionadas com mais frequência a jogadas mal executadas, aos dribles e jogadas que as mulheres realizam contra os homens, identidades de gênero, e à orientação sexual: “Nossa, Fabiana, hoje você está jogando igual a uma mulherzinha hein? Ah, é mesmo, (risos), esqueci que você era uma” (Diana referindo-se à Fabiana como se ela não costumasse parecer uma *mulherzinha*).

Essa relação da virilização das mulheres no espaço *Brazil Escola de Futebol* é vinculada à homossexualidade. Entretanto, segundo Weeks (2007, p. 72), “não existe nenhuma conexão necessária entre comportamento e identidade sexual”.

Ao iniciar uma das partidas, *Diana* mostra, em ato de brincadeira, o quanto seu bíceps braquial⁶⁶ era mais avantajado para intimidar as suas adversárias. Assim que ocorreu esse ato, *Luana*, pertencente ao time adversário, dirige-se a *Diana* dizendo: “Você é a hetero mais sapatão que eu já vi”.

Ao apontar *Diana* como a “hetero mais sapatão”, *Luana* vincula o comportamento “masculino” e a estrutura corporal de *Diana* como sendo o de uma mulher homossexual por se aproximar do gênero masculino.

Logo a *Fabiana* (amiga próxima de Diana) a “defende” rebatendo: “tadinha, não fala assim dela, ela não é sapatão”.

⁶⁶ Músculo de duas cabeças localizado na parte frontal do braço.

“Tadinha”? A homossexualidade, especialmente vinculada à “transgressão” de gênero, é tão marginalizada que a jogadora *Fabiana* que se define como homossexual foi em defesa de sua colega que fora chamada de sapatão.

Dentro dessas categorias nativas utilizadas ao se referirem às suas companheiras de jogo: *mulherzinha*, *periguete* e *sapatão*, percebi que a última então referida possuía uma conotação mais pejorativa e negativamente assimilada pelas jogadoras.

Assim, podemos dizer que a recusa da feminilidade não significa ser homossexual, assim como a identificação com o feminino não significa ser heterossexual.

Lacombe (2007, p. 215) explica a importância de desvincular a masculinidade do corpo biológico do homem:

O fato de explicitar a possibilidade de uma *masculinidade de mulheres* implica previamente desconsiderar a masculinidade como incindível da estrutura biológica do homem e desenhá-la como uma ficção que se constrói performática e socialmente.

Desse modo, as subjetividades dos indivíduos estão inseridas em um contexto social e não regem por si só, pois são frutos da experiência, da vivência cultural que, ao longo da constituição do ser, são adotadas como identidades.

Determinadas culturas podem limitar as experiências e privar os sujeitos de vivenciarem as possibilidades de uma construção desalienada que a vida pode lhes proporcionar. Para Vance (1995), a cultura é responsável pelo encorajamento e desencorajamento da expressão dos atos, atitudes e relacionamentos sexuais genéricos, ou seja, também responsável pelos preconceitos e rótulos que preconizam uma identidade imposta pelo olhar do outro.

Essa marginalização da virilidade das mulheres advém da patologização da homossexualidade. Segundo Bard (2013, p. 144-145):

A virilidade de algumas mulheres não escapa à psiquiatria da virada do século XX, que se interessa muito pelo gênero. É pela categoria da inversão que ela será agora pensada: inversão do desejo, que se volta para as mulheres, inversão física, com a presença de características sexuais secundárias masculinas, e inversão psicológica, observável no temperamento ativo.

A patologização desses sujeitos aproximou a concepção de anormalidade ao da homossexualidade e conseqüentemente àqueles/ àquelas que fossem percebidos como tal. As homossexuais femininas não são condenadas à patologia ou ao preconceito até que se descubra que não são heterossexuais.

Como já vimos neste trabalho, masculinidade não é sinônimo de virilidade. Entretanto, ao observar o grupo das mulheres do *Bar do Waldo*, percebi que, para além das masculinidades postas nesse campo, a exacerbação da virilidade também se fez presente.

Aquelas que mais se mostravam identificar-se com o gênero masculino tinham em si um quê de virilidade. A agressividade, o uso demasiado da força, a imposição de superioridade devido a sua força e estrutura corporal estavam presentes nesse campo. Quando relato o meu espanto de vincular as mulheres masculinas à agressividade, advém da experiência do jogo no espaço do *Bar do Waldo* e em demais locais com outras mulheres com o perfil semelhante a esse espaço.

O falar alto e grosso, maneira de andar jogando os braços e com as pernas um pouco abertas, as vestimentas largas, as trombadas e a imposição da presença durante os jogos para causar “medo” nas adversárias fazem parte do jogo de dominação – construção social arcaica que representa a virilidade - e são características das mulheres do *Bar do Waldo*.

Uma das garotas chegou do campo do *Bar do Waldo* com uma camisa do UFC⁶⁷ sem manga e larga, cabelo curto, bermuda larga, tênis de skatista e andando jogando os braços e com as pernas um pouco abertas, sem rebolado, já dizendo com uma voz alta e rouca: *e aí, essa porra não vai começar?*

Eu e as meninas do “meu time” olhamos uma para outra com uma cara de *“agora fudeu, vamos apanhar aqui”* e logo o jogo delas de intimidar o time adversário deu certo. Mesmo cientes do que julgaríamos estar por vir, não fugimos do jogo – quem é viciado em futebol sabe do que eu estou falando – até

⁶⁷ Ultimate Fighting Championship.

brincar bobinho⁶⁸ já está valendo, pois o importante mesmo é jogar bola, independente se é em um grande campo gramado ou em um campinho de terra.

A marginalização e a rotulação dessas mulheres tidas como masculinas se fizeram presentes durante a entrevista da *Elen*. Quando falávamos sobre o ciclo de amizade com mulheres femininas ou masculinas, a jogadora *Elen* relatou que o fato de ela andar/sair/conviver com as mulheres que se identificam com o gênero feminino gerava estranhamento das demais pessoas.

Um dia fui ao The Pub⁶⁹ com as meninas e quando cheguei lá todo mundo meio que olhava achando estranho eu estar ali no meio tanto de menininha e eu me senti meio fora do lugar ali, não me senti em casa. Mas engraçado que quando teve uma premiação de um campeonato de futsal feminino que foi ali no Feirão do Chopp⁷⁰ já foi ao contrário. Cheguei lá com aquele tanto de menininha bonitinha e tal e todos me olharam, mas com um olhar de admiração. Me senti a rainha da mulherada ali (risos).

Entretanto, *Elen* fala do estranhamento das mulheres femininas que estavam com ela em relação ao ambiente e às frequentadoras do *Feirão do Chopp*.

4.3 O FUTEBOL NOS UNE, MAS A CLASSE NOS SEPARA⁷¹

Durante a realização das entrevistas e de conversas informais com as interlocutoras, problemáticas relacionadas à divisão de grupos de jogadoras, preconizadas pela classe social, surgiram à medida que situações de preconceito eram relatadas.

Elen conta que, tempos depois dessa premiação no *Feirão do Chopp*, uma mulher foi assassinada nesse local. Em uma conversa com suas amigas que seguem o padrão feminino sobre o assassinato dessa mulher, *Elen* relata que:

⁶⁸ Brincadeira com a bola a partir de três pessoas onde uma das pessoas seria o bobinho – tentaria pegar a bola, e os demais o fariam correr atrás da bola sem que ele conseguisse alcançá-la, ou seja, fazê-lo de bobo.

⁶⁹ Casa noturna da cidade de Goiânia cujo público é elitizado e, em sua maioria, gays.

⁷⁰ Segundo a jogadora *Elen*, este é um bar frequentado por mulheres homossexuais, em sua maioria masculinas, situado em uma região marginalizada de Goiânia, o Setor Aeroviário.

⁷¹ Subtítulo inspirado na leitura da seguinte obra: TOLEDO, Cecília. **Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide**. São Paulo: Sundermann, 2008.

Cara, assim, por mais que eu me sentisse à vontade neste local onde as mulheres se vestiam como eu e tal, tem um lance meio agressivo ali. Não sei se é porque é por conta do lugar e tal, mas parece que sempre dá briga ali. Sabe daquela história da menina que foi morta lá? Então, um dia eu tava falando com as meninas e aí elas falaram: também, é doida de ir num lugar daquele. Difícil isso, mas...

Dentro desse contexto, observei outro marcador social para além do gênero e da sexualidade, o de classe. Isso se faz presente também na fala da *Elen*, quando diz que o preconceito para com ela era velado por fazer parte da classe média:

Meu pai é desembargador, minha mãe assistente social. Acredito que por eu pertencer a uma classe social melhor assim, com estrutura familiar, tem uma certa relevância assim. Nunca sofri preconceito falado direto pra mim ou em forma de violência.

Em uma conversa informal com a *Amanda*, ela me relatou que, dentro dos próprios grupos de mulheres homossexuais, há preconceitos no grupo das femininas com relação às masculinas. Segundo ela, referem-se às masculinas como *caminhoneiras* ou de *pé de Toddy*, relacionando as homossexuais “mal arrumadas” ou aos lugares designados como bares, boates de periferia: “*lugar que dá mais povão, assim*”.

Isso representa o processo de hierarquização e subalternização não apenas dentro da classe dominante para com os subalternos, mas também por aqueles que são marcados.

Nessa relação entre opressor e oprimido, Hooks (1984, p. 16) traz, em uma relação entre sexismo e raça, o fato de a mulher branca ora oprimir pela raça, ora ser oprimida pelo sexismo.

Isto é, aqueles que dominam e produzem a desigualdade também são reféns desses constructos sociais. A exemplo de uma sociedade patriarcal e racista, os homens são os dominantes em relação às mulheres, em contrapartida os homens negros também são sujeitos alvos da dominação. Ao mesmo tempo que eles oprimem por pertencerem ao sexo masculino, eles também são oprimidos pelo marcador social racial.

Segundo a *Elen*:

Acredito que por eu pertencer a uma classe econômica melhor, com pais que estudaram e tal, isso é de certa forma abafado, né, porque tipo: “ela é sapatão mas tem mestrado, trabalho”, como se isso amenizasse a minha situação. Ainda bem que não sou negra e pobre né.. (risos) se não, eu estava fudida”. (Elen)

Esse relato da *Elen* me faz lembrar o que Spivak (2010) traz em: “Pode o subalterno falar?” Ao falar de subalternidades, a autora aponta que “evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras”. (SPIVAK, 2010, p. 85).

Para além do gênero, outros marcadores sociais como classe e raça também fazem parte de “critérios” de aceitação social. São marcadores dentro de marcadores que agregam valores inferiores de acordo com as normas. São condicionantes que aprovam e desaprovam à medida do pertencimento que o sujeito se revela.

A *Elen* completa dizendo que:

Já na graduação, eu fazia um curso extremamente elitista (nutrição) e havia pessoas que não falava comigo ali e eu tinha a impressão que era justamente por eu ser assim. No primeiro dia eu cheguei de tênis de skatista, calça de skatista, camiseta e boné em uma sala com 39 meninas e 1 menino, e eu me aproximei desse menino. Demorei a fazer amizade naquela sala.

Classe e raça são marcadores sociais que imperam na classificação e até na separação das mulheres. Entretanto, no espaço *Brazil Escola de Futebol*, não há nenhum tipo de “brincadeira” ou comentário em relação à raça/cor das jogadoras. Não houve preconceitos nem de forma velada, até onde presenciei, com relação à raça, pois no grupo há mulheres negras, “pardas” e não há distinção entre elas com relação à cor, nem com relação à classe.

Essas mulheres que, em sua maioria, pertencem à classe média baixa e classe média não frequentam o *Feirão do Chopp*. Percebe-se um certo preconceito e distanciamento desses lugares tido como periferias nas falas das jogadoras, especialmente quando foi citado sobre a menina que foi esfaqueada no *Feirão do Chopp*, e uma das jogadoras diz: “*mas também né, queria o que lá?*”.

É difícil assumir, mas, como jogadora, tive a experiência de recusar alguns convites para jogar em lugares marcados como *quebradeira* – ou seja, espaços que nós, jogadoras, intitulamos como lugares onde os jogos são mais

agressivos, passíveis de acontecerem brigas ou sermos machucadas devido à violência com que as mulheres desses lugares jogam, a exemplo do *Bar do Waldo*. Como jogadora, jamais voltaria naqueles jogos ou procuraria aquele espaço para retomar os encontros, assim como fiz enquanto antropóloga.

Embora também frequentado por mulheres, o campo de futebol ainda é designado como um lugar predominantemente masculino devido às construções simbólicas que reproduzem, nesse lugar, comportamentos ligados à força, contato, destreza, suor e o discurso: “*coisa de macho*”. Há uma contradição entre as praticantes de futebol, pois aquelas que fazem uso demasiado da força são consideradas brutas, masculinas. Entretanto, aquelas que não seguem essa linha são rotuladas e apontadas como – fora do lugar.

Ludmila é bailarina há 15 anos. Durante um dos jogos, ao tentar pegar a bola que estava no alto, ela utilizou as pernas estendendo-a na altura de sua cabeça e, devido ao seu bom alongamento de bailarina, logo foi motivo de chacota: “*O que foi isso bailarina? (Risos) Volta para o balé. Agorinha você vai começar a fazer pliê*⁷² *(Risos)*”. Isso causou muita risada entre as jogadoras, inclusive da própria “bailarina”.

O fato de *ser* e ter as características de uma bailarina, no caso da *Ludmila*, fez com que as jogadoras não a identificassem como uma jogadora de futebol e a mandassem voltar para o “lugar” dela.

Já me mandaram voltar para o “meu lugar”, quando errei um gol: *vai subir no pano*⁷³, *Vallzinha, porque fazer gol tá difícil*. Não me senti fora do lugar devido a esse comentário, apenas chateada por ter errado o gol – ninguém merece perder um gol “na cara do gol”.

Assim, embora eu e *Ludmila* nos sentíssemos pertencentes a esse lugar onde se pratica o futebol como lazer, as demais jogadoras faziam chacotas para nos lembrar que não estávamos desempenhando o papel esperado daquele lugar e que, portanto, deveríamos voltar às atividades destinadas a nós como se não fôssemos aptas à prática do futebol.

Ou seja, assim como as outras estruturas e instituições sociais reproduzem a existência de laços entre o agressivo e o masculino, e o delicado

⁷² Um dos passos mais famosos do balé.

⁷³ Tecido acrobático chamado de pano pelas meninas para me provocar, pois sabiam que “pano” não é o nome verdadeiro.

e o feminino, na *Escola Brazil de Futebol*, esse contexto também é assimilado pelas jogadoras. A bailarina seria a *mulherzinha* e a jogadora que faz uso demasiado da virilidade é a *sapatão* – reprodução do ideal masculino.

Nas palavras de Lacombe (2007, p. 223):

Pensar em mulheres masculinas não implica necessariamente aplicar uma “inversão” dos papéis genéricos; significa uma volta do parafuso: estabelecer modos alternativos de masculinidades que não estejam necessariamente inscritos em um corpo social e biológico de homem ou, de outro lado, modos de ser que não correspondam àqueles estipulados como papéis femininos.

Assim, a autora coloca a importância de se desvincular os gêneros da genitália – isto é, desvincular a mulher do feminino e o homem do masculino.

4.4 DE COMPANHEIRAS DE JOGO A CORPOS DESEJÁVEIS: HOMENS E MULHERES QUE DIVIDEM O MESMO ESPAÇO

No *Brazil Escola de Futebol*, para além da sociabilidade entre as jogadoras, percebi essa relação também entre as interlocutoras desta pesquisa e os frequentadores que dividiam o mesmo jogo com elas. Para além do mesmo espaço, homens e mulheres, aqui, dividem também o mesmo jogo.

No mês de março/2013, ficamos duas semanas sem jogar nesse campo, pois estavam acontecendo os *Jogos Universitários do Centro-Oeste* e grande parte das jogadoras que se reúne no *Brazil Escola de Futebol* estava participando desse campeonato.

Após essas duas semanas, a mediadora do grupo e professora nessa escola de futebol postou o seguinte recado no grupo *futebol* do facebook: “*Futebol hoje hein!!! Depois de duas semanas hoje tem, please compareçam!! Reza a lenda que o povo lá tá tudo com saudade da gente! Hahahahaha*”. Essa informação que nos foi repassada demonstra a relação de sociabilidade que construímos entre jogadoras e frequentadores.

“*Assim, os caras acham até uma diversão mesmo ver a mulherada jogando bola. Tem uns que ficam “ô gostosa”. Eu até achei que vocês pararam de vim por causa disso e falei pros caras pegarem mais leve e tal, que tem que respeitar.*” (Fábio–proprietário)

Dentro do esporte – campeonatos mundiais e em olimpíadas, nas modalidades esportivas, homens e mulheres jogam separadamente. Não há times mistos⁷⁴ e nem competição entre eles e elas. Entretanto, no nosso jogo como lazer, por diversão, não ocorre essa separação.

Para Devide (2012, p.27), as desigualdades entre homens e mulheres são uma questão necessária ao debate, de modo que elas se fazem mais presentes quando se fala em esportes e, “apesar de aparente igualdade na participação de ambos os sexos, as diferenças no que tange à inclusão no esporte devem ir além dos parâmetros fisiológicos”, de modo que as construções do masculino e feminino também imperam nessa separação em que as culturas decidem o que pertencem aos homens e o que pertencem às mulheres.

Há duas modalidades na ginástica olímpica, por exemplo, em que não se permite a participação de homens e mulheres, mesmo que estes e estas não realizem uma competição entre eles. Na ginástica rítmica, é permitida a participação nas competições apenas por mulheres, e as argolas é um aparelho da ginástica artística utilizado em competições apenas por homens.

Nos jogos realizados no *Brazil Escola de Futebol*, quando não há um quantitativo de mulheres o suficiente para completar dois times, geralmente convidamos de dois a quatro frequentadores para jogar conosco. Mas quando acontece de comparecer apenas a quantidade referente a um time de jogadoras, realizamos um jogo de “mulheres x homens”. Independentemente de ser um jogo de times mistos (homens e mulheres no mesmo time) ou não, os frequentadores jogam mais comedidos na hora de tomar a bola e nos chutes a gol, se comparado ao jogo entre homens.

Motivo? Durante os jogos, sempre há comentários relacionados ao cuidado para não machucar e não agredir as mulheres, seja por parte dos frequentadores: “*cara, vai mais devagar aí. Vai acabar machucando as meninas*” ou por recomendações das próprias jogadoras quando há excesso e jogadas bruscas desses jogadores: “*nossa, com uma bicuda dessas você pode tá querendo me afundar dentro do gol*”.

Em contrapartida, as jogadoras não têm o mesmo cuidado para com os homens/frequentadores que jogam conosco, por vezes, cometendo faltas que

⁷⁴ Homens e mulheres no mesmo time.

geralmente não acontecem entre as jogadoras: “*nossa, a Diana aproveita que é tudo homem pra descer a perna. Ela entra sem dó (risos)*”.

Durante os jogos, *Diana* se diverte por ser uma mulher forte e colocar medo nas demais jogadoras. Grita quando está chegando perto da adversária e sorri dos sustos que a adversária leva. Quando jogamos contra os homens, ela não tem o mesmo cuidado com o uso de sua força como ela tem quando divide uma jogada com nós, mulheres: “*jogar com homem é bom porque não tem muita frescura. Posso chegar chegando (risos)*” (*Diana*).

Diana é judoca. Ela treina judô duas vezes por dia, é atleta federada⁷⁵ e participa de campeonatos brasileiros, bem como de seletivas para fazer parte da seleção brasileira. Na última seletiva do ano de 2013, ela perdeu a última luta e não foi classificada para fazer parte da seleção brasileira de judô.

No jogo do dia 2 de maio de 2013, “mulheres x homens”, nós, mulheres, demos muito bem. Além de muito divertido, ganhamos de 11x9 do time adversário constituído apenas por homens. Alguns ficaram mais exaltados e nervosos com os seus companheiros de time alegando que eles estavam perdendo porque os jogadores estariam “pegando leve” com as mulheres: “*nossa, cara, pelo amor de Deus, joga direito. Fica brincando e só estamos levando gol. Chega de moleza, não viu que estamos perdendo?*”. (*Fábio*)

Entretanto, na semana seguinte (09/05/2013), compareceram apenas seis mulheres, jogamos contra cinco homens. Segundo um dos jogadores, “*o jogo pode ser assim mesmo, é justo*”, isto é, para esse jogador e os demais que concordaram com ele, não haveria problema se o time das mulheres fosse constituído por uma jogadora a mais, “é justo” – sendo homens contra mulheres - ter uma mulher a mais e, na visão dos jogadores, deixaria o jogo equilibrado, como se fossem necessárias mais mulheres para o jogo contra os homens se tornar “justo” – de igual para igual.

Ao permitirem que o time das mulheres fosse constituído por uma quantidade desigual em relação ao time dos homens, essas jogadoras compactuaram com a “ideia” de uma superioridade dos homens, mesmo após já ter ganhado de um time constituído apenas por homens.

⁷⁵ Atleta federado é um/uma atleta que está vinculado à Federação Brasileira da modalidade esportiva que ele pratica. No caso da *Diana*, vinculada à Federação Brasileira de Judô. Isso a coloca como atleta de ponta, profissional.

Faço uma leitura de homens e mulheres que reproduzem e reforçam estereótipos que designam os homens com maior destreza, força e habilidade com relação às mulheres.

Isso mostra o quanto as construções socioculturais contribuíram para o processo de reprodução dos estereótipos e normas nas relações de gênero.

Normalmente, *Alison*, o proprietário da escola de futebol, está sempre presente nas partidas em que precisamos dos homens para completar os times, pois a *Fabiana* é professora da escola de futebol durante o dia e sempre o convida para jogar conosco. A foto abaixo ilustra uma partida de futebol em que os frequentadores e as interlocutoras desta pesquisa dividem o mesmo jogo:



Figura 17 – “Homens e mulheres dividindo o mesmo jogo”. Autoria: Valleria Oliveira

Durante minha observação participante, percebi como os homens frequentadores da *Brazil Escola de Futebol* e as mulheres desse grupo identificam suas companheiras de jogo. Durante os jogos, foram constantes as brincadeiras, conversas e rotulações estabelecidas a essas jogadoras com relação ao comportamento e ao vestuário de cada uma.

Ao dividir o mesmo jogo com as mulheres, fica clara, tanto nas falas dos frequentadores quanto na fala das jogadoras, a distinção que os homens fazem em relação às mulheres intituladas como masculinas e às designadas como femininas:

Uai, tem umas assim que a gente vê que é mais masculinas, que são você sabe né? Mas tem outras que não, que são bonitas, mais arrumadinhas. É muito bom ver vocês jogando. Tem muito cara que acaba o jogo e não vai embora. A gente senta ali, pede uma cerveja e vai ver vocês jogarem. (Maycon, frequentador)

Durante os jogos, viam-se mesas repletas de homens se formarem próximas ao campo onde as mulheres estavam jogando. Era como se fosse a diversão do dia deles. Ficavam ali bebendo cerveja, comentando, rindo, conversando a respeito do jogo e das jogadoras.

Quando indagado à *Luana* sobre a presença dos homens naquele lugar, ela relata que: “*Uai, acho que eles gostam né. Homem vendo mulher jogar bola fica tudo doido. No meu caso que sou gatinha⁷⁶ (risos) eles mexem, me cantaram já, e eu gosto disso*”.

Comentários a respeito das jogadoras eram frequentes: “*essa aí é boa hein? (risos)*”; “*essa mulher joga demais*”; “*essa aí bate forte cara*”. Em um dos jogos o qual a *Fabiana* estava distribuindo coletes⁷⁷, um dos frequentadores que estava do lado de fora da quadra onde estávamos gritou: “*é mais fácil todas tirar a blusa do que colocar colete, não? (risos)*”.

⁷⁶ Gatinha para as jogadoras do *Brazil Escola de Futebol* remete a uma mulher bonita, bem arrumada, uma mulher desejável.

⁷⁷ Colete: Vestuário em forma de blusa para ajudar as jogadoras distinguirem quem é e quem não é do seu time. O uso dos coletes geralmente se dá quando não há uniforme ou mesmo em treinos de futebol quando todos estão igualmente uniformizados.



Imagem 18 – “Uso do colete para diferenciar os times” – jogadora usando colete preto por cima de sua blusa verde. Autoria: Valleria Oliveira.

Geralmente, em um time só de homens, quando não há coletes para efetuar essa distinção entre eles, os jogadores de um dos times tiram a camiseta, ficando assim um time sem e outro com camisa. Mas essa não foi a primeira vez que ouvi esse comentário, já o ouvi em outros jogos, em outros espaços onde esse comentário foi realizado por uma mulher. Essa relação de “intimar” as jogadoras a despirem a parte superior do corpo – mostrar os seios – ao invés de colocar um colete, reflete nessas mulheres para além de simples companheiras de jogos, mas também como corpos desejáveis presentes em um campo de futebol.

As designações entre o jogar bem e um corpo desejável refletia na aparência corporal de cada mulher.

Para *Elen*:

Eu acho que os caras gostavam sim de ver aquele bando de mulher jogar e até mexiam com as meninas assim. Já vi várias vezes eles perguntarem o nome delas quando acabava o jogo e perguntar se elas iam pra outro lugar. Já comigo era mais parabenizando pelo jogo e tal, até então porque né, não preciso nem falar (risos).

No *Brazil Escola de Futebol*, quando uma mulher que era reconhecida como feminina e estava dentro do padrão de beleza estabelecido na nossa cultura efetuava uma jogada, logo os comentários dos frequentadores a designavam como um corpo desejável. Em contrapartida, quando uma mulher percebida como masculina efetuava tal jogada, os comentários eram voltados para a jogada e para a habilidade dessa jogadora, comentário voltado para a sua companheira de jogo.

Essa relação estabelecida entre homens e mulheres, e entre as mulheres no *Brazil Escola de Futebol*, demonstra o quanto é latente a vinculação do masculino ao futebol, independente do corpo que está presente nesse local. Isto é, seja o corpo de um homem ou o corpo de uma mulher, uma jogadora/jogador é pertencente a esse lugar desde que esteja nos padrões de um verdadeiro jogador de futebol – postura viril e vestimenta adequada. Do contrário, no caso de uma mulher que se identifica com o padrão do gênero feminino, esta será apenas uma periguetete, mulherzinha, passível de ser admirada por sua beleza, e não pelo seu jogo – uma mulher que **está** naquele lugar, diferentemente do **pertencer**.

4.4 “NÃO É A ROUPA QUE EU USO QUE VAI DEFINIR A MINHA SEXUALIDADE”⁷⁸: GÊNERO E PERFORMANCES SOCIAIS

Diferentemente dos jogadores profissionais, as jogadoras que jogam futebol como lazer no *Brazil Escola de Futebol* não possuem uniformes ou nenhum tipo de roupa ou acessório padronizado para tal prática. Algumas mulheres desse grupo jogam com shorts e blusas coladas, outras jogam de maneira mais despojada – bermudas largas, camisetas, e outras chegam com a roupa que estava no trabalho e acabam conseguindo uma bermuda ou short emprestado com suas companheiras de jogo.

Dentro de uma determinada sociedade, existe uma relação entre a vestimenta e o contexto social, econômico, cultural e político em que os sujeitos

⁷⁸ Fala de Fabiana durante a entrevista.

estão inseridos. Para Woodward (2000, p. 32), “existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa”.

Assim, este trabalho buscou também verificar em que medida o corpo e os sistemas simbólicos dialogam com as representações/ performances de gênero.

Sobre roupas, indumentárias, objetos – cultura material, para Miller (2010), através da diferenciação da indumentária, pode-se dar início à análise das nossas diferenciações. Para o autor: “Roupas representam diferenças de gênero, mas também de classe, nível de educação, cultura de origem, confiança ou timidez, função ocupacional em contraste com o lazer noturno” (MILLER, 2010, p. 57).

Essa relação entre roupas e lugares, especialmente ao que tange o contraste entre a função ocupacional e o lazer noturno que Miller (2010) coloca, apresenta-se claramente no espaço do *Brazil Escola de Futebol*. Entretanto, no caso dessas mulheres praticantes de futebol, na quinta-feira das 22h30 à 00h, o lazer noturno delas, nesse dia, não é sinônimo de *baladas*, boates e bares, mas sim relacionado ao esporte, especificamente o futebol.

Para esse lazer noturno – futebol, algumas dessas mulheres utilizam roupas diferenciadas daquelas que usariam no dia a dia. Entretanto, a profissão de outras, como é o exemplo das professoras de Educação Física, permite que a vestimenta de seu cotidiano seja semelhante ao que usa para jogar futebol.

Professoras de Educação Física, Nutricionista, Administradora, Advogada, Médica, Musicistas e estudantes, estas mulheres utilizam desde ternos, roupas de academia, calça jeans, a jalecos para desempenhar suas funções trabalhistas.

Miller (2010) chama de “indumentária por ocasião”, isto é, a aparência pública, o uso de vestimentas e trajes de acordo com o lugar, formalidade e “necessidade”. Segundo Miller (2010), a roupa é um dos nossos pertences mais pessoais e configuram a principal intermediação entre como nós percebemos nossos corpos e como percebemos o mundo exterior.

No nosso quinto jogo após a formação desse grupo de mulheres, a *Diana* chegou no local para jogar com uma calça colada e florida. Logo, uma das companheiras de jogo disse a ela: “*você está tão periguete hoje!*”. Segundo as jogadoras desse grupo, bem como a mídia, as mulheres periguetes se referem

à feminilidade que exala sensualidade, bem como a vaidade (autoprodução feminina).

A jogadora referia-se à calça colada, mas especificamente a uma calça florida da *Diana*, pois aquelas que apareciam de calça colada de malha lisa⁷⁹ e cor neutra (preta, azul, cinza) não eram tidas como *periquetes*. Ao tentar se “justificar” do porquê de estar vestida daquela forma, *Diana*⁸⁰ explica que “*estava no trabalho. Preciso ir de mulherzinha*”.

Percebe-se aí, na fala de *Diana*, que determinados espaços, especialmente em locais formais de trabalho, requerem uma vestimenta “adequada” de acordo com o padrão estabelecido pela instituição que o sujeito esteja vinculado. A jogadora refere-se ao vestir-se de *mulherzinha* à norma que estabelece comportamentos, roupas e acessórios a uma pessoa do sexo feminino.

Para *Elen*, determinar a vestimenta a um determinado sexo é uma violência cometida contra quem não se sente pertencente ao gênero que a sociedade impôs a ela. *Elen* relata que:

Eu estudei em uma escola que tinha preceitos religiosos muito fortes. O uniforme era de sainha, eu odiava aquilo, mas fazer o que, tinha que usar.

Na imagem 17, pode-se visualizar uma das jogadoras que se intitulam como femininas, de blusa azul e short preto no centro da imagem – roupa mais justa e short curto.

⁷⁹ Cor única, sem detalhes ou estampas de outra cor.

⁸⁰ Diana é professora de Educação Física e atua como *personal trainer*.



Figura 19 – “Me sinto feminina”. A autoria: Valleria

Já na imagem abaixo, visualiza-se uma jogadora que se intitula como masculina – jogadora situada no canto esquerdo da imagem vestida com uma camisa de time de futebol e bermuda:



Figura 20 – “Me sinto masculina” (Mulher do canto esquerdo da foto – camiseta branca do Corinthians e chuteira laranja”. A autoria: Valleria Oliveira.

Para o jogo de futebol, todas relataram preferir roupas leves e confortáveis – de modo que algumas dizem preferir roupas coladas que se utilizam nas academias e outras dizem preferir roupas mais largas. Roupas que permitem a mobilidade e a agilidade sem os moldes de uma indumentária que limite os seus movimentos.

Quando indagado às jogadoras como se percebiam com relação ao gênero, as suas respostas foram relacionadas à maneira de se vestirem, andar, agir e de como arrumam ou não os seus cabelos.

Butler (2005, p.186) afirma que “identificar-se com gênero implica em identificar-se com uma série de normas”. Essas normas são determinadas pela cultura e estabelecidas dentro de um padrão socialmente aceito.

Normas estas que acompanham o processo de construção da identidade de homens e mulheres constituída por meio de comportamentos esperados em que o gênero seja correspondente ao sexo de cada um deles (as).

Para esses homens e mulheres pertencentes a uma cultura que vincula o gênero à sexualidade, faz com que estes (as) fiquem reféns de rótulos que estabelecem o feminino à mulher heterossexual e o masculino ao homem heterossexual. Assim, a partir do momento em que o sujeito se identifica com o gênero contrário ao estabelecido à sua genitália, este é vinculado à homossexualidade, e então marginalizado.

Segundo a Fabiana, “*Me sinto feminina, não é porque joga bola que tenho que ser masculina*”. A jogadora relata que:

Quando eu era criança as pessoas perguntavam se era homem, essas coisas. Preconceito que todo mundo tem é esse que mulher que joga futebol é homossexual, que o pessoal chama de caminhoneira, masculinizada.

Isto é, em relação à mulher que identifica o gênero masculino com a homossexualidade:

Maioria das meninas que convivo não são tão masculinizadas, às vezes eu me acho mais masculina que elas, mas você percebe que é diferente. E elas mesmas tem preconceito porque todas elas acham que eu sou né? As minhas amigas que me conhecem sabe que não sou, mas quem não me conhece... , as meninas lá do futebol quando a gente saía tudo falava que eu era.. “ah, você é também”. Aí eu falava: queridas, ainda não, pode ser que sim, mas ainda não.. (risos) se eu achar a mulher da minha vida, quem sabe”. Mas eu não tenho problema nenhum, todo mundo estava falando que eu estava namorando a Fabiana porque a gente andava muito junto. A gente se aproximou muito esse ano e tudo que a gente vai fazer é junto mesmo, ou eu chamo ela ou ela me chama. (Diana)

Quando *Diana* diz que as demais jogadoras “acham que ela é”, a interlocutora se remete à vinculação que suas companheiras de jogo fazem da sua identificação com o gênero masculino e com a homossexualidade. *Diana* se define como uma mulher heterossexual, mas que é constantemente apontada como homossexual porque sua identidade de gênero se aproxima do masculino: “*Me considero muito masculina, não só no jeito de vestir, mas jeito de agir, relaxada, não tenho tanta vaidade igual a uma mulher...* ”.

O corpo performativo refletido na fala das demais jogadoras aponta para *Diana* como se ela fosse proprietária de um gênero mentiroso ou de uma prática sexual enganadora. Na palavra de uma das jogadoras direcionada a *Diana* durante um jogo: “*Ela ainda não se descobriu (risos)*”.

Segundo Miller (2010, p. 22): “À superfície, encontra-se a vestimenta, que podemos nos representar e revelar uma verdade sobre nós, mas também **mentir**”. Ora, sendo assim, nossa verdade também não faz parte dessa suposta mentira? Corromper, ser corrompido, reproduzir e performar também não faz parte do eu? Pode-se configurar um ato performativo como verdadeiro ou falso?

Para Butler (2003, p. 194), “atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas produzem *na superfície* do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam”. Nesse contexto, de que modo pode-se atribuir valores falsos ou verdadeiros ao que se revela na superfície do corpo?

Segundo a autora, tido como performativos, esses atos, gestos e atuações são fabricados e amparados por signos corpóreos e outros meios de discurso. Sendo assim:

Se a realidade é fabricada como uma essência interna, essa própria interioridade é efeito e função de um discurso decididamente social e público, da regulação pública da fantasia pela política de superfície do corpo, do controle da fronteira do gênero que diferencia interno de externo e, assim, institui a “integridade” do sujeito. (BUTLER, 2003, p. 195)

Segundo Butler (2003), “a produção disciplinar do gênero leva a efeito uma falsa estabilização do gênero, no interesse da construção e regulação heterossexuais da sexualidade no domínio reprodutor”. Ou seja, a relação de um ato fundante interior que regula e produz o gênero é mantida por uma estrutura reguladora e normativa regida pela heterossexualidade. Essa regulação tende a incorporar atributos fixos aos pertencentes de seus gêneros (*Ibidem*).

Pensando nos termos da autopercepção e na percepção para com as suas companheiras de jogo, as mulheres desta pesquisa dão um retorno fundante para a compreensão do que na sociedade contemporânea se intitula como um gênero verdadeiro ou falso. Nesse sentido, aquela que não está de acordo com a norma seria o falso, e aquela que atende a essa norma é tida como o verdadeiro.

Para Butler (2003, p. 195):

Se a verdade interna o gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável.

Isso porque não há como classificar o gênero como falso ou verdadeiro através de uma fantasia fundada. Segundo Butler (2003, p. 19), “o sujeito é uma questão crucial para a política”, de modo que “a construção política do sujeito procede vinculada a certos objetivos de legitimação e de exclusão”. Para a autora, essas problemáticas de cunho político “são ocultas e naturalizadas por uma análise política que toma as estruturas jurídicas como seu fundamento” (*Ibidem*, p. 195).

É perceptível, no espaço *Brazil Escola de Futebol*, como se “exige” que as outras se definam e se intitulem para que se confirmem os estereótipos. Essas marcações dos sujeitos apresentam um conjunto de medidas que anseia pela emancipação, mas que reprime e aliena os processos fundantes.

Essa necessidade de marcar o sujeito pertencente a um grupo, no caso dessas interlocutoras, se faz presente a todo momento através das “brincadeiras”, ou relações jocosas, assim posso chamá-las. Por mais que no âmbito das ciências sociais tenha uma conotação de marcador, discriminador e preconceito, há uma relação cômica nessas atribuições e, principalmente, com a permissão delas.

Lowie (*apud* GASTALDO, 2010, p. 312) enfatiza que “a relação entre indivíduos ou grupos dos outros indivíduos e grupos, e o modo de jocosidade medeia esta interação, negociando humor em situações sociais de conflito”. Nesta pesquisa, os conflitos relacionados à identidade de gênero são vinculados ao futebol e à homossexualidade.

Aquelas que são marcadas também marcam e retribuem a “brincadeira”, porque, em um dos jogos que a jogadora *Diana* foi marcada como *sapatão* por uma de suas colegas pela sua maneira agressiva de jogar, ela logo respondeu: “*sei não viu, tô achando que você tá torcendo pra eu ser hein? Pode falar, tá me querendo? (risos)*”.

Podemos perceber, na fala das jogadoras, que a classificação geradora de uma tensão está na masculinização da mulher. Ou seja, a impossibilidade de conceber, a uma “mulher masculina” e viril, o *status* heterossexual, mas aceita-se uma “mulher feminina” ser homossexual.

Percebe-se que, nesse grupo, há um jogo de “permissividade” àquelas que compõem o grupo das femininas, pois “concorda-se” que as “mulheres femininas” possam ser tanto heterossexuais quanto homossexuais, mas não concebem a possibilidade de que uma “mulher masculina” seja heterossexual.

“*Se usou bermudona, camiseta, sapatênis, boné e pochete não tem jeito, é sapatão. Quando é mais feminina, fica mais difícil identificar se é lésbica ou não*” (*Aline*). Pude então perceber que não só a masculinização das mulheres é relacionada à homossexualidade, mas que, para algumas, a prática do futebol também está relacionada: “*Se joga futebol minha amiga..., foi, é ou vai ser sapatão (risos)*” (*Aline*).

Fica claro aí como as construções socioculturais impregnam os estereótipos de modo que o próprio sujeito que é rotulado, no caso das jogadoras, também reproduzem esses estigmas que marcam essas mulheres.

Assim, compreende-se que, na percepção dessas jogadoras, as femininas podem cambiar, mas as masculinas teriam o seu gênero diretamente vinculado à homossexualidade.

Em uma conversa informal com *Amanda*, ela me conta da impossibilidade de se vestir como gostaria, pois há um vínculo estipulado pela sociedade entre essa vestimenta desejada à homossexualidade:

Não pode parecer tão sapatão. Se eu pudesse, me vestiria sempre como uma ogra assim como fico na chácara dos meus pais, (risos), é muito mais confortável, mas eu tenho que me conter.

Miller (2010) afirma que o empoderamento das mulheres – luta essa travada pelo feminismo pela igualdade – pode ser libertador, mas também faz com que os sujeitos fiquem passíveis de punição ao “decidirem” por si mesmos.

Durante a entrevista, *Amanda* declarou se sentir feminina – que às vezes sente vontade de se arrumar e passar maquiagem, mas também gostaria de se vestir de maneira mais despojada: *“tive que aprender a gostar do modelo de sapatinho de boneca ao invés de um sapatênis. Depois que você vira lésbica então, aí que tem que ser mais mulézinha. De alguma forma você tem que disfarçar”*.

Indaguei a ela o porquê – por que não se vestia como realmente queria e por que disfarçar. Logo ela sorriu e disse: *“tem um olhar diferente para as lésbicas femininas e outro para as masculinas. É como eu disse, você pode ser sapatão, mas não pode parecer que é uma”*.

Segundo Butler (2003, p. 117), “não ter o reconhecimento social como heterossexual efetivo é perder uma identidade social possível em troca de uma que é radicalmente menos sancionada”. Embora *Amanda* demonstre esse “medo” de não ser reconhecida ou punida por não pertencer à norma socialmente aceita, outras expressam com “orgulho” a sua reinvenção ou a sustentação de que são “autênticas”.

Amanda respondeu ter que aparentar mais feminina para se livrar dos “olhares” e para ter aceitação social, já as demais jogadoras responderam: *“gosto de ser feminina”* ou *“me sinto bem com roupas masculinas”*. Ou seja, do mesmo jeito que o objeto pode ser opressivo, ele também pode ser fruto de alienação, assim como Miller (2010, p 41) demonstra nos seus relatos sobre o

uso da roupa das mulheres em *Trinidad* – o *Sari*. Nesse relato, o autor apresenta como uma indumentária pode ser opressiva, alienante ou até fatal.

Segundo o autor, o *sari* é a vestimenta que as mulheres da sociedade de Trinidad usam para cobrir o seu corpo, tendo o *pallu* – ponta da roupa que geralmente fica caída sobre os ombros – como ponto chave dessa vestimenta, ao meu ver. Segundo o autor, o *pallu* é utilizado tanto para proteger a mão das mulheres para pegar uma panela quente, quanto para guiar ou tampar os olhos de uma criança contra a claridade do dia para que elas possam dormir.

Embora o *pallu* traga lembranças da relação entre mãe/filho (a), o que denota uma demonstração de cuidado e carinho, ele também pode ter um uso fatal. Segundo o autor, o *pallu* também é usado como o que chamam de *crime por dote* – “a família do noivo afirma que o *pallu* pegou fogo “por acidente” quando a mulher cozinhava. Por outro lado, noivas desesperadamente infelizes, de forma bem típica, dão fim ao sofrimento enforcando-se com o *pallu* amarrado ao teto” (MILLER, 2010, p. 41).

Entretanto, o autor afirma que os “trecos podem se virar contra nós e se tornar opressivos, mas é preferível ver isso como uma contradição, e não como uma única maneira de caracterizar nossa relação com as coisas” (MILLER, 2010, p. 93).

Durante os jogos e as entrevistas, percebe-se como algumas jogadoras se tornam “reféns” da vestimenta, assim como *Amanda* declarou acima, mas também há aquelas se dizem vestir como querem, como gostam: “*acho que cada um tem que se vestir da forma como quer e ninguém tem nada a ver com isso. Eu me visto como eu quero e tô me fudendo para o que os outros vão pensar*”. (*Luana*)

Assim, a percepção das jogadoras com relação ao preconceito para com aquelas que praticam futebol está relacionada principalmente à masculinização dessas mulheres através da vestimenta: “*Você pode até ser homossexual, mas não pode parecer uma*” (*Amanda*).

O relato da *Amanda*, ao colocar que as homossexuais femininas são vistas de forma diferente das masculinas, também marca essa diferença. É como se houvesse uma relação e atribuição de valores superiores e inferiores dentro desse grupo de jogadoras de futebol, os quais reforçam o modelo culturalmente

aceito. A partir das afirmações das interlocutoras, fiquei imaginando isso dentro de uma pirâmide.

Desse modo, criei uma pirâmide a partir do que as interlocutoras apontaram, cujos relatos estão relacionados a uma ordem de “importância”. Acredito que ela seria mais ou menos assim:

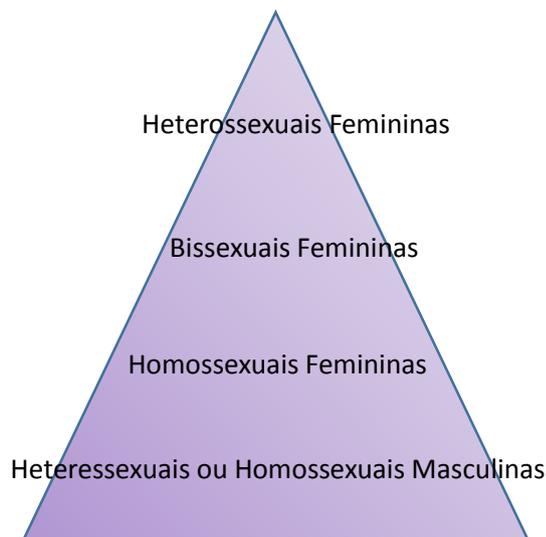


Figura 21 – Pirâmide

Na ordem de cima para baixo – do “superior” para o “inferior” – as heterossexuais femininas têm maior importância, pois elas seguem os padrões socialmente aceitos; depois as bissexuais femininas, porque elas ainda permanecem mesmo que minimamente – ora dentro – ora fora do padrão; em seguida, viriam as homossexuais femininas, pois não importa o que elas façam desde que “pareçam” dentro da norma; e, por último, as heterossexuais e homossexuais masculinas – essas mulheres rompem com a norma através do ato performativo.

Quando há punição e julgamento, os sujeitos tendem a se aproximar do objeto desejado e aceito. Acredito que entrar no campo da subjetividade seja um tanto quanto perigoso, pois a construção do “eu” – entre aquilo que me ensinaram a ser e aquilo que eu entendo ser, são nuances delicadas e não há como dizer que são mentiras ou verdades:

[...] não sei explicar direito, mas essa coisa de identificação visual, acho que algo para além só do visual... tem um perfil de identificação interna sabe... que acaba por si externalizar nas roupas, gestos, pessoas, enfim... mas não sei como isso se define, quais os componentes... Exemplo: se fosse só roupa, era adaptável... mas eu, se colocar um vestido, maquiagem e tais, fico parecendo um travesti e dos mais mal montados (risos). Então não tem como dizer que seja só roupa ou só trejeito, tem algo que permeia tudo, mas não sei exatamente o que é. (Elen)

Todo esse processo de construção do “eu” faz parte do sujeito. Durante um dos jogos, eu escutei um frequentador que estava do lado de fora dizer de uma das jogadoras: “*essa aí não me engana não (risos)*”. Essa colocação estereotipada sobre *Diana*, devido ao fato de ela ser uma mulher com volume muscular avantajado e ter o uso da força de uma forma demasiada, refere-se à orientação sexual dela. Tanto para os frequentadores quanto para as demais jogadoras essas características a fazem homossexual.

Durante a entrevista com *Diana*, ela fala o quanto se sente masculina⁸¹, seja nas atitudes, na maneira de se vestir no dia a dia, dos cabelos bagunçados devido aos treinos de judô, mas que essas características não fazem dela homossexual:

Me considero muito masculina, não só no jeito de vestir, mas jeito de agir, relaxada, não tenho tanta vaidade igual a uma mulher... porque falando de gênero que a mulher tem que ser vaidosa, cuidadosa, eu não encaixo nesse padrão, não tenho um pingo vaidosa. Mas não sou gay também. (DIANA)

“*Não tenho tanta vaidade igual a uma mulher*”. O que é preciso para ser considerada e significada como uma mulher? Ser uma “heterossexual masculina” não significa ser mulher, mas ser uma “homossexual feminina” a colocaria no rol das mulheres? Quantos ou quais atributos padrões são necessários para que essas jogadoras sejam consideradas mulheres?

Para Butler (2003, p. 209): “A ordem de ser de um dado gênero produz fracassos necessários, uma variedade de configurações incoerentes”, pois significaria ser “uma multiplicidade de garantias em resposta a uma variedade de demandas diferentes, tudo ao mesmo tempo”. Significa, portanto, atender a

⁸¹ Ver página 60-61.

múltiplos atributos que colecionam expectativas e determinantes que imperam na definição do *ser* do sujeito.

A mídia constantemente ilustra/ilustrou o que é “ser mulher”. Inúmeras vezes aparecem histórias de mulheres que ficam deprimidas e não se “sentem” mulheres porque não podem ter filhos (as), ou então “ensinando” como *ser* uma mulher atraente e desejada.

Essa seleção de atributos aliena, reprime e reproduz a busca por uma aceitação social, pois aquelas que não correspondem a esses padrões são rotuladas como incapazes, incompletas, “menos” mulher.

As expectativas contemporâneas e midiáticas em torno de *ser* uma mulher as designam como: ser delicada, sexy e feminina; ser uma boa mãe; ser frágil, mas não o bastante para que ela consiga ser uma ótima profissional e dona de casa. Ora, para ser mulher, uma jogadora teria que atender a todos esses requisitos? Butler (2003, p. 20) explica que:

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica do seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas.

Isso é possível compreender quando *Fabiana* diz que não é a roupa que ela usa que determinará sua orientação sexual, ou quando *Diana* diz não ser tão vaidosa como uma mulher, também quando *Ludmilla* se diz andrógena. Todos esses marcadores de gênero ora se fazem presentes no *Brazil Escola de Futebol*, ora são resignificados.

Dentre as jogadoras, apenas uma é mãe. *Luana* tem duas filhas: uma de treze anos e outra de três anos. Durante a entrevista, perguntei-lhe como era essa relação do tempo que ela determinava para a prática do lazer associada ao fato *ser* mãe e se havia uma relação de “cobrança” para que ela seguisse o padrão do “ser mãe” – dedicar-se integralmente aos filhos. Segundo *Luana*:

[...] uai, como o futebol aqui é bem tarde, começa as dez e meia, a essa hora as meninas já devem estar dormindo. A mais nova deixei dormindo, mas a mais velha se não tiver dormindo deve tá fazendo as coisas dela. Tudo tranquilo. E se jogo no final de semana, ou elas ficam em casa ou vão comigo”.

Além da categoria “ser mulher”, Luana carrega consigo também a categoria “ser mãe”, embora ela consiga contornar o que socialmente é posto a uma mulher – mãe: “*não tem dessa não, elas tem as atividades delas e eu tenho as minhas. Eu trabalho, cumpro as minhas obrigações, mas também tenho o meu tempo de lazer, de sair, de divertir”.*

A interlocutora Luana rompe com alguns estereótipos como, por exemplo, o de ser mãe em tempo integral e dona de casa, mas durante a entrevista frisa que é heterossexual: “*gosto de homem né, tem gente que não gosta muito não (risos), mas fazer o quê? Bom que sobra mais (risos).* Ainda enfatiza que, embora o esporte não permita que seja exclusivamente feminina, ela segue os moldes de feminilidade:

[...] gosto de jogar confortável. As vezes jogo de short-saia também porque jogo com tênis lá no meu condomínio, aí eu compro essas roupinhas mais bonitinhas, porque eu sou mulher e acho que tem que andar mais arrumadinha mesmo. Bom, eu acho e gosto de andar assim, mas pra mim cada um veste como quer, não tenho nada com a vida de ninguém não. Se quiser andar pelado, pra mim tudo bem (risos). (Luana)

Essas regras que governam e instituem a categoria ser mulher ao “fenômeno” ser mãe são instituídas como naturalmente pertencentes a elas, embora atualmente isso não pertença mais somente a elas, em que o corpo é individual, mas a ação é pública. É nesse viés que o marcador social de gênero e ainda as regras aparecem para coagir, proibir e castigar esses corpos que fogem ao padrão instituído.

Para Woodward (2000), a constituição e a compreensão que temos do nosso “eu” são sugeridas pela subjetividade que está atrelada aos significados constituídos pelas relações socioculturais.

A política do ser objetiva emancipação, liberdade, mas também autodenomina os grupos. Regras e normas – palavras essas que socialmente remetem e são legitimadoras do ser. São elas que determinam quem pertence e quem não pertence; são elas que atribuem valores; são elas que atribuem a

desigualdade. É preciso entender que são elas que corrompem, marcam e estigmatizam, e não as diferenças e multiplicidades de um determinado *ser*.

Assim, este capítulo teve como objetivo compreender como se dá a relação no que tange a identificação de gênero entre “como essas jogadoras se identificam” e como elas são percebidas por suas companheiras de jogo e pelos frequentadores do *Brazil Escola de Futebol*, visando também dialogar como os padrões e normas atuam na construção das identidades de gênero dessas praticantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta etnografia objetivou compreender como as jogadoras de futebol como lazer do espaço *Brazil Escola de Futebol* se percebiam no que diz respeito às suas identificações de gênero e ainda investigar como os frequentadores desse espaço interpretavam as representações de gênero das interlocutoras desta pesquisa.

Para isso, foi utilizada a observação participante do grupo de mulheres que se reúnem nas quintas-feiras às 22h30 para a prática do futebol como lazer, o qual faço parte como jogadora no espaço *Brazil Escola de Futebol*, bem como o grupo de jogadoras do espaço *Bar do Waldo* como observação preliminar. Como coleta de dados, utilizei também a aplicação do questionário socioeconômico e entrevista semiestruturada para as jogadoras. E, para os frequentadores, utilizei apenas a entrevista.

Legitimado como um direito de todos e todas, o lazer e as suas possibilidades estabelecem uma relação direta com os marcadores sociais de classe, gênero e idade, embora este trabalho tivesse como centralidade o marcador social de gênero. Situado na região Sudoeste da cidade de Goiânia, o espaço *Brazil Escola de Futebol* – local onde foi realizada a maior parte da etnografia, conta com um grupo de 16 jogadoras/interlocutoras, sendo essas mulheres de classe média/ classe média baixa com idade entre 19 a 37 anos.

Embora o Brasil seja considerado o “país do futebol”, sabemos que vivemos em um país cuja cultura é pautada na heteronormatividade, que “naturaliza” as construções socioculturais e marginaliza aqueles e aquelas que não seguem as normas estabelecidas pela sociedade.

Essa cultura heteronormativa e patriarcal demarca as desigualdades entre homens e mulheres, “justificando”, através da biologia, a inferioridade das mulheres frente aos homens. Isso as colocam como o “sexo frágil” no qual a delicadeza, a sensibilidade e a feminilidade são características “natas” dessas mulheres, assim como a força, a destreza, a coragem e a masculinidade são características dos homens.

Nesse sentido, este estudo mostrou como as interlocutoras ocupam esse lugar e como homens e mulheres dividem esse mesmo espaço, visto que a cultura brasileira o considera predominantemente masculino e destinado aos homens. Esta pesquisa buscou também fazer um estudo relacional no qual esses atores sociais puderam, através do relato, verbalizar como de dão as relações de gênero neste lugar – jogo de futebol.

Embora no esporte de alto rendimento homens e mulheres não joguem juntos, tampouco competem entre si, neste espaço destinado ao lazer, essa separação não ocorre. Entretanto, embora dividam o mesmo espaço e até o mesmo jogo, no *Brazil Escola de Futebol*, os homens estabelecem uma divisão para com essas mulheres entre: companheiras de jogo – mulheres que se identificam com o gênero masculino, e corpos desejáveis – mulheres que se identificam com o gênero feminino:

Ah, já ouvi piada demais... Se eu ouvia quando eu estava perto, imagina quando a gente tava longe. (Mas você fala por conta do jogar futebol?) Não por conta do futebol, mas por conta de presenças específicas, eu não sei te falar se teve algum tipo de piada na minha presença, mas a que eu lembro de ouvir, foi a ver da Diana (Mas por quê? Por que você acha que acontecia?) Porque ela era mais masculina e por conta da caracterização e do somatotipo⁸² dela.. mas também por causa do jeito dela (risos) fazia gol e saía pulando na grade, saía pulando... como eu posso dizer, fazia barra na trave do gol, ela conseguia fazer o que maioria dos homens ali não conseguiam fazer. (E com relação as mais femininas?) Ali você via muito... quando a gente ganhava, os caras ficavam, nossa, que menina bonita, arruma ela pra mim.. aí eu falava: cara.. mas.. num tem jeito (risos). (Elen)

Os interlocutores e as interlocutoras desta pesquisa relacionaram as identificações de gênero de acordo com o vestuário, com os acessórios, maneira de andar e agir, assim como a estrutura muscular das jogadoras, de modo que os comentários estavam relacionados às identificações de gênero das jogadoras, bem como através das relações jocosas entre as jogadoras e autorreferências: *periquete, mulherzinha e sapatão*.

⁸² Somatotipo – classificação da estrutura física do ser humano dividida em três características diferenciadas: Endomorfia (adiposidade), Mesomorfia (muscularidade) e Ectomorfia (magreza).

Quanto à autopercepção, as jogadoras remetem não apenas ao como se vestem, suas estruturas físicas ou aos seus modos de agir, essas interlocutoras falam também de como elas se sentem – masculinas, femininas ou ora masculinas e ora femininas. Isto é, falam da construção do “eu” – de como elas se identificam – das suas subjetividades.

Segundo Weeks (2007, p. 75), as identidades são fluidas, isto é, as identidades não são fixas, estão sempre sendo ressignificadas. E essa pesquisa possibilitou compreender o quanto essas identidades de gênero podem ser transitórias e, ao mesmo tempo, reproduzir os dois modelos de gênero: feminino e masculino, nos quais essas identidades transitam e se fazem presentes através do ato performativo.

Não encontrei neste campo de pesquisa um terceiro gênero, a falta dele ou jogadoras cujas identidades fossem fixas. Isto é, encontrei identidades que transitavam entre o feminino e o masculino, ou identidades que eram predominantemente masculinas ou predominantemente femininas, mas que, em alguma medida, perpassavam pelo gênero oposto ao predominante.

Dessas 16 interlocutoras, dez disseram se identificar com o gênero feminino, três disseram ser masculinas e as outras três relataram não se enquadrarem dentro desses padrões de gênero socialmente construídos. Essas identificações são transitórias, mas também estabelecem uma relação com as expectativas das normas sociais, sejam elas superadas ou reproduzidas.

Estou falando de mulheres que não fizeram uma relação direta entre o gênero o qual se identificam e a sua orientação sexual: “*Não é a roupa que eu uso que vai definir a minha sexualidade*” (Fabiana). Em contrapartida, ao se referirem às suas companheiras de jogo, essa relação entre as mulheres femininas e a heterossexualidade e mulheres masculinas e a homossexualidade apareceu constantemente durante os jogos.

Embora esses estereótipos associem as praticantes do futebol à masculinidade e, conseqüentemente, à homossexualidade, entre as interlocutoras essa norma não foi uma regra, pois há jogadoras heterossexuais que se indentificaram seja com o gênero masculino ou feminino, tanto interlocutoras que se disseram homossexuais e que se identificaram como femininas ou masculinas.

Ou seja, não é porque uma jogadora seja homossexual que ela seguirá o modelo de masculinidade, do mesmo modo que ser uma interlocutora heterossexual não significa que ela seja feminina. Para tanto, os preconceitos ocorridos no campo de pesquisa, sejam eles realizados pelas jogadoras ou frequentadores, eram relacionados ao que essas mulheres aparentavam “ser”, isto é, relacionados à identificação de gênero destas, independente se eram hetero, homo ou bissexuais.

Preciso fazer uma colocação importante aqui: no início deste ano, 2014, mesmo após encerrada a pesquisa de campo, encontrei a jogadora *Diana* no aniversário de uma amiga que temos em comum. Na entrevista realizada com a interlocutora em outubro de 2013, ela se apresentou como heterossexual, entretanto, nesse aniversário (março de 2014), ela me apresentou a sua namorada (Bárbara, 16 anos – companheira da Diana também nos treinos de judô) e me contou que começaram a namorar em janeiro deste ano:

“Ai Deus, e agora, como vou colocar isso na minha pesquisa? (risos). Sei não, mas vai viu, Vall, porque agora eu já era (muita risada). Tem um ano que essa menina pega no meu pé. No começo eu resistia até também porque nem pensava muito nisso e nós éramos muito amigas, mas agora tô aqui, apaixonada. (Diana)

A interlocutora me contou que ela e a Bárbara já se “assumiram” para a família:

Iche, minha mãe e a da Bárbara aceitaram super de boa. Eu tava meio com medo da mãe dela porque ela é de menor e tal, mas nossa, não sei se porque eu já frequentava a casa dela, mas foi super de boa. E ela sabe também que não fui iniciei essa periguete mirim (risos), ela conhece a filha que tem. A bichinha quando quer uma coisa não pára até conseguir. Fia, isso aqui não perde tempo não, é novinha só na idade, mas na cabeça... (Diana)

Ao associar o gênero à sexualidade, as construções sociais também fazem essa relação com as práticas que homens e mulheres devem desempenhar dentro da sociedade. Assim, aquelas que fogem à norma, ou seja, que praticam uma modalidade esportiva considerada masculina são associadas a este gênero e, portanto, marginalizadas.

Nesta pesquisa, percebi que, para além de preconceitos sofridos por jogarem futebol, esses se somavam à medida que as jogadoras se identificavam com um determinado gênero, o masculino.

As interlocutoras que se disseram masculinas relataram ter sofrido preconceitos e, em alguma medida, violências simbólicas pelo fato de que jogar futebol, seu vestuário, estrutura física e modos de agir serem associados ao masculino.

Essa vinculação do esporte com o masculino advém de construções socioculturais nas quais o senso comum atribui determinadas modalidades às características de virilidade – força, destreza, coragem.

Para tanto, aquelas que se identificaram com o gênero feminino disseram ter sofrido alguma forma de preconceito apenas por jogarem futebol. Isto é, o futebol jogado por mulheres tem em si manifestações de preconceitos amenizadas para com as “mulheres femininas” e agravadas para com aquelas que são “masculinas”.

Além do marcador social de gênero, o de classe também apareceu nesta pesquisa, seja ele como separação/segregação ou amenizador de preconceitos. Como fator de separação/segregação, o marcador social de classe apareceu à medida em que as interlocutoras estabeleceram grupos e lugares onde frequentam e os que não frequentam – a exemplo do *Feirão do Chopp*.

Como amenizador de preconceitos, esse marcador social se fez presente no relato da *Elen*, quando afirmou que, embora a sociedade estabeleça um preconceito maior para com as jogadoras apontadas como “mulheres masculinas”, esses preconceitos foram amenizados ou não foram tão recorrentes com ela devido ao seu pertencimento à classe média.

Neste grupo de jogadoras, percebeu-se uma relação por vezes desvinculada dos padrões e normas sociais, que atribuem para as mulheres características supostamente emotivas, frágeis, delicadas e passivas. As interlocutoras apresentaram ainda os entraves quanto ao processo de iniciação na prática do futebol, uma vez que as mulheres lutaram pelo direito e respeito no campo de futebol.

Foi nesse viés dentro da cultura brasileira, na qual padrões e normas são construídos a partir da heteronormatividade que marginaliza aqueles e aquelas que fogem dessa constituição social, que o futebol se configura como uma

“paixão nacional”, que as jogadoras de futebol como lazer do espaço *Brazil Escola de Futebol* desnaturalizam e reinventam o que é “ser mulher” no campo de futebol.

GLOSSÁRIO

BALADAS – saídas à noite onde se encontram várias pessoas cujo objetivo é o lazer, a diversão;

BICUDA – chute forte na bola com o bico da chuteira, local relativo aos dedos da frente do pé;

BOBINHO – brincadeira com a bola a partir de três pessoas em que uma das pessoas seria o bobinho – tentaria pegar a bola, e os demais o fariam correr atrás da bola sem que ele conseguisse alcançá-la, ou seja, fazê-lo de bobo;

CANELEIRA – artigo esportivo usado por jogadores/ jogadoras de futebol para proteger a região da canela;

COLETE – vestuário em forma de blusa para ajudar as jogadoras distinguirem quem é e quem não é do seu time. O uso dos coletes geralmente se dá quando não há uniforme ou mesmo em treinos de futebol quando todos estão igualmente uniformizados;

CUMPRIMENTO ESTALADO – maneira de cumprimento, batendo uma mão na outra de forma rígida e forte, fazendo com que ocorra um barulho – um estalo;

GATINHA – para as jogadoras do *Brazil Escola de Futebol*, gatinha remete a uma mulher bonita, bem arrumada, uma mulher desejável;

HOMEM-SEXUAL – segundo a interlocutora *Diana*, significa mulheres homossexuais masculinas que “parecem” homens.

MULHER MACHO – mulher cujo modo de agir, suas práticas e seu vestuário são tidos socialmente como masculinas. Isto é, uma mulher com comportamento destinado socialmente ao macho da espécie humana;

PASSAR O RODO – segundo as interlocutoras desta pesquisa, passar o rodo significar ficar, beijar e se relacionar com várias pessoas ao mesmo tempo;

PERIGUETE – designa mulheres que fazem uso demasiado da sensualidade, de maquiagem, roupas e acessórios que exalam feminilidade, que tem um caráter pejorativo para definir aquelas que fazem uso do vestuário e do modo de agir para a sedução;

PRANCHETA – material utilizado para apoio de folha de papel;

QUEBRADEIRA - espaços onde as jogadoras intitulam como lugares cujos jogos são mais agressivos, passíveis de acontecerem brigas ou serem machucadas devido à violência com que as mulheres desses lugares jogam;

QUIQUE DA BOLA – quantidade de vezes que a bola bate no chão;

SAPATÃO – designa a uma mulher homossexual masculina;

SAPATONICE – foi um termo utilizado por uma das jogadoras ao se referir a um comportamento meu, masculinizado, ao dizer que as demais jogadoras estavam com frescura.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA JUNIOR, José. O conceito de sociabilidade em Georg Simmel. **Ciências Humanas em Revista** - São Luís, v. 3, n.2, dezembro 2005.

AREND, Silvia Fávero. Trabalho, escola e lazer. In: **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

BAGRICHEVSKY, Marcos; ESTEVÃO, Adriana; PALMA, Alexandre. Saúde Coletiva e Educação Física: Aproximando campos, garimpando. BAGRICHEVSKY, Marcos; ESTEVÃO, Adriana; PALMA, Alexandre. In: **A saúde em debate na Educação Física**. Blumenau: Nova Letra, 2006.

BARD, Cristine. A virilidade no espelho das mulheres. In: **História da Virilidade: A virilidade em crise?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: **História da Virilidade: A virilidade em crise?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Tradução: Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. El gênero em llamas: cuestiones de apropiación y subversion. In: Butler, Judith. **Cuerpos que importam: sobre los limites materiales y discursivos Del “sexo”**. Buenos Aires: Paidós, 2005, p. 179-203.

_____. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. **Butler e a desconstrução do gênero**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003, 236p.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. “O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever”. In: **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1988. p. 17-35.

COURTINE, Jean – Jacques. Introdução: Impossível virilidade. In: **História da Virilidade: A virilidade em crise?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CSORDAS, Thomas J. **Corpo/ Significado/ Cura**. Editora: UFRGS, 2003.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Editora da UFRG, 2002, 159 p.

DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George; e GUEDES, Simoni Lahud. Antropologia e Esporte. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 14, n. 30, jul./dez. 2008.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

ESPING_ANDERSEN, G. (1991). As Três Economias do Welfare State. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*. N. 24. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n24/a06n24.pdf>. Acesso em: 3 maio 2011.

FRANZINI, Fábio. **Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol**. *Rev. Bras. Hist.*, Dez 2005, vol.25, no.50, p.315-328.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

GASTALDO, Édison. As relações jocosas futebolísticas: Futebol, sociabilidade e conflitos no Brasil. **MANA** 16 (2): 311-325, 2010.

GOLDEMBERG, Mirian (Org.). **O corpo carioca desnudo**. Rio de Janeiro: Record, 2002. 414 p.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: la identidad deteriorada**. 5. ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993, 172 p.

GROSSI, Mirim Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. **Antropologia de Primeira Mão**. Florianópolis, 1998. p. 1-18.

GURAM, Milton. **Documentação fotográfica e pesquisa científica: notas e reflexões**. Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HAROCHE, Claudine. Antropologias da virilidade: o medo da impotência. In: **História da Virilidade: A virilidade em crise?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HOOKS, Bell. Black women: shaping feminist theory. In: HOOKS, Bell. **Feminist theory: from margin to center**. Cambridge: South End Press Classic, 2000. p. 1-18.

HILLEBRAND, Marinez Domeneghini; GROSSI, Patrícia Krieger; MORAES, João Feliz de. Preconceito de gênero em mulheres praticantes do esporte universitário. **PSICO**, v. 39, n. 4, p. 425-430, out./dez. 2008.

LEITE, Rogério Proença. Política dos usos: a construção dos lugares no espaço público. In: LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade: lugares e espaço**

público na experiência urbana contemporânea. Campinas,SP: Editora da UNICAMP; Aracaju,SE: Editora UFS, 2004. p. 284-319.

LESSA, Patrícia. **Carteira rosa: a tecnofabricação dos corpos sexuados nos testes de feminilidade na Olimpíada de 1968.** Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 35, n. 2, 2013.

MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca. **Na MetrÓpole: textos de antropologia urbana.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos aquipélagos da Nova Guiné Melanésia.** São Paulo: Cultura Industrial, 1976.

MARCASSA, Luciana. As faces do lazer: categorias necessárias à sua compreensão.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 13., 2003b, Caxambú. **Anais...**Caxambu: CBCE, 2003. CD ROM.

MENICUCCI, Telma. Políticas públicas de lazer: questões analíticas e desafios políticos. In: ISAYAMA, H. F; LINHALES, M. A. (Org.). **Sobre lazer e política: maneiras de ver, maneiras de fazer.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MIGUEL, Raquel de Barros; RIAL, Carmem. "Programa de mulher". In: **Nova história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2012.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normatização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n° 21, jan./jun. 2009, p. 150-89.

ORTNER, Sherry. **Uma Atualização da Teoria da Prática.** Blumenau: Nova Letra, 2007.

PAIVA, Rodrigo. A dimensão do Esporte Educacional. **Apabb**, 2010. Disponível em: <http://www.apabb.org.br/visualizar/A-dimenso-do-Esporte-Educacional/737>. Acesso em: 10 jan. 2013.

PINTO, Christiane Silva. Na mídia: professora de Antropologia da UFSC é fonte em matéria sobre participação das mulheres no futebol. **Notícias da UFSC.** Universidade Federal de Santa Catarina, 24 de junho de 2010. Disponível em: <http://noticias.ufsc.br/2010/06/24/na-midia-professora-de-antropologia-da-ufsc-e-fonte-em-materia-sobre-a-participacao-das-mulheres-no-futebol>. Acesso em: 25 jan. 2010.

RIAL, Carmen. **Banal Religiosity: Brazilian Athletes as New Missionaries of the Neo-Pentecostal Diaspora.** In: *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, v. 9, n. 2. July to December 2012.

_____. Futebol praticado por mulheres no Brasil: paradoxo do doxa. **Goethe-Institut Brasilien**, dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.goethe.de/ins/br/sap/prj/fus/ges/pt9400756.htm>. Acesso em: 25 jan. 2012.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu** (16), 2001. p.115-136.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990 [1985].

_____. **O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção**. *Mana* 3(2):103-150, 1997.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analyses. **Gender and the politics of history**. New York: Columbia University Press, 1989.

SPIVAK, Gayatri. **Pode um subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua:novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social**; Ver. Sociol. USP, S. Paulo, 5 (1-2): 1994. p. 161-178.

STAHLBERG, Lara T. Jogando em vários campos: torcedoras, futebol e gênero. In: TOLEDO, Luiz H.; Costa, Carlos E. (Orgs.). **Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas**. São Paulo, 2009.

TOLEDO, Cecília. **Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide**. São Paulo: Sundermann, 2008.

TOLEDO, Luiz Henrique; COSTA, Carlos Eduardo. **Visão de Jogo – Antropologia das Práticas Esportivas**. Editora: terceiro nome, FAPESP, 2009.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira – **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VIGARELLO, Georges. Exercitar-se, jogar. In: CORBIN, Alain; CORTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo: Da Renascença às Luzes**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e Alma: Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, 294 p.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: DA SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD,

Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.**
Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

APÊNDICE I



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

QUESTIONÁRIO SÓCIO-ECONÔMICO

I. Identificação das jogadoras:

1. Como você se sente: ()Feminina () Masculina () Outros: _____
2. Orientação sexual: () Homossexual () Heterossexual () Bissexual
() Outros _____
3. Em que cidade/Estado nasceu: _____
4. Idade: _____
5. Estado civil: ()Solteira(o) ()Casada(o) ()Divorciada(o)
()União estável ()Viúva(o) ()Outros: _____
6. Possui filhos? Sim () Não () Quantos? _____
7. Religião: _____
8. Escolaridade: _____
9. Instituição/Cidade/Ano de formação _____
10. Possui pós-graduação? Sim () Não () Descreva nome: _____
11. Profissão/ocupação: _____
12. Renda familiar: () 3 a 5 salários mínimos () 5 a 7 salários () 8 a 10 salários
() mais que 11 salários
17. O imóvel que você mora é: próprio () alugado () Cedido ()
18. Você possui computador? () sim () não
19. Tem acesso a internet? () sim () não Onde? _____
Quais os sites que você mais acessa? _____
20. Possui automóvel? sim () não ()
Qual(is) modelo(os) e ano(s)? _____
21. Qual sua prática de lazer preferida? _____

*Pesquisadora Responsável: Valleria Araujo de Oliveira
Telefone para contato: 8208-7809
e-mail: valleria.a.oliveira@gmail.com*

APÊNDICE II

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA AS JOGADORAS

- a) Quando você começou a jogar futebol? De onde partiu a influencia?
 - b) Através do que/de quem você conheceu esse grupo de jogadoras?
 - c) Qual é o motivo pelo qual você se reúne com este grupo?
 - d) Você participa de outros eventos/jogos e/ou encontros relacionados ao futebol?
 - e) O que esse futebol de terça/quinta significa para você?
 - f) O futebol faz parte do seu cotidiano? De que maneira?
 - g) Você já sofreu/sofre algum tipo de preconceito por jogar futebol? Quais são os comentários mais freqüentes?
 - h) Sua família aceita que você pratique esse esporte? Houve alguma tentativa de impedimento por parte da sua família para que você não praticasse o futebol?
 - i) O que você entende por gênero?
 - j) Você acha que as jogadoras de futebol seguem um padrão de comportamento/ vestimentas/maneiras de agir e conversar?
 - k) Você se considera masculina, feminina, ou acha que não se enquadra em nenhum desses padrões? Sofre preconceito?
 - l) Você acha que as mulheres devem se comportar e se vestir de acordo com o gênero feminino? Sua convivência com as jogadoras que seguem esse padrão?
 - m) De que maneira você acha que os frequentadores (as) do espaço onde vocês praticam o esporte percebem as mulheres que jogam futebol?
- SUGESTÕES - finalização
- Gostaria de estudar mais sobre o assunto? O que? Crítica ou sugestão ao tipo de entrevista?

APÉNDICE III

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA @S FREQUENTADOR@S

- a) Quando você começou a jogar futebol? De onde partiu a influencia?
- b) Quando iniciou a prática do futebol, esta se remetia a centro esportivos/escolinhas de treinamento ou enquanto brincadeira/diversão com os amig@s?
- c) Através do que/de quem você conheceu esse espaço para a prática do futebol?
- d) Qual é a frequência do seu grupo neste espaço?
- e) Você participa de outros eventos/jogos e/ou encontros relacionados ao futebol? Há presença de mulheres nestes espaços? Qual é o nível de participação delas nestes espaços?
- f) O que você entende por gênero?
- g) Você acha que o futebol é uma prática para homens/mulheres?
- h) O que você acha do futebol ser praticado por mulheres?
- i) Você acha que as jogadoras de futebol seguem um padrão de comportamento/ vestimentas/maneiras de agir e conversar?
- j) Você conhece/convive com outras mulheres que jogam futebol? O que você acha de mulheres que praticam futebol?
- k) Como você percebe o gênero das jogadoras de futebol deste espaço?
- l) A presença das mulheres praticantes de futebol deste espaço gera algum tipo de desconforto/ constrangimento/ aborrecimento dentro do seu grupo? Quais são os comentários mais frequentes relacionados à essas jogadoras dentro do seu grupo?
- m) Você acha que as mulheres devem se comportar e se vestir de acordo com o gênero feminino?
- n) O que você acha que poderia ser feito para que diminua/acabe com o preconceito e estereótipos relacionados à mulheres que praticam futebol.

APÊNDICE IV



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: Futebol feminino: Identidades de gênero e as representações corporais na prática do lazer de jogadoras em Goiânia (GO).

Pesquisadora: Profa. Valleria Araujo de Oliveira (Especialista em Políticas Públicas/ UFG e Mestranda do Programa de Antropologia Social da Faculdade de Ciências Sociais da UFG)

Orientadora: Profa. Dra. Telma Camargo da Silva, Faculdade de Ciências Sociais, UFG.

V.Sa. está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), de uma pesquisa. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Esta pesquisa propõe compreender as representações sobre as relações de gênero vivenciadas pelas jogadoras de futebol praticado como lazer e dos demais atores sociais que estão envolvidos direta ou indiretamente com elas. Em outras palavras, essa pesquisa objetiva compreender como as identidades de gênero das jogadoras de futebol são vivenciadas e percebidas por elas, por seus familiares e pelos frequentadores (as) dos espaços em que este esporte é praticado como lazer.

Como metodologia para coleta de dados, serão utilizadas a aplicação de questionário sócio-econômico e entrevistas semi-estruturadas gravadas. O resultado da pesquisa será a realização da dissertação a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás.

Afirmamos ainda que todas as informações prestadas serão de uso exclusivo para esta pesquisa e que a identidade do/da entrevistado/a, a vossa identidade será preservada.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar desta pesquisa como sujeito. fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora valleria araujo de oliveira, sobre a pesquisa **“Sapatões, periguetes e mulherzinhas: des (construindo) o que é “ser mulher” no campo de futebol”**, e sobre os procedimentos nela desenvolvidos como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer

penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento, se for o caso). em caso de dúvida sobre a pesquisa entre em contato com a pesquisadora responsável valleria araujo de oliveira, no telefone: (62) 8208-7809. em casos de dúvidas sobre os seus direitos como participante nesta pesquisa, você poderá entrar em contato com o comitê de ética em pesquisa da universidade federal de goiás, nos telefones: 3521-1075 ou 3521-1076.

Local e data: _____

Nome e Assinatura do sujeito: _____

Nome e assinatura da pesquisadora: _____